

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOSIANE VELTEN

A DIAKONIA E AS MULHERES: “ONDE FOR PREGADO EM TODO O MUNDO O EVANGELHO, SERÁ CONTADO TAMBÉM O QUE ELA FEZ, PARA MEMÓRIA SUA”

São Leopoldo

2022

JOSIANE VELTEN

A DIAKONIA E AS MULHERES: “ONDE FOR PREGADO EM TODO O MUNDO O EVANGELHO, SERÁ CONTADO TAMBÉM O QUE ELA FEZ, PARA MEMÓRIA SUA”

Dissertação de Mestrado

Para a obtenção do grau de

Mestra em Teologia

Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação em Teologia

Área de concentração: Teologia Prática

Pessoa docente orientadora: Profa. Dra. Marcia Blasi

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V445d Velten, Josiane

A diakonia e as mulheres: "Onde for pregado em todo mundo o evangelho, será contado também o que ela fez, para memória sua" / Josiane Velten ; orientadora Marcia Blasi. – São Leopoldo : EST/PPG, 2022.

101 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Diakonia (Palavra grega). 2. Diaconisas. 3. Mulheres-Liderança. 4. Mulheres- Protagonismo. 5. Teologia feminista. I. Blasi, Marcia, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOSIANE VELTEN

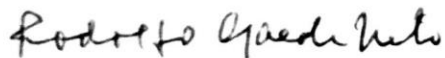
A DIAKONIA E AS MULHERES: “ONDE FOR PREGADO EM TODO O MUNDO O EVANGELHO, SERÁ CONTADO TAMBÉM O QUE ELA FEZ, PARA MEMÓRIA SUA”

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 31 de agosto de 2022



PROF.^a DR.^a MÁRCIA BLASI (PRESIDENTE)



PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (EST)

PROF.^a DR.^a MÁRCIA ELIANE LEINDCKER DA PAIXÃO (UFSM)
Participação por webconferência

RESUMO

VELTEN, Josiane. A diakonia e as mulheres: “onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será contado também o que ela fez, para memória sua”. Dissertação de Mestrado. Faculdades EST, São Leopoldo, 2022.

Essa dissertação tem por objetivo pesquisar a relação existente entre a diaconia e as mulheres a partir de três recortes históricos específicos. Em primeiro lugar, a partir do surgimento da Casa Matriz de Diaconisas e a atuação das diaconisas, em segundo, a diaconia e as mulheres no ministério de Jesus e por fim, a diaconia e as mulheres no período apostólico. O intuito é analisar esses três recortes históricos sob a perspectiva dos estudos de gênero buscando apontar para o protagonismo das mulheres. Jesus dignifica a diaconia valorizando o servir, que até então era visto como uma atividade de inferioridade realizado por pessoas escravas e pelas mulheres. O conceito diaconia inaugurado por Jesus é completamente inovador. Ao afirmar que veio para servir e não para ser servido (Mc 10.43), Jesus aponta para uma nova relação a ser estabelecida com quem está à margem. Com isso, mulheres são empoderadas, são ouvidas, são tocadas e expõe seu sofrimento. Por meio da análise destes três contextos específicos se pode afirmar que, independentemente do contexto e do período, as mulheres exerceram liderança e que seu protagonismo foi diaconal. Além disso, é possível constatar que muitos homens tentaram suprimir a liderança das mulheres, ou ainda, se sobrepor ao trabalho desenvolvido por cada mulher nomeada nessa pesquisa. Autoras e autores como: Elisabeth Schüssler Fiorenza, Walter Altmann, Ivone Gebara, Mercedes Lopes, Gerda Nied, Ruthild Brakemeier, Rodolfo Gaede Neto, Luise Schottroff, Ivoni Richter Reimer, Dierk Starnitzke, Dorothee Sölle, Márcia Paixão, Elsa Tamez entre outros nomes, auxiliam a refletir sobre esses achados de pesquisa. Com base nos estudos destas autoras e destes autores, resgatamos e documentamos o protagonismo de mulheres diaconisas, dentre as quais nomeio Gerda Nied, Wera Frank, Febe, Júnia e Priscila. A partir desse estudo é possível afirmar que a diaconia também significa exercer liderança e que frentes importantes de atuação diaconal foram assumidas por mulheres.

Palavras-chave: Diakonia, Diaconisas, Jesus, Mulheres, Liderança, Protagonismo

ABSTRACT

VELTEN, Josiane. Diakonia and women: “wherever the gospel is preached throughout the world, what she has done will also be told, in memory of her”. Master’s thesis. Faculdades EST, São Leopoldo, 2022.

This thesis aims to investigate the relationship between diakonia and women from three specific historical perspectives. Firstly, from the emergence of the Mother House of Deaconesses and the work of the deaconesses, secondly, diakonia and women in the ministry of Jesus and finally, diakonia and women in the apostolic period. The aim is to analyze these three historical clippings from the perspective of gender studies, seeking to point to the protagonism of women. Jesus dignifies diakonia by valuing service, which until then was seen as an inferior activity carried out by slaves and women. The concept of diakonia inaugurated by Jesus is completely innovative. By stating that he came to serve and not to be served (Mk 10.43), Jesus points to a new relationship to be established with those on the margins. With this, women are empowered, are heard, are touched and expose their suffering. Through the analysis of these three specific contexts, it can be stated that, regardless of context and period, women exercised leadership and that their protagonism was diaconal. In addition, it is possible to verify that many men tried to suppress the leadership of women, or even superimpose themselves over the work carried out by each woman named in this research. Authors such as: Elisabeth Schüssler Fiorenza, Walter Altmann, Ivone Gebara, Mercedes Lopes, Gerda Nied, Ruthild Brakemeier, Rodolfo Gaede Neto, Luise Schottroff, Ivoni Richter Reimer, Dierk Starnitzke, Dorothee Sölle, Márcia Paixão, Elsa Tamez, among other names, help to reflect on these research findings. Based on the studies of these authors, we recovered and documented the protagonism of women deaconesses, among which I name Gerda Nied, Wera Frank, Phoebe, Junia and Priscila. Based on this study, it is possible to state that diakonia also means exercising leadership and that important fronts of diaconal action were assumed by women.

Keywords: Diakonia, Deaconesses, Jesus, Women, Leadership, Protagonism

Agradeço imensamente:

A Deus por renovar minhas forças e aperfeiçoar meus dons diariamente;

Ao meu pai Josias e minha mãe Florentina por me mostrarem a simplicidade da vida;

*Ao meu companheiro de caminhada, Heitor, por me animar, me apoiar, fortalecer e encorajar a
não desistir dos meus sonhos;*

*À Casa Matriz de Diaconisas, especialmente às Irmãs Wera Franke e Gerda Nied, que me
incentivaram de diversas maneiras e que me ensinaram a sempre confiar no cuidado de Deus;*

*À CAPES, ao conceder minha bolsa de pesquisa e à Faculdades EST por me mostrar que a
teologia possibilita trilhar caminhos de libertação, coragem e protagonismo.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A CASA MATRIZ DE DIACONISAS	23
2.1	Quem são Diáconas? Quem são Diaconisas?.....	23
2.2	A primeira Casa Matriz de Diaconisas.....	25
2.3	A Casa Matriz de Diaconisas no Brasil.....	28
2.4	O trabalho desenvolvido pelas Diaconisas no Brasil	30
2.4.1	Irmã Wera Franke	33
2.4.2	Irmã Gerda Nied.....	35
2.5	Casa Matriz de Diaconisas: presente e futuro	39
3	A <i>DIAKONIA</i> DE JESUS	43
3.1	A <i>diakonia</i> de Jesus.....	45
3.2	A <i>diakonia</i> nos Evangelhos.....	47
3.3	A <i>Diakonia</i> e a mulher no Novo Testamento.....	52
3.4	A Presença das mulheres no ministério de Jesus	54
3.5	Jesus e as mulheres.....	56
3.6	A <i>Diakonein</i> de Jesus transforma.....	59
3.7	A <i>Diakonia</i> de Jesus sob a perspectiva das Comunhões de Mesa.....	61
3.8	A <i>diakonia</i> cria comunhão	64
4	A PRESENÇA E ATUAÇÃO DAS MULHERES NO PERÍODO APOSTÓLICO: TESTEMUNHO ATUANTE DE VIDA E FÉ.....	69
4.1	A atuação das mulheres registrada nas cartas paulinas	70
4.2	Apóstola? Diácona? Missionária? Quem são elas?.....	75
4.2.1	Febe: a diácona da Igreja em Cencreia	75
4.2.2	Priscila: a missionária	77

4.2.3	Júnia: a apóstola do Novo Testamento	79
4.3	Dê nome ao silenciamento!.....	81
5	CONCLUSÃO	85
6	REFERÊNCIAS	91
7	ANEXOS	96

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada é fruto de um profundo envolvimento pessoal com a Casa Matriz de Diaconisas – CMD, em São Leopoldo/RS, especialmente com as Irmãs Wera Franke e Gerda Nied. O primeiro contato com a instituição aconteceu em 2016 a partir de um curso promovido pelo Sínodo Rio do Sinos, que abordou a temática do cuidado. Por meio desta formação, as pessoas participantes foram convidadas a conhecer de perto o trabalho diaconal na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil por meio das Diaconisas.

Desde o primeiro contato com a Ir. Wera Franke, me senti vocacionada a aprofundar o estudo da diaconia. A maneira como ela abordava o conceito diaconia e o seu testemunho de vida dado durante as conversas, me instigaram a conhecer mais sobre a Casa Matriz de Diaconisas. Além disso, esse contato com a Ir. Wera me fez ingressar no aspirantado¹ tendo em vista também me tornar uma Irmã futuramente. Infelizmente, a Ir. Wera não estava mais entre nós naquela data quando fui acolhida na Irmandade Evangélica Luterana. Sou grata a Deus pela sabedoria e pelo tempo de vida concedido a Ir. Wera.

Durante o aspirantado não tive a oportunidade de conviver com a Ir. Gerda Nied. Ela ainda estava atuando no seu campo de trabalho. O contato maior com a Ir. Gerda se deu durante a escrita da dissertação, quando residi por um semestre no espaço da Casa Matriz. Ir. Gerda, já estava um pouco debilitada quando veio morar na CMD², porém tivemos momentos muito significativos juntas. Ela nos deixou no último ano, porém me aconselhou muitas vezes a não desistir de estudar e a seguir confiante, porque as lutas ainda seriam muitas.

Enquanto estive mais próxima do convívio diário, também das pesquisas nos materiais o arquivo histórico da Casa Matriz, algumas questões me chamaram atenção. Mas principalmente uma situação me marcou bastante. As Irmãs, com seu amor pela vida e luta constante pela dignidade das pessoas mais sofridas, apontaram que, a Igreja, somente pode se encarnar no cotidiano da humanidade por meio da diaconia.

¹ O aspirantado é o período preparatório para o ingresso na Irmandade. Esse período pode levar de dois a três anos. E durante esse tempo, são aprofundados temas sobre a irmandade, fundação da Casa Matriz de Diaconisas e também sobre a diaconia. Além disso, é um período em que temos a oportunidade de conhecer a história de vida de outras irmãs, especialmente aquelas que residem na instituição.

² Doravante usaremos somente a sigla CMD para identificar Casa Matriz de Diaconisas.

Esse fato me fez olhar de forma atenta a diaconia da própria Irmandade Evangélica Luterana. Ter esse olhar atento para o trabalho desenvolvido pelas Irmãs fortaleceu a vontade de integrar a irmandade e vir a somar nesta instituição da IECLB.

Muitas Irmãs não receberam o devido reconhecimento por sua inserção e trabalho. Isso pode ser verificado nos registros das paróquias em que atuaram. Muitas paróquias e comunidades não preservaram a atuação das Irmãs, quando estas trabalhavam de forma paralela com pastores homens. O reconhecimento pode ser evidenciado nas paredes de secretarias paroquiais onde, raramente, é possível encontrar a foto de alguma diaconisa. Muitas histórias foram apagadas, esquecidas ou se perderam no tempo. Tais questões talvez estejam relacionadas a não valorização do ministério diaconal ou ainda, ao não reconhecimento do exercício ministerial de mulheres. Mesmo assim é possível afirmar que elas não se calaram diante do preconceito, do machismo, da discriminação e da opressão. Pelo contrário, exerceram seu trabalho com muita dedicação.

A vivência junto as Irmãs na Casa Matriz de Diaconisas, despertou o meu interesse por resgatar temas relevantes da diaconia em contexto brasileiro e que nos primórdios da atuação de Diaconisas no Brasil, permeou toda a vivência prática destas mulheres. Especialmente, esta pesquisa aborda o paralelo entre a diaconia e a vida das mulheres em três períodos históricos: a Casa Matriz de Diaconisas, a diaconia de Jesus e o protagonismo das primeiras no período apostólico. A escolha por estruturar a pesquisa nestes diferentes períodos históricos acontece porque duas situações chamaram minha atenção.

A primeira delas: a atuação e os *Princípios de Vida*³ das Irmãs da Casa Matriz, estão firmados na diaconia de Jesus. É da diaconia de Jesus que nasce o servir, o cuidado e o zelo pelas pessoas mais marginalizadas. A diaconia de Jesus rompe o preconceito e nos faz enxergar a outra pessoa com misericórdia. Segundo: em vários momentos de convivência, ouvi das Irmãs que o servir não é liderança, mas é colocar-se junto a quem sofre. Inclusive, a Ir. Ilanda Goelzer se refere a essa questão em seu livro:

Jesus Cristo escolheu seus discípulos e os encaminhou como mensageiros da Palavra de Deus. Assim, foram enviados para anunciar que todas as pessoas deveriam se arrepender dos seus pecados (Marcos 6.12). Foram também escolhidos os diáconos para servir à mesa – homens cheios do Espírito Santo, que tinham boa reputação social e sabedoria. Eles

³ Abordaremos esse conteúdo mais adiante.

foram escolhidos para cuidar da distribuição da alimentação e para atender as necessidades, principalmente das viúvas, que estavam sendo esquecidas (Atos 6.1-4).⁴

Pensei em tantas Irmãs, que justamente pela sua liderança é que puderam servir. Pensei ainda em tantas outras mulheres dos primórdios da Igreja que serviram por meio de sua liderança. Ou ainda, tantas mulheres que abriram suas casas para receber Jesus e ali, exerceram liderança, sendo ouvidas por grandes multidões. Pensei no protagonismo dessas mulheres e, ao mesmo tempo, na violência intrínseca em seus corpos. Violências que apesar de oportunizar uma carreira profissional para as mulheres do século XIX, restringe o conhecimento para a área do cuidado numa perspectiva de submissão. O poder exercido sobre seus corpos, bem como o tipo de vestimenta imposta para a caracterização de atuação das diaconisas também deve ser analisada sob a ótica da violência e da dominação.

O protagonismo, as dificuldades, os medos, as violências, o controle de corpos, as barreiras, as alegrias e tantos outros sentimentos que permearam a vida dessas mulheres diaconisas, das mulheres em contato com o movimento de Jesus e das mulheres líderes no período apostólico,

Muitas pessoas, ao lerem esta pesquisa se perguntarão: o que une estes três períodos históricos tão distintos explanados nesta pesquisa? A resposta que ofereço é a seguinte: O que une esses três recortes específicos é a Casa Matriz de Diaconisas. O servir a Cristo e as outras pessoas, a oração e o convívio com outras mulheres numa irmandade, são questões da vivência diária da Casa Matriz de Diaconisas e se refletem no aprofundamento feito ao longo da pesquisa. Estes são também os *Princípios de Vida*⁵ um documento que compõe o regimento interno da Casa Matriz de Diaconisas e organiza a convivência em irmandade.

Para que a leitura desta pesquisa ocorra de forma fluente, o conceito histórico e o significado do termo diaconia, serão explanados antes de adentrarmos ao texto. Além disso, a hermenêutica da suspeita, bem como os estudos de gênero são métodos de pesquisa que utilizo durante o desenvolvimento da dissertação. Por esse motivo, tais conceitos serão abordados ainda na introdução. Sendo assim, toda vez que estes conceitos forem citados ao longo da dissertação, pressupõe-se o seguinte:

⁴ GOELZER, Ilanda. **O dom de Deus abre caminhos**. São Leopoldo: Sinodal, 2020, p. 12.

⁵ Aprofundaremos este documento no primeiro capítulo desta dissertação.

Diakonia provém do grego, sendo que sua forma verbal é *diakonein*.⁶ Originalmente, esse termo significa “providenciar os gêneros alimentícios, sua preparação diária para o consumo e a organização das refeições, ou seja, *diakonein*, quer dizer ‘cuidar da subsistência’”.⁷ No mundo grego, a *diakonein* era entendida como sendo função a ser desempenhada pelas mulheres: “é tarefa de mulheres”.⁸ Entendia-se ainda que, o servir à mesa tratava-se de uma ação que “envolve sujeição pessoal que era considerada indigna e desonrosa”⁹ e, por isso, possuía para o povo grego um aspecto negativo. Segundo Gaede Neto, “para quem busca a felicidade na grandeza, na sabedoria, na nobreza, no senhorio, na dominação, a função de um escravo ou de uma mulher é indigna”.¹⁰

Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, o substantivo *diakonia* expressa uma determinada ocupação. Isso quer dizer algum tipo de serviço ou mesmo um cargo. Nesta citação, Hess aborda, especificamente, quem assume este serviço: “*diákonos* denota a pessoa que leva a efeito a tarefa. Logo, o significado primário no Gr. (grego) secular era um ‘garçom’, e assim é usado mais tarde com referência às refeições rituais”.¹¹

No Novo Testamento estas informações ficam evidentes. A tarefa de preparar a comida e servir é trabalho destinado, principalmente, aos escravos e escravas. E este servir à mesa é, por sua vez, designado *diakonein*. Mesmo assim, a tarefa das pessoas escravas é ainda mais ampla: “João 13.4 pressupõe que escravos e escravas lavam os pés das pessoas convidadas para a ceia”.¹² Além disso, na ausência de escravos e escravas, a tarefa de preparar a comida e servir era destinado às mulheres. Nesse caso, “se o *diakonein* é realizado por uma mulher, então ela precisa esperar a ceia terminar, para comer depois”.¹³

Ao resgatarmos a biografia de mulheres do mundo bíblico, os estudos de gênero e a hermenêutica feminista possuem importância primordial nesse processo. Segundo as pesquisadoras Márcia Paixão e Edla Eggert duas questões são importantes para compreendermos a relação

⁶ GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: BORTOLETO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo, SP: ASTE, 2008. p. 288.

⁷ GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. 2. ed. revista. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2021. p. 69.

⁸ BEYER, Hermann Wolfgang. Verbetes diakonéo, diakonía, diákonos. In: Kittel, GERHARD (Hrsg.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1950. V. 2, p. 81.

⁹ HESS, Klaus. Verbetes: servir, diácono, adoração. In: BROWN, Colin (Ed.). **Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1983. v. 4, p. 449.

¹⁰ GAEDE NETO, 2021, p. 69.

¹¹ HESS, 1983, p. 449.

¹² GAEDE NETO, 2021, p. 70.

¹³ GAEDE NETO, 2021, p. 70.

existente entre homens e homens, mulheres e mulheres e homens e mulheres. Em primeiro lugar, “o aspecto biológico das pessoas não é suficiente para explicar ou determinar o comportamento masculino e do feminino na vida em sociedade”.¹⁴ Em segundo, é necessário nos ater a compreensão do significado de poder.

As mulheres, em geral, estão em posições subalternas na vida social, política, econômica e nas religiões. Nesse sentido, esse conceito traz outro olhar para as relações, ampliando a análise para além do sexo, do biológico. Introduce a reflexão de que as relações e comportamentos sociais e institucionais são apreendidos e transmitidos de geração em geração, reproduzindo um ciclo de dominação de uns sobre os outros.¹⁵

Ivone Gebara ressalta que o feminismo trouxe à tona conceitos discriminatórios e excludentes para analisá-los oportunizando sua interpretação e apontando para possibilidade de diferentes práticas.¹⁶ Nesse sentido, aspectos da hermenêutica feminista cooperam na análise dos textos. Especialmente, o método fenomenológico direciona para situações que carecem de maior investigação.

Nesse método as particularidades das experiências vividas são o ponto central. O específico, e não apenas o geral, é o foco da análise. Pergunta-se sobre o lugar específico das mulheres, quem são essas mulheres, quais sofrimentos, como os percebem, como e de que forma os narram. Ouvir e falar são elementos constitutivos desse método.¹⁷

O método fenomenológico diz respeito às próprias experiências. A vida é a própria ferramenta de interpretação dos fatos do passado para os novos apontamentos futuros. Ou seja, “esta distância dos fatos, que permite lembrar o passado no presente, possibilita contar no presente as dores e sofrimentos, ressignificar esse mal e encontrar novas formas de viver”.¹⁸

Gênero e diaconia são termos que perpassam toda esta pesquisa provocando reflexões e questionamentos sobre a maneira como o protagonismo das mulheres foi sendo contato ao longo da história. Considero ousado esse apanhado. Isso porque partimos da realidade de que não é tarefa fácil buscar por situações, na literatura bíblica, que expõe, de forma clara, a liderança das mulheres.

¹⁴ PAIXÃO, Márcia Eliane; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (Org.). **Processos Educativos No Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 16.

¹⁵ PAIXÃO; EGGERT, 2011, p 16.

¹⁶ GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 38.

¹⁷ PAIXÃO; EGGERT, 2011, p 17.

¹⁸ PAIXÃO; EGGERT, 2011, p 17.

Por isso, os estudos de gênero, bem como a hermenêutica feminista têm importância fundamental nesta discussão.

A análise feminista se apropria de outros fatores para a análise de situações específicas do contexto bíblico. São observados o contexto da escrita, o texto em sua escrita original, pessoas do entorno e as histórias narradas antes e depois do texto propriamente em análise, “até o ponto de trazer consciência para subverter as estratégias kyriaricais, colocando esses sujeitos no centro da reflexão”.¹⁹

Joan Scott sistematiza, pela primeira vez, o conceito gênero de maneira a fomentar os estudos de gênero numa perspectiva de pesquisa. Por isso, ela define o conceito da seguinte maneira: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.²⁰

Ou seja, o termo gênero diz respeito a uma análise desse fenômeno construído pela sociedade que aponta para determinados papéis a serem assumidos por homens ou por mulheres. Já a pesquisadora Mercedes Lopes define o termo da seguinte forma: “O conceito de gênero é uma ferramenta que se usa tanto para a análise da realidade como para a análise de textos bíblicos produzidos pelas comunidades em cada época e cultura”.²¹

Os relatos bíblicos, especialmente aqueles que narram os evangelhos sinóticos apontam para o tipo de relação existente naquele período. Não é por qualquer motivo que a relação de Jesus para com as mulheres causa tanto espanto. Além do mais, também não é por qualquer motivo que a liderança exercida pelas diaconisas em diferentes campos de atuação causa tanto espanto. Porém, tais situações não são situações isoladas. A interconexão passado e presente se mostra visível ao pesquisar tais assuntos. De qualquer forma, Scott chama nossa atenção para o seguinte fato:

Devemos examinar atentamente nossos métodos de análise, clarificar nossas hipóteses de trabalho, e explicar como a mudança ocorre. Em vez da busca de origens únicas, temos

¹⁹ SOUZA, Carolina Bezerra de. **Marcos: evangelhos das mulheres**. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017. tese (doutorado). p. 24

²⁰ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50.). Disponível em: Disponível em: file:///C:/Users/htech/Downloads/71721-Texto%20do%20artigo-297572-1-10-20170307.pdf. Acesso em: 02 de jul. 2022.

²¹ LOPES, Mercedes. **A confissão de Marta: leitura a partir de uma ótica de gênero**. São Paulo, SP: Paulinas, 1996. p. 10.

que pensar nos processos como estando tão interconectados que não podem ser separados. É evidente que isolamos certos problemas para serem estudados e que estes problemas constituem pontos de partida ou de entrada para processos complexos. Mas são os processos que devemos ter sempre em mente. Devemos nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram.²²

Segundo Mercedes Lopes, é de suma importância “que nos dediquemos à tarefa de ler a Bíblia com os olhos de mulher”.²³ Márcia Paixão e Edla Eggert também apontam nessa direção, ao ressaltarem que “a questão de gênero auxilia a entender e a perceber aquilo que estava oculto na construção da história dos seres humanos”.²⁴

A experiência, as descobertas e as interpretações certamente serão outras se suspeitamos “daquilo que a cultura e o conhecimento consideram como superior. (...) A noção de gênero contribuirá para relativizar o conhecimento e visibilizar o que estava oculto”.²⁵ É tarefa dos estudos de gênero atuar de forma incisiva na pergunta pelo lugar onde estão as mulheres e por que naquela ocasião não são citadas. Como já vimos, “gênero é uma construção social, ou seja, a distribuição de papéis e a divisão de competências entre os sexos são alimentados no âmbito social e cultural de uma sociedade.”²⁶

As autoras acima, apresentam aspectos em comum da pesquisa que é norteadada pelos estudos de gênero. Trata-se de examinar a maneira como a exposição da temática envolvendo as mulheres está sendo realizada. Os estudos de gênero envolvem não somente a apresentação de uma determinada problemática, mas o estudo do contexto como um todo. Vejamos o exemplo a seguir:

Para Lopes, adentrar ao texto bíblico, por meio da hermenêutica feminista, significa encontrar “uma tradição alternativa ao patriarcado”.²⁷ Lopes se concentra em apresentar para seus leitores e suas leitoras a grande contribuição da hermenêutica feminista ao sistematizar o quarto evangelho, evangelho de João, de forma a evidenciar o relato feito sobre a atuação de mulheres junto ao ministério de Jesus e o impacto disso para as gerações posteriores. Para Lopes, “a Boa-Nova de Jesus, segundo João, começa com uma mulher: Maria, a mãe de Jesus”.²⁸

²² SCOTT, 1995, p. 85-86.

²³ LOPES, 1996, p. 13.

²⁴ PAIXÃO; EGGERT, 2011, p. 18.

²⁵ LOPES, 1996, p. 13.

²⁶ SOUZA, 2017, p. 24.

²⁷ LOPES, 1996, p. 30.

²⁸ LOPES, 1996, p. 30.

A reflexão nos auxilia a entender que “no ambiente em que Jesus viveu certamente havia tradições alternativas judaicas que resistiam ao patriarcado, posturas contra-corrente com as quais Jesus se teria identificado e que contavam também com a participação ativa das mulheres.”²⁹

As relações constituídas são extremamente patriarcais. Mesmo que haja relatos bíblicos da participação das mulheres em funções importantes das primeiras comunidades cristãs, o ocultamento da liderança exercida é um fato que, ao longo das gerações, foi tomando forma e tal atitude pouco questionada. Dar-se conta desse ocultamento da atuação das mulheres é o que se propõe a fazer a hermenêutica feminista.

A hermenêutica feminista valoriza a fala e quem fala. Por isso, dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida. Dizer o que sente, o que sofre, quais as alegrias vividas é devolver a dignidade perdida ou ocultada pelas práticas excludentes patriarcais. Pensar sobre as histórias de vida e fazer disso uma prática que repensa a vida é promover o protagonismo e empoderamento das mulheres. Essas formas de ser e fazer viabilizam relações sociais mais justas e igualitárias entre os seres humanos. É isso que o feminismo busca e espera das relações entre homens e mulheres. A partir dessa hermenêutica, percebe-se a complexidade dos mecanismos sociais, religiosos, econômicos, psicológicos e culturais e quando se faz necessário pensar e contar a história pessoal e dar-se conta das relações sociais de nosso tempo e espaço para recuperar a vida e o bem-estar das pessoas.³⁰

Com base no conceito diaconia, inaugurado por Jesus, me propus a pesquisar e relação entre diaconia e gênero a partir de três contextos específicos: iniciando pela história da Casa Matriz de Diaconisas e respectivamente atuação das diaconisas, no ministério de Jesus e finalizando com a atuação das mulheres no período apostólico, em que resgato a biografia de Febe, Priscila e Júnia. Além disso, verificar a conectividade destes três períodos históricos. Entendo que a fé das mulheres permeia a vida de cada uma delas nestes três recortes históricos. A fé lança nossos olhares para o protagonismo de cada uma delas, mesmo em tempos tão distintos. A fé de cada mulher aqui abordada faz perceber que também existiram muitas dificuldades, mas segundo relato da Irmã Gerda Nied, “crendo que Deus me sustentava e fortalecia”.³¹

Cada temática é desdobrada num capítulo, que serão desenvolvidos da seguinte forma: O primeiro capítulo enfoca a criação da primeira Casa Matriz de Diaconisas. Este projeto foi iniciado pelo pastor Theodor Fliedner, em Kaiserswerth/Alemanha e o subsequente envio de Irmãs para o

²⁹ LOPES, 1996, p. 15.

³⁰ PAIXÃO; EGGERT, 2011, p. 18.

³¹ NIED, Gerda; MERZ, Gerhilde. **Apesar de tudo abraçar a vida**. Blumenau: Otto Kuhr, 2012. p. 29.

trabalho em contexto brasileiro. Com a explosão da Segunda Guerra Mundial, não foi mais possível receber Irmãs da Alemanha, sendo necessário construir uma Casa Matriz em solo brasileiro, vindo a ser inaugurada em 1939.

A Casa Matriz de Diaconisas no Brasil, foi responsável por enviar Irmãs para o trabalho em hospitais, lares, escolas, creches e comunidades luteranas das regiões de migração, especialmente norte e nordeste do país. Muitas moças viram no trabalho diaconal uma proposta alternativa de vida. Afinal, a formação diaconal seria uma opção de vida além do casamento. Neste capítulo também resgato a biografia de duas Irmãs na intenção de preservar o protagonismo das Diaconisas.

Escolhi a Ir. Wera Franke, que ainda pertencia a Casa Matriz de Wittenberg e a Ir. Gerda Nied, que foi uma forte liderança junto aos migrantes das novas áreas no norte do Brasil. Ao escolhê-las, incluo também as demais Irmãs da Casa Matriz e apresento, por meio das biografias, suas inserções. Além disso, com as biografias, é possível ter uma noção prática da maneira como elas viviam, enquanto residiam na instituição. A vida das Irmãs Diaconisas nos primeiros anos de internato, incluía uma rotina de espiritualidade, alimentação saudável, convivência e estudo. Após a consagração, esperava-se que essa rotina permanecesse junto com cada Irmã nos seus respectivos campos de trabalho. A oração e os cultos regulares são questões que, ainda hoje fazem parte da rotina diária na própria instituição.

O segundo capítulo desta dissertação, explora a diaconia de Jesus. O próprio Cristo não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida por muita gente (Mc 10. 45). A partir do servir, Jesus lidera grandes multidões, chamando atenção para que se tenha um olhar atento para as pessoas excluídas. Estas pessoas eram, principalmente mulheres, crianças, pobres, pessoas exploradas e marginalizadas.

A diaconia de Jesus traz uma forte crítica ao patriarcado, que excluía, oprimia e segregava. Por meio dos relatos nos Evangelhos, percebemos a constante atuação de Jesus junto as pessoas mais necessitadas. Além disso, nos evangelhos é possível perceber a transformação do contexto provocada pelas ações de Jesus, pois o servir, a *diakonein* transforma realidades. Como consequência, cada pessoa que se via numa situação de rejeição ou maltratada, era incluída de novo na comunhão.

Nesse sentido, é preciso resgatar a presença das mulheres no ministério de Jesus. Elas faziam parte do grande grupo de pessoas excluídas. Jesus cura-as de suas enfermidades físicas,

espirituais, lhes devolve a dignidade, e com isso voltam a integrar a comunhão, mas principalmente se tornam seguidoras de Jesus. Por isso, as comunhões de mesa, aspecto apontado neste capítulo, possuem apontamentos muito importantes. A partir das comunhões de mesa, vê-se na prática a igualdade e a justiça como fonte de convívio.

Por fim, o terceiro capítulo pergunta: quem são elas? Esta pergunta é a chave para que se resgate importantes biografias e inserções de mulheres em qualquer período histórico que se desejar. Eu, particularmente, fiz essa pergunta a alguns textos do Novo Testamento. O Evangelho de Marcos, por exemplo, e ainda o texto de Romanos 16. Verificamos nomes de mulheres nesse texto e em mais textos dos Evangelhos (Maria Madalena, Maria, Salomé, Suzana, Marta...). Este capítulo, levanta alguns apontamentos em torno da atuação de três mulheres, especificamente, que são nomeadas na carta do apóstolo Paulo à comunidade de Roma. Febe, Priscila e Júnias são mulheres esquecidas pela história e ocultadas em sua atuação pelo registro patriarcal.

Tal resgate é possível por meio de importantes ferramentas de pesquisa. Os estudos de gênero, a teologia feminista e a hermenêutica feminista auxiliam nesta tarefa. Além disso, nos ajudam a refletir sobre o conceito poder e a maneira como a liderança é vista quando exercida por homens ou por mulheres.

De qualquer forma, com esta pesquisa me proponho a resgatar e preservar para as gerações futuras um pouco sobre a história das diaconisas, bem como o significado deste conceito em Jesus e como ele é aplicado. Com isso, defino meu objetivo com esta pesquisa da seguinte forma: abordar a relação entre diaconia e a vida das mulheres em três períodos históricos específicos: A Casa Matriz de Diaconisas, a diaconia de Jesus e o protagonismo das mulheres no período apostólico a partir de Febe, Priscila e Júnias.

Ainda algumas informações importantes: A sigla CMD é usada para se referir a instituição Casa Matriz de Diaconisas. Além disso, quando uso o termo Diaconisas ou Irmãs me refiro às mulheres consagradas pela Casa Matriz de Diaconisas (instituição) para o exercício diaconal nas instituições para a qual elas eram enviadas. Após algumas mudanças no estatuto da CMD, bem como a implementação do Ministério Compartilhado na IECLB, a formação diaconal passou a ser de responsabilidade das Faculdades EST. Isso fez com que o termo Irmãs fosse usado para denominar mulheres que fazem parte de uma irmandade e não mais um ministério.

2 A CASA MATRIZ DE DIACONISAS

O que essa irmã baixinha teria a ensinar?

Gerda Nied

Este capítulo apresenta a história do surgimento da primeira Casa Matriz de Diaconisas na Alemanha e o início da construção da Casa Matriz de Diaconisas no Brasil, ressaltando a formação oferecida na área da enfermagem e atuação das diaconisas nos espaços de inserção.

Num contexto marcado pela privação do estudo para as mulheres, especialmente camponesas, a CMD possibilitou um espaço de formação e profissionalismo, bem como ofereceu a oportunidade de campos de atuação. Muitas mulheres se sentiram vocacionadas para atuar dessa maneira. Elas testemunharam a diaconia de Jesus junto às pessoas mais necessitadas e animaram outras pessoas a também colocar seus dons a serviço.

Como testemunhas dessa trajetória e da experiência vivida, as biografias das Irmãs Wera Franke e Gerda Nied receberão destaque. Elas dedicaram sua vida em favor das pessoas com as quais atuaram. Porém, não se pode romantizar ou fantasiar a atuação dessas mulheres. Elas enfrentaram muitas dificuldades, sendo necessário abdicar do convívio com a família e aprender a conviver, muitas vezes, numa realidade totalmente diferente do que conheciam. “Mas lá eu estava sozinha com uma grande responsabilidade”.³²

2.1 QUEM SÃO DIÁCONAS? QUEM SÃO DIACONISAS?

Ao aprofundarmos a história da Casa Matriz de Diaconisas em Kaiserswerth e também no Brasil, vamos nos deparar com a atuação das diaconisas. Contudo, ao nos referirmos ao trabalho destas mulheres atualmente, encontramos o termo diáconas. É importante entender quando cada termo deve ser utilizado e a diferença de ambas as atribuições.

³² NIED; MERZ, 2012, p. 29.

Segundo Elisabeth Gössmann,³³ Paulo na carta aos Romanos, faz referência a Febe como a *diakonos* de Cencreia, líder de uma comunidade doméstica. “Não se fazia distinção entre homens e mulheres. Nas traduções procura-se camuflar este título: ‘a qual serve na Igreja...’”.³⁴ Na primeira carta de Timóteo, o autor também busca evitar o título diácona, ao exortar tal atuação, conforme 1 Tm 3. 8-13.

Na Igreja primitiva as diáconas ou diaconisas tinham o mesmo grau dos diáconos e recebiam – como diríamos hoje – a mesma ordem sacramental ‘maior’ que distinguia o ‘clero’ propriamente dito dos leigos. Mas apesar da igual dignidade, logo as funções das “diáconas” foram sendo reduzidas.³⁵

Mesmo que o contexto bíblico não diferencie o termo *diakonos* para mulheres e homens, o diaconato como ofício de mulher não surgiu como proposta de acolhimento para a atuação de mulheres em ofícios eclesiásticos. Esta construção veio no século III, quando as diáconas “instruíam os catecúmenos e executavam uma grande parte dos ritos batismais para as mulheres: elas despiam as candidatas ao batismo e ungiam seus corpos nus com óleo”.³⁶ Depois disso, as mulheres eram levadas pelas diáconas até a pia batismal. Eram mergulhadas e recebiam uma veste branca, sendo apresentadas como mulheres batizadas. Esta tarefa era confiada às diáconas porque “aos homens não era permitido missionar nos aposentos femininos, além de se perceber que não ficava bem dignitário masculinos ungirem corpos nus de mulheres.”³⁷

A partir do momento em que o batismo de adultos se tornou um acontecimento mais raro, a atuação das diáconas foi sendo cada vez mais controlada, sendo delegado a elas o cuidado de pessoas enfermas por ser considerada uma tarefa condizente com a atuação das mulheres diáconas. Por fim, “a ‘diaconia’ das mulheres se transformou em ‘serviço’, a ‘diaconia’ dos homens em ‘ofício’”.³⁸

Ao mesmo tempo, “o diaconato feminino é o primeiro ofício eclesiástico a que foi ligada a obrigação do celibato”.³⁹ A proposta de Fliedner, ao fundar a primeira Casa Matriz de Diaconisas, está fundamentada nessa compreensão. O lugar reservado para o trabalho de mulheres foi na

³³ GÖSSMANN, Elisabeth. **Dicionário de teologia feminista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 114.

³⁴ GÖSSMANN, 1997, p. 114.

³⁵ GÖSSMANN, 1997, p. 115.

³⁶ GÖSSMANN, 1997, p. 115.

³⁷ GÖSSMANN, 1997, p. 116.

³⁸ GÖSSMANN, 1997, p. 116.

³⁹ GÖSSMANN, 1997, p. 116.

assistência às pessoas enfermas. Porém, a condução, a representação da instituição e a organização prática para o envio das mulheres diaconisas, sempre esteve ligada a Fliedner. Ou seja, um pastor, homem, direcionou o trabalho de mulheres e decidiu as regras que obedeceriam ao longo da vida.

No Brasil, a experiência não foi diferente. Mesmo que houvesse uma irmã-diretora na condução diárias das atividades institucionais, as decisões diretivas eram tomadas por um pastor homem. Este, inclusive era nominado “pastor das irmãs”.⁴⁰ Ainda hoje esta prática é vigente.

O conceito *diakonos* também utilizado para mulheres no contexto bíblico, abrangia “tarefas no culto, anúncio do Evangelho, auxílio ao próximo, direção da comunidade”.⁴¹ Esta foi uma proposta do ministério de Jesus, onde todas as pessoas serviam umas outras. Porém, com a institucionalização dos cargos e dos ofícios da Igreja, “os poderes das diaconisas foram ficando restritos aos serviços auxiliares do culto e à atividade caritativa”.⁴²

O termo diaconisas, como o conhecemos hoje, nasceu em Calvino, reformador do século XVI. “Tendo Calvino definido juridicamente os ofícios, ao lado dos ofícios dos diáconos, formou-se nas igrejas reformadas o das diaconisas”.⁴³ No século XIX, com Fliedner, houve uma renovação desse ofício, sendo dado enfoque a “diaconia da casa materna”, baseado numa estrutura em que a instituição é dirigida por um homem e uma mulher. A primeira mulher a ocupar tal função em foi Frederike Fliedner, casada com Theodor Fliedner. Ela foi a primeira Irmã-diretora da Casa Matriz em Kaiserswerth, porém, Frederike “só foi mantida no cargo da presidente, sob supervisão do diretório masculino”.⁴⁴

2.2 A PRIMEIRA CASA MATRIZ DE DIACONISAS

O projeto inicial de construção e organização da primeira Casa Matriz de Diaconisas aconteceu na Alemanha e foi idealizado pelo pastor Theodor Fliedner e esposa Friederike Fliedner. Convencidos de que também as mulheres eram vocacionadas para o exercício de tarefas na comunidade, fundaram na pequena cidade de Kaiserswerth, em 1836, uma instituição, onde

⁴⁰ BRAKEMEIER, 2019, p. 179.

⁴¹ GÖSSMANN, 1997, p. 118.

⁴² GÖSSMANN, 1997, p. 118.

⁴³ GÖSSMANN, 1997, p. 118.

⁴⁴ GÖSSMANN, 1997, p. 119.

mulheres poderiam se preparar no intuito de servir ao próximo necessitado, recebendo também formação profissional para essa atuação.⁴⁵

Algo ainda preocupava Theodor e Friederike.

Os pobres doentes já eram nossa preocupação há muito tempo. Quantas vezes os vi abandonados, fisicamente malcuidados, espiritualmente esquecidos, definhando nos seus quartos insalubres, como folhas de outono! Pois quantas cidades, mesmo aquelas de população numerosa, estavam sem hospital.⁴⁶

Fliedner arrecadou fundos para comprar uma casa ampla do pequeno vilarejo de Kaiserswerth⁴⁷, na intenção de que pudesse vir a se tornar um espaço de recuperação para pessoas doentes. Este hospital, tinha como propósito oportunizar atendimento médico para as pessoas mais pobres por meio das enfermeiras evangélicas que, mais tarde já eram conhecidas em todos os lugares como diaconisas. As primeiras Irmãs atuaram neste hospital e puderam adquirir experiência e formação para atuar como enfermeiras.

O contexto de surgimento da instituição iniciada por Fliedner foi bastante conturbado e marcado por grande miséria, fome e pobreza em toda Europa. A revolução industrial havia tornado muitas pessoas vulneráveis e a I Guerra Mundial também havia contribuído para a situação miserável em que muitas pessoas se encontravam. A diaconia do século XIX é reflexo da necessidade extrema por cuidados básicos.

Apesar da estrutura institucional estar fundamentada numa realidade machista e patriarcal, muitas mulheres, especialmente camponesas, assumiram “funções nas quais pudessem desenvolver suas capacidades e assumir responsabilidades, mesmo sendo solteiras”.⁴⁸ Além disso, a estrutura de diaconato feminino obteve sucesso pois esteve baseada numa importante combinação dividida em três dimensões: ministério, profissão e comunhão.⁴⁹

Quando Fliedner encaminhou ao rei da Prússia, o primeiro estatuto da Sociedade de Diaconisas, o termo “diaconisas” não foi bem aceito. Carlos da Prússia “Era de opinião que a

⁴⁵ BRAKEMEIER, Ruthild. **Um ramo na videira: a casa matriz de diaconisas**. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 13.

⁴⁶ FLIEDNER *apud* BRAKEMEIER, 2019, p. 16.

⁴⁷ Ver anexo 1.

⁴⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 9.

⁴⁹ BRAKEMEIER, 2019, p. 24.

instituição deveria ter um caráter humanitário, mas não eclesiástico”.⁵⁰ De qualquer forma, Fliedner justificou-se:

As diaconisas são, como na primeira igreja cristã, (...) assistentes dos pobres no sentido amplo e restrito, (...) sem que nós consideremos importante ou venhamos exigir para elas uma dignidade eclesiástica externa como na primeira igreja cristã. Queremos que elas atuem no espírito e sentido das diaconisas apostólicas e que, em consequência disso, também fiquem mais ligadas à constituição da igreja; que cada vez mais se tornem auxiliares privativas na assistência aos pobres a serviço de nossas grandes comunidades eclesiásticas.⁵¹

A proposta apresentada reitera que por meio do trabalho diaconal, as mulheres poderiam ter uma profissão. Nesse sentido, dois grandes campos foram abertos para a atuação de mulheres: a enfermagem e a educação infantil. A formação necessária era oferecida em Kaiserswerth, a partir do ingresso das jovens na instituição. “Pela primeira vez na história, mulheres recebiam aulas teóricas e práticas sobre enfermagem, dadas por um médico e pela diretora da instituição”.⁵²

Um fato interessante foi a vestimenta das mulheres. Cada uma delas passou a usar a vestimenta que, na cultura local, significava ser casada.

A dignidade de uma mulher, aos olhos da sociedade da época, media-se pelo volume de tecido que se usava para seu vestido. (...) A touca era a peça de identificação da mulher casada. Isso ajudou as mulheres solteiras no reconhecimento de sua dignidade, de modo que puderam desvincular-se de seu ambiente familiar e atuar em público.⁵³

Theodor Fliedner elaborou um regimento interno para a instituição. Esse regimento dava orientação para o processo de ingresso, estágio e tempo de serviço das diaconisas. Na instituição, a diretora seria responsável pela formação. “O relacionamento com ela seria como o de mãe para filha. Ele, o diretor, queria ser visto como ‘pai’ da instituição. A instituição tinha, portanto, o estilo patriarcal da época”.⁵⁴ As diaconisas deviam obediência a essa estrutura e, entre si, seriam “irmãs”.

Após Kaiserswerth, outra Casa Matriz foi fundada em Wittenberg. Esta, por sua vez, expandiu a atuação enviando Irmãs para o trabalho no exterior. A Casa Matriz de Diaconisas de

⁵⁰ Já no início deste apanhado, sinais eminentes do preconceito se apresentam. De repente mulheres buscam ocupar esses espaços reservados somente a homens. Pastores agora precisariam reconhecer o exercício do ministério de mulheres? Nesse contexto o poder e a autoridade são temáticas que se fazem presente.

⁵¹ FLIEDNER *apud* BRAKEMEIER, 2019, p. 24.

⁵² BRAKEMEIER, 2019, p. 25.

⁵³ BRAKEMEIER, 2019, p. 28.

⁵⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 28.

Wittenberg foi responsável por enviar, anos mais tarde, as primeiras Diaconisas para o trabalho em hospitais e comunidades evangélicas no Brasil.

2.3 A CASA MATRIZ DE DIACONISAS NO BRASIL

A Casa Matriz de Diaconisas, com sede em São Leopoldo/RS e filiada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, foi fundada em 1939. Sua fundação foi fruto da ajuda vocacional e financeira de muitas pessoas e de outras instituições, especialmente a OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas⁵⁵, que auxiliou através da doação de roupa de cama, louça e demais objetos para atender à necessidade das Irmãs.

“Durante os primeiros dez anos, a casa recebeu 45 candidatas a Irmandade, das quais 27 permaneceram”.⁵⁶ A maioria das jovens que optavam pelo ingresso na Casa Matriz de Diaconisas, vinham de regiões do interior. A escolaridade era bem precária. Muitas delas tinham como idioma o alemão. Nesse sentido, a CMD teve que investir na formação destas mulheres.

Quando as moças chegavam na CMD, a Irmã diretora as acolhia e era também quem lecionava os primeiros componentes. Nesse período de estudo antes da consagração, as moças eram nominadas aspirantes. Ao chegarem na Casa Matriz, cada aspirante recebia um quarto, sendo este compartilhado com outras colegas. As aspirantes viviam num contexto de internato. Por isso, a maioria delas visitava sua família em datas comemorativas, como a Páscoa ou o Natal. Além dos espaços comuns serem compartilhados, também as tarefas diárias eram divididas entre elas, a limpeza dos espaços, do jardim, lavanderia e assim por diante.

Durante os primeiros anos no internato, “estudavam-se as regras para a vida profissional e comunitária”.⁵⁷ O livreto estudado, era o mesmo elaborado por Fliedner como documento que permeava a vida de cada Irmã. “Ele inicia com uma fundamentação bíblica do ministério da diaconisa (...)”.⁵⁸ Também se estudava sobre “a liturgia da consagração, a oração mensal, a

⁵⁵ A Sociedade Auxiliadora de Senhoras para o Exterior – OASE – surgiu na Alemanha. Sua finalidade era reunir mulheres para a leitura da bíblia e discussão de assuntos sociais pertinentes. Além disso, a OASE auxiliou financeiramente as Igrejas e instituições no exterior com poucos recursos. Esse engajamento possibilitou a formação de mulheres diaconisas para o trabalho social. No Brasil, a OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, organizou-se em 1899 em Rio Claro, São Paulo com o mesmo propósito. Para aprofundar o tema ver BRAKEMEIER, 2019, p. 77.

⁵⁶ BRAKEMEIER, 2019, p. 86.

⁵⁷ BRAKEMEIER, 2019, p. 87.

⁵⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 87.

comunhão das irmãs. Mas também havia assuntos de ordem prática, como: a formação, o sustento das irmãs e o hábito”.⁵⁹

A formação profissional somente iniciava após dois anos de convivência no internato. A partir desse momento, as Irmãs iniciam o curso de enfermagem no Hospital Moinhos de Vento. Porém, este curso ainda não era oficialmente reconhecido. “Um grande empecilho para uma melhor qualificação das Irmãs foi a urgência com que seus serviços estavam sendo requeridos. Em todo o território brasileiro havia uma grande falta de pessoas habilitadas para trabalhar na enfermagem”.⁶⁰

Por esse motivo, também a consagração acontecia, quando as moças ainda eram muito jovens. Este é o caso da Irmã Ilanda Goelzer que escreve: “Como irmã diaconisa, aos 23 anos de idade, fui enviada ao Hospital de Caridade em Taquara/RS. Após cinco anos, para o Hospital Moinhos de Vento em Porto Alegre/RS, onde atuava no ramo da nutrição, conforme o dom que Deus me deu”.⁶¹

Cada vez mais, solicitava-se a atuação das diaconisas. Não somente em contexto hospitalar, mas também comunitário. Por esse motivo, viu-se a necessidade de ampliar a formação e criar um seminário para a formação de mulheres que pudessem atuar nas comunidades da IECLB. Estas mulheres iriam desenvolver a tarefa de assistentes comunitárias. Conforme a Irmã Ruthild Brakemeier, esta era uma proposta ousada por parte da Casa Matriz. Além disso, havia um grande receio: “Haveria os recursos financeiros necessários? Haveria alunas interessadas?”⁶²

No dia 05 de março de 1974, aconteceu a inauguração do Seminário Bíblico-Diaconal. Este seminário tinha enfoque na formação de mulheres para trabalhar como assistente comunitária. “Com a criação do Seminário Bíblico-Diaconal pensa-se atender parcialmente muitos pedidos por irmãs, encaminhando para aquele serviço as ‘assistentes comunitárias’”.⁶³ No seminário havia aulas de conhecimentos bíblicos, história, canto e música.

O curso era de três anos. Cada ano tinha ênfase numa área específica. No primeiro ano, o conteúdo estava voltado para a pessoa idosa. No segundo ano, para a criança e no terceiro, para o trabalho em comunidade. No ano de 1981, o curso recebeu reconhecimento oficial. A formação

⁵⁹ BRAKEMEIER, 2019, p. 87.

⁶⁰ BRAKEMEIER, 2019, p. 93.

⁶¹ GOELZER, Ilanda. **O dom de Deus abre caminhos**. São Leopoldo: Sinodal, 2020. p. 6.

⁶² BRAKEMEIER, 2019, p. 114.

⁶³ DROSTE *apud* BRAKEMEIER, 2019, p. 115.

passou a se chamar Curso Auxiliar em Desenvolvimento de Comunidade. Isso significou que “ao concluírem o seminário, as alunas tinham o 2º grau completo”.⁶⁴

A partir de 1982, a procura pela formação aumentou consideravelmente. Por esse motivo, foi necessário implementar um retiro de seleção. Neste ano, o seminário recebera 49 alunas. A partir de 1987, a Irmã Arleti Mattner assumiu a direção do seminário. Eram 20 professores e professoras que lecionavam no seminário. Nos anos de 1990 outro importante passo foi dado.

A escola encaminhou à Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul os projetos para a criação e implantação dos “Cursos Supletivos de Qualificação Profissional” nas três ênfases. Em dezembro, a direção recebeu a comunicação de que foram aprovados os cursos supletivos de Auxiliar de Creche e Assistente Gerontológico. No ano seguinte, também recebeu a aprovação do Curso Supletivo de Qualificação Profissional em Desenvolvimento de Comunidade.⁶⁵

Nem todas as mulheres que ingressam no Seminário Bíblico-Diaconal vieram a se tornar Irmãs diaconisas.⁶⁶ Por outro lado, muitas dessas mulheres abriram espaço para um importante diálogo quanto ao ministério diaconal na IECLB. Com isso, a equiparação dos demais ministérios ao lado do ministério pastoral.

A seguir daremos maior ênfase aos projetos criados e mantidos pelas Irmãs diaconisas a partir do exemplo de duas Irmãs em especial. Com isso, também vamos observar que a rotina exigiu muita dedicação, pois fica evidente a dificuldade para lidar com determinadas situações.

2.4 O TRABALHO DESENVOLVIDO PELAS DIACONISAS NO BRASIL

As diaconisas atuavam, principalmente em contexto hospitalar. Porém, havia também Irmãs que atuavam em comunidades luteranas, em creches e internatos para mulheres. A Escola da Vida, nominada a partir dos anos 2000 Associação Beneficente Escola para Vida - ABEVI, localizada em Ariquemes/RO, foi fundada pela Ir. Gerda Nied, no ano de 1980, em parceria com a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Ariquemes. A proposta inicial desta escola era

⁶⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 116.

⁶⁵ BRAKEMEIER, 2019, p. 117.

⁶⁶ Em 30 de outubro de 1976 foi fundada na Associação Diacônica Luterana – ADL, no Espírito Santo, outra comunhão diaconal, a Comunhão de Obreiros Diaconais – COD. A COD possibilitava que mulheres que não quisessem aderir ao sistema do celibato ou do *hábito* como na CMD, pudessem fazer parte de uma outra irmandade. Na COD também haviam homens que buscavam pela ordenação diaconal.

acolher meninas do interior para que pudessem estudar. Ali, as meninas tinham aulas de corte e costura, conhecimentos bíblicos, educação sexual, artes e conhecimentos na área da saúde. Atualmente, a ABEVI acolhe crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, oportunizando melhores perspectivas de vida a partir das atividades oferecidas, como artes, jogos e meditações bíblicas.⁶⁷ Na Escola da Vida atuaram muitas Irmãs: Ir. Edlar Bublitz, Ir. Doraci Edinger, Ir. Gerda Nied, Ir. Siglinda Braun e ainda outras.

A partir dos anos de 1970 novas frentes de atuação também foram assumidas pelas diaconisas. Em 1969, a Irmã Ruthild Brakemeier assumiu o cargo de orientadora da OASE da Região Eclesiástica IV. Sua atuação abrangia praticamente a metade do estado do Rio Grande do Sul. Irmã Ruthild “visitava os grupos, organizava congressos e retiros, escrevia circulares e preparava material, como o Roteiro de Trabalho da OASE, editado anualmente. Ela exerceu esse cargo durante 14 anos”.⁶⁸

Outro campo totalmente diferente e de grande importância surgiu nesse período. Em 1988, a IECLB criou o Departamento de Diaconia⁶⁹, em que atuou, inicialmente, a Irmã Hildegart Hertel. A Ir. Hildegart foi responsável pela organização de material prático para o trabalho comunitário, auxiliando diversas lideranças de atuação diaconal como “a pessoa idosa na instituição, pessoas com deficiência, jovens e crianças empobrecidas, movimentos populares, saúde comunitária”.⁷⁰ Por meio da motivação feita pela Ir. Hildegart, foi introduzido no calendário festivo da IECLB o Dia Nacional da Diaconia, comemorado no domingo *Misericordias Domini*. Além disso, “durante os 15 anos de existência desse departamento foi criado o logotipo simbolizando a pomba que traz esperança ao povo brasileiro com um grão de feijão a germinar”.⁷¹

Irmãs atuaram também em diferentes áreas de missão na Igreja, tanto no Brasil como no exterior, como por exemplo, a Irmã Doraci Edinger. Ela iniciou sua atuação como diaconisa junto aos povos indígenas, na Amazônia. Em 1998, foi enviada como missionária para Moçambique, na

⁶⁷ O vídeo institucional da ABEVI pode ser acessado no Portal Luteranos no link: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-diaconia/contando-a-nossa-historia-escola-para-a-vida-ariquemes-ro.

⁶⁸ BRAKEMEIER, 2019, p. 130.

⁶⁹ O departamento de diaconia na IECLB foi criado em 1988 e permaneceu com essa nomenclatura até 2008 quando passou a se chamar coordenação de diaconia. O departamento tinha uma equipe sob sua responsabilidade para adentrar a temática da diaconia para a vida eclesial. Isso envolvia a publicação de materiais e viagens para a sistematização dos assuntos junto às comunidades da IECLB.

⁷⁰ BRAKEMEIER, 2019, p. 132.

⁷¹ BRAKEMEIER, 2019, p. 132.

África, numa parceria entre IECLB e a Igreja Luterana de Moçambique. Irmã Doraci atuou em três áreas específicas: “saúde, educação e edificação de comunidades identificadas com a confissão luterana”.⁷²

Irmã Doraci desenvolveu também um trabalho com mulheres, com estudos bíblicos, cantos e orações. “Discutem problemas que dizem respeito à mulher, como também a importância do seu papel na igreja. Ensaiam cantos para apresentar nos cultos aos domingos. Elas criaram o seu conselho com presidente, vice-presidente, secretária e tesoureira. Aos poucos vão perdendo a timidez”.⁷³

Ir. Doraci foi brutalmente assassinada. “Seu testemunho de total dedicação teve um impacto grande sobre a população moçambicana, com a qual se relacionava de forma amigável”.⁷⁴ O envio para os campos de atuação não era uma questão tão simples.⁷⁵ Nem sempre as Irmãs se adaptavam ao contexto a qual eram enviadas ou no respectivo cargo a ser ocupado. Este é o caso da Ir. Klara Schäfer, que conforme relata a Ir. Ruthild Brakemeier, não se adaptou ao cargo de diretora da CMD:

Ir. Klara nunca se sentiu bem como diretora. Ela expressou seus sentimentos na autobiografia: “este cargo me foi imposto como um enorme capacete, grande e pesado demais para um anão, pois eu não tinha recebido nenhum preparo para essa função”. Mas, obediente, o carregou por dez anos.⁷⁶

Por outro lado, destaco o trabalho realizado pelas Irmãs Wera Franke e Gerda Nied. Elas atuaram em contextos distintos, mas nos primeiros anos de atuação estiveram bem próximas. Ir. Wera teve grande influência na vocação da Ir. Gerda. Durante seu período de internato, Ir. Gerda realizou seu estágio no hospital em Não-Me-Toque, onde Ir. Wera atuou por muitos anos. Além

⁷² ALTMANN, Walter. **A audácia de servir**: irmã Doraci: vida e morte pela missão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2022. p. 80.

⁷³ ALTMANN, 2022, p. 84-85.

⁷⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 134.

⁷⁵ “Até os anos de 1980, uma das regras da irmandade foi o ‘princípio do envio’. Segundo ele, a irmã se deixava enviar para um campo de serviço pela direção da Casa Matriz. Visto que o contrato de trabalho era feito entre o campo e a Casa Matriz, a diretoria da Casa Matriz era responsável por garantir que o serviço com as irmãs ocorresse bem. Por vezes, isso lhe trazia grande preocupação. Porque, quando uma irmã ficava doente, ou tirava férias, a direção tinha o dever de providenciar sua substituição. Essa tarefa era tão difícil, porque, ao preencher uma vaga, abria-se outra, em outro lugar. P. Droste chamou isso de ‘roda viva’ e P. Creutzberg escreveu numa circular que não concordava com essa estratégia, ‘pois não se quer transformar as irmãs em peças de xadrez’. Havia irmãs que eram verdadeiros coringas, porque tinham facilidade em se adaptar a uma nova situação. Outras, porém, não gostavam de ser transferidas.” BRAKEMEIER, 2019, p. 132.

⁷⁶ BRAKEMEIER, 2019, p. 91.

disso, já aposentada e residindo na CMD, Ir. Wera vocacionou a própria autora desta pesquisa a ingressar na Irmandade e continuar plantando sementes da diaconia. Por causa desse vínculo e pelo testemunho de vida, as biografias destas irmãs serão abaixo apresentadas de forma mais específica, evidenciando sua importante atuação no contexto brasileiro.

2.4.1 Irmã Wera Franke⁷⁷

Irmã Wera Franke nasceu em 17 de julho de 1917, no interior de Santa Cruz do Sul/RS. Sua família fabricava móveis e também tinha um moinho. Na entrevista concedida à Ir. Ruthild Brakemeier, disponível no Portal Luteranos⁷⁸, Ir. Wera expressou sua vontade de estudar desde muito pequena. Porém, conforme relatado por ela, ouviu muitas vezes: “Meninas não precisam de estudo”. Depois de muita insistência, a família permitiu o estudo por mais alguns anos além das séries iniciais, inclusive para aperfeiçoar o português.

Segundo a Ir. Wera, o jornal “A Folha Dominical”, que seu pai e sua mãe recebiam com frequência, trazia muitas informações sobre a instituição Pella e Bethânia. Ao se deparar com esse material, tinha profunda vontade de poder contribuir de alguma forma, ajudando principalmente as pessoas doentes. “Fui informada de que a melhor maneira de fazer isso seria tornar-me diaconisa”.⁷⁹ Ir. Wera também relatou em entrevista que, no município de Santa Cruz do Sul trabalhava a Ir. Paula Bergmann. O trabalho desenvolvido pela Ir. Paula fortaleceu a decisão da Ir. Wera. Assim, aos 20 anos de idade, ela já havia tomado uma decisão: tornar-se Diaconisa.

O pai e a mãe da Ir. Wera estavam receosos com sua decisão por tornar-se diaconisa. Porém, um tio havia dito: “Deixem-na! Em três meses estará de volta!” Ir. Wera não retornou para casa, mesmo que o trajeto não tivesse sido fácil.

⁷⁷ Ver anexo 2.

⁷⁸ PORTAL LUTERANOS. Em comunhão com as viDas das mulheres: História de vida da Irmã Wera Franke. São Leopoldo, 01 de out. 2014. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-wera-franke>. Acesso em: 03. Jun. 2022. Ver anexo 3.

⁷⁹ PORTAL LUTERANOS. Em comunhão com as viDas das mulheres: História de vida da Irmã Wera Franke. São Leopoldo, 01 de out. 2014. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-wera-franke>. Acesso em: 03. Jun. 2022.

O ingresso aos estudos, em 1938, ainda esteve vinculado à Casa Matriz de Diaconisas de Wittenberg, Alemanha. Nesse sentido, o hábito⁸⁰ que usou, também correspondia a vestimenta das diaconisas de Wittenberg. A formação da Ir. Wera na enfermagem e posterior atuação como Diaconisa, aconteceu no hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Ela não pôde conhecer sua Casa Matriz em Wittenberg antes da consagração, pois logo após seu ingresso nos estudos, iniciaram os conflitos da II Guerra Mundial. Além disso, a Ir. Wera relatava que sua consagração aconteceu na clausura do hospital Moinhos de Vento, em 1945. O medo era grande por causa da proibição da língua alemã em território brasileiro, mesmo assim, a consagração aconteceu em língua alemã. No café comemorativo após o ato da consagração, falou-se apenas o português.

A atuação da Ir. Wera, esteve totalmente voltada para a área da enfermagem. Ela relatava que “o aprendizado teórico foi muito fraco”.⁸¹ Por isso, quando seu professor de anatomia deixava seu livro na recepção, ela o levava para estudar durante a noite. Ao mesmo tempo, em que a Ir. Wera era responsável pelo cuidado das as pessoas enfermas, no hospital, ela também era responsável pela limpeza dos quartos e cuidados na lavagem das roupas. Esse também era o caso de outras Irmãs que atuavam em contexto hospitalar. Ir Wera relatava a severidade das Diaconisas chefes.

“O despreparo para muitas das funções” é a maior queixa da Ir. Wera. “Nos pequenos hospitais, quando havia só um médico, as Irmãs também tinham que fazer anestesia e outros procedimentos que hoje só cabem a um profissional especializado”.⁸²

Irmã Wera trabalhou nos hospitais de Sinimbu/RS, Montenegro/RS, Estância Velha/RS e durante 30 anos no hospital da cidade de Não-Me-Toque/RS. Quando perguntada, nos últimos anos de sua vida sobre qual era seu maior desejo, Ir. Wera respondeu: “Meu grande desejo é que a diaconia se desenvolva e que as comunidades despertem para ver sua importância”.

⁸⁰ *Hábito* é o nome dado a vestimenta de consagração das irmãs. Cada ordem de irmandade, especialmente, na Alemanha, possuía uma cor diferente para sua roupa. A Irmã Wera possuía uma vestimenta de cor azul escuro, enquanto as diaconisas brasileiras podiam ser identificadas por sua vestimenta de cor azul claro.

⁸¹ PORTAL LUTERANOS. Em comunhão com as viDas das mulheres: História de vida da Irmã Wera Franke. São Leopoldo, 01 de out. 2014. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-wera-franke>. Acesso em: 03. Jun. 2022.

⁸² PORTAL LUTERANOS. Em comunhão com as viDas das mulheres: História de vida da Irmã Wera Franke. São Leopoldo, 01 de out. 2014. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-wera-franke>. Acesso em: 03. Jun. 2022.

No hospital em Não-Me-Toque, Ir. Wera foi responsável por receber várias outras irmãs para realizarem seu estágio.⁸³ Esse foi o caso da Ir. Gerda Nied, que se valeu de todos os conhecimentos adquiridos durante o estágio para sua atuação futura junto às novas áreas de migração no norte do país.

2.4.2 Irmã Gerda Nied⁸⁴

Irmã Gerda nasceu em agosto de 1943, no interior do município de Lajeado, Rio Grande do Sul. Sua família vivia da agricultura. Quando ainda era muito pequena sua mãe faleceu vítima de tifo. Gerda e seus demais irmãos foram acolhidos por famílias vizinhas, que ajudaram no cuidado das crianças. Ainda muito cedo, “fui confrontada com a pergunta pelo sentido da vida. Para que se vive? Que posso fazer para que minha vida tenha sentido?”⁸⁵

Ir. Gerda relatou que o tempo na CMD trouxe momentos muito especiais, mas também de grandes lutas, e que todos eles ajudaram no seu crescimento pessoal. “Para mim foi algo completamente novo fazer parte dessa irmandade, enveredar juntamente com outras mulheres jovens pelo caminho da diaconia e sonhar com uma vida dedicada a pessoas necessitadas”.⁸⁶

Em seu livro, Ir. Gerda relata sobre sua dificuldade no processo de aprendizagem durante infância.

Escola e estudo eram para mim coisas espinhentas. Sempre foi assim que, ao serem anunciadas as notas de uma prova, eu figurava entre as últimas da lista de alunas. [...] Só muito mais tarde me foi dado a perceber que as nossas escolinhas do interior infelizmente eram muito fracas, dificultando para todos os jovens o acesso ao ensino nas cidades.⁸⁷

Segundo Ir. Gerda, ela havia sido aconselhada a trabalhar na área da enfermagem. Isso a fez ter novo ânimo para voltar a estudar: “Mas justamente quando se pensa estar no fim, vem de algum lugar um pequeno raio de esperança. E isso dá nova coragem”.⁸⁸ Com isso, Ir. Gerda voltou

⁸³ Muitas dessas informações são inéditas. Ainda não foram publicadas, porém foram encontradas a partir de pesquisa no arquivo histórico da Casa Matriz de Diaconisas. Também informações a seguir sobre a vida e o trabalho da Ir. Gerda, são informações encontradas por meio de pesquisa no arquivo histórico.

⁸⁴ Ver anexo 4.

⁸⁵ NIED; MERZ, 2012, p. 13.

⁸⁶ NIED; MERZ, 2012, p. 14.

⁸⁷ NIED; MERZ, 2012, p. 14-15.

⁸⁸ NIED; MERZ, 2012, p. 15.

às aulas. Passou a estudar a noite e durante o dia trabalhava no hospital em Não-Me-Toque. Ir. Gerda concluiu seus estudos, recebendo a certificação como auxiliar de enfermagem, pelo hospital Moinhos de Vento.

Ir. Gerda considerava que viviam “num espaço protegido, isoladas do que acontecia lá fora”.⁸⁹ Assuntos sobre a situação política do país e a situação em que viviam as pessoas mais pobres, eram temas que cativavam a sua atenção. “Os latifundiários estariam engolindo os pequenos agricultores, expulsando-os ou deixando-os irremediavelmente endividados, com pequenos créditos para consultas médicas ou para despesas”.⁹⁰

Muitas perguntas sobre sua vocação, bem como a existência de Deus inquietavam sua vida.

Quem é esse Deus ao qual diariamente oramos? (...) Será que o nosso cantar e orar de fato são agradáveis a Deus? Ou só imaginamos poder construir degraus para o céu por postura submissa? Para mim, essa busca era uma grave crise de vida, um período de constante conflito comigo mesma, com o caminho por mim escolhido, com “chamado”, como diria, que ainda não era bem o meu. E havia ainda um segundo conflito interno: será que eu era suficientemente dotada?⁹¹

Esses questionamentos fizeram com que a Ir. Gerda olhasse com mais atenção a transformação da realidade da própria IECLB. O Jornal Evangélico Luterano – JOREV, apontava para o grande crescimento da migração para as regiões norte e nordeste do Brasil. Muitas famílias, por motivos diversos tiveram que optar entre o caminho das grandes favelas nas grandes cidades ou a migração para a região amazônica, enfrentando em torno de 2500 km de caminho desconhecido. No entanto, segundo Ir. Gerda, “os imigrantes também não percebiam que eram massa de manobra dos poderes que os usavam para fins político-econômicos”.⁹²

A Ir. Gerda se sentiu chamada para atuar no contexto de migração.⁹³ Ela assumiu o setor da saúde na pastoral da saúde, em Colorado d’ Oeste/Rondônia. O trabalho foi intenso! “Geralmente, nós nos sentávamos diante da casinha, à sombra de uma árvore, e as pessoas nos falavam das suas alegrias e das suas preocupações, queixavam-se das doenças”.⁹⁴

⁸⁹ NIED; MERZ, 2012, p. 15.

⁹⁰ NIED; MERZ, 2012, p. 16.

⁹¹ NIED; MERZ, 2012, p. 16.

⁹² NIED; MERZ, 2012, p. 18.

⁹³ Ver anexo 5.

⁹⁴ NIED; MERZ, 2012, p. 23.

Ela oferecia também cursos em que os principais assuntos eram: “conhecimentos básicos de higiene, doenças transmitidas por bacilos e vírus, desenvolvimento de uma gestação, parto e prevenção de gravidez”.⁹⁵ Segundo Ir. Gerda, muitas pessoas se perguntavam: “O que essa irmã baixinha teria a ensinar?”⁹⁶

A cultura patriarcal era algo que incomodava bastante o trabalho da Ir. Gerda junto as famílias que viviam nas áreas de migração. Muitos os relatos de situações desse tipo podem ser encontrados em seus registros. Sua estatura e o fato de ser mulher traziam muitos comentários e julgamentos:

Eu já estava acostumada ao fato de que, devido à pequena estatura e por ser mulher, as pessoas não me julgavam capaz de façanhas de pioneiros. Na mata ainda valia o velho princípio patriarcal da divisão do trabalho entre os gêneros, e as mulheres tinham pouco a dizer quando os homens falavam.⁹⁷

Ir. Gerda foi enviada para Ariquemes, nas novas áreas de migração no ano de 1977, onde trabalhou durante sete anos. Durante esse período, ela impulsionou a criação de uma escola, originalmente chamada Escola da Vida. A grande maioria das pessoas migrantes eram descendentes de pomeranos vindos do Espírito Santo. Por causa das colheitas cada vez mais fracas nas terras do Espírito Santo, os pequenos agricultores estavam se endividando a cada ano e para se livrarem das dívidas, entregavam suas terras aos latifundiários.

Em busca de terras férteis, migraram para a região norte entre os anos 70 e 80. Ir. Gerda realizava visitas a estas famílias de migrantes, e numa dessas visitas, ela se deparou com uma situação que a impactou muito. Naquela noite, Ir. Gerda iria pernoitar na casa da família Müller. Eram migrantes do Espírito Santo e viviam num lugarzinho no meio do mato.

Depois da minha chegada, por algum tempo não pude ver a dona de casa. Por fim, percebi que ela estava na penumbra da cozinha junto ao fogão. O marido me convidou para sentar com ele à mesa, onde ficamos conversando sobre assuntos típicos para momentos em que se tem fome e se espera pela comida. Aos poucos os meus olhos se adaptaram à penumbra, e pude perceber algumas crianças agarradas à saia da mãe. Pareciam meio assustadas com a visita de uma mulher estranha. Uma jovem já maior ajudou no preparado da comida, e trouxe a panela fumegante para a mesa.⁹⁸

⁹⁵ NIED; MERZ, 2012, p. 25.

⁹⁶ NIED; MERZ, 2012, p. 25.

⁹⁷ NIED; MERZ, 2012, p. 43.

⁹⁸ NIED; MERZ, 2012, p. 70-71.

A jovem que serviu à mesa se chamava Cecília. Após a refeição ela levou Ir. Gerda até o quarto em que passaria a noite. Porém, Ir. Gerda havia notado algo diferente no semblante de Cecília. Parece que ela estava preocupada com alguma situação. Quando a Ir. Gerda sentou ao seu lado na cama, Cecília lhe relatou:

Só querem casar-me! Todos os dias tenho que ouvir: “moças de catorze e quinze anos arrumam um homem, e tu com os teus vinte anos ainda não tens nem namorado. Isso não é vida para mim. Nem quero casar. Quero sair daqui e aprender outra coisa. Você pode me ajudar?” Como não tive resposta para dar de imediato, pois com esse problema das jovens, no fundo, eu não havia sido confrontada ainda, ela logo continuou: “Claro que já podia ter arrumado um homem, vários até. Mas não quero! Ficar a vida toda aqui no mato e ser comandada por um sujeito? Vejo o que está acontecendo com a mãe”.⁹⁹

A Escola da Vida, atualmente Associação Beneficente Escola para a Vida, surgiu para que meninas tivessem oportunidade de estudar.

As jovens das linhas, muitas vezes, eram procedentes de lares com grandes restrições e cerceamentos. Entre os colonos prevalecia a opinião de que as filhas tinham que trabalhar e casar (como Cecília me disse claramente), para gerar filhos e novas gerações de mão de obra. Esta sempre fora a concepção difundida no meio rural.¹⁰⁰

A Escola da Vida era um internato, em que as meninas tinham aula de corte e costura, sexualidade, conhecimentos bíblicos e saúde durante o dia, e a noite faziam o ensino médio no colégio regular.

Nosso alvo, porém, era uma formação integral. A jovem mulher não podia limitar-se a ser mão de obra barata. Devia estar consciente de trabalhar em favor da vida. Não deveria só conhecer o inço na beira do caminho, mas também as flores. Deveria tornar-se um ser relacional, ter sonhos e saber que violência não contribui para a promoção da vida. Numa época em que a educação sexual praticamente não era tratada na escola, nós familiarizamos as jovens com essas questões íntimas da vida. Não lhes impusemos restrições morais, só lhes transmitimos o conhecimento essencial em termos de sexualidade.¹⁰¹

Eram muitas situações de dor e sofrimento, as quais Ir. Gerda presenciou durante o tempo em que esteve junto aos migrantes. Numa noite, quando não conseguia dormir, Ir. Gerda refletiu:

⁹⁹ NIED; MERZ, 2012, p. 71-72.

¹⁰⁰ NIED; MERZ, 2012, p. 75-76.

¹⁰¹ NIED; MERZ, 2012, p. 76.

“onde me deparei pela primeira vez com a palavra ‘diaconia’, na Bíblia? Por acaso, não foi ali onde havia desordem na sociedade? Com outras palavras: onde acontecia a injustiça, onde pessoas viviam em sofrimento, na periferia da sociedade?”¹⁰²

Mais tarde, Ir. Gerda mudou-se para Balsas, no Maranhão, onde conduziu o trabalho da recém-fundada Associação dos Pequenos Produtores Fundo de Quintal. Também trabalhou em Gravatá, Pernambuco de maio de 1996 a meados de 2000.

Já aposentada, iniciou mais um projeto na área da educação infantil em Piçarras, Santa Catarina. Atualmente, são beneficiadas com o projeto iniciado pela Ir. Gerda, aproximadamente 120 crianças. As atividades envolvem “reforço escolar, música instrumental, informática e artes”. Ir. Gerda fazia questão de dizer que seu objetivo era ser uma testemunha de Jesus Cristo, conforme o seu versículo de ordenação: “Não pregamos a nós mesmas, mas a Jesus Cristo como Senhor” (2 Co 4.5).¹⁰³

2.5 CASA MATRIZ DE DIACONISAS: PRESENTE E FUTURO

A partir de 1979, a pergunta espaço que seria ocupado pelas Irmãs, passou por reflexões. A atuação das Irmãs, especialmente, no hospital Moinhos de Vento, foi bastante discutido, por dois motivos em especial. O primeiro lugar, era o ingresso cada vez menor de irmãs e o segundo, o avanço da medicina, que tornaria insustentável manter irmãs em serviços técnicos. O assunto gerou muita polêmica, afinal, foram as próprias Irmãs que haviam dedicado muito tempo para a construção e manutenção do hospital.

Em reunião com a direção da Casa Matriz, chegou-se ao consentimento de que as Irmãs iriam dedicar-se ao trabalho poimênico no hospital, fazendo visitas as pessoas enfermas, seus familiares, mas também estando à disposição do corpo clínico. Atualmente a pastoral do hospital é responsável também por conduzir momentos de espiritualidade, celebrando meditações semanais.

Em 1984, o *hábito* foi assunto de grande discussão dentro da Irmandade. Muitas irmãs passaram a preferir o uso de vestes comuns, enquanto outras não abdicam de sua vestimenta. Conforme Ir. Ruthild,

¹⁰² NIED; MERZ, 2012, p. 38.

¹⁰³ Especialmente as últimas informações sobre a vida da Ir. Gerda, são informações inéditas, extraídas do arquivo histórico da Casa Matriz de Diaconisas.

a evolução do processo foi muito rápido, pois, na Convenção de 1989, já foi registrado que das 72 irmãs que usavam hábito, 32 optaram pela nova forma. Os ecos das pessoas que observavam essa mudança foram diversos. Um senhor de idade disse: “Se a nossa Igreja tivesse um Papa e eu fosse o Papa, mandaria as irmãs colocar touca”. Mas também houve pessoas que diziam: “Que bom que vocês mudaram a vestimenta. A touca é totalmente dispensável.”¹⁰⁴

Já no ano de 1993, a abertura para o casamento foi uma moção trazida para discussão durante a Convenção.¹⁰⁵ Esta moção tinha como proposta não somente a liberação de irmãs para o casamento, mas também o aceite de irmãs casadas para a comunhão. “o celibato fora mantido durante os decênios por causa da comunhão de bens. Agora, com a mudança do sistema financeiro, perdera sua validade”.¹⁰⁶ Internamente houve muita reflexão sobre esse assunto. Naquele mesmo ano, segundo dados da votação realizada, 44 irmãs votaram a favor da abertura para o casamento, enquanto 18 eram contrárias, conforme relatou a Ir. Ruthild.¹⁰⁷

Em 1989, as Irmãs aprovaram um texto, que foi chamado *Princípios de Vida*.¹⁰⁸ O texto foi reformulado e incorporado nos documentos normativos da instituição em 2005. “Ele diz respeito à sua vocação, que é servir, e sua opção de vida, que é viver numa comunhão de fé, vida e serviço”.¹⁰⁹ Além disso, este documento aponta para o fundamento da Irmandade, bem como o relacionamento com o entorno. Conforme o texto, “a missão da Irmandade Evangélica Luterana consiste em promover comunhão, que se caracteriza pelo apoio mútuo na vivência da espiritualidade cristã e no exercício da diaconia”.¹¹⁰

Com o *Ministério Compartilhado*¹¹¹, aprovado no 19º Concílio Geral da IECLB em 1994, houve a equiparação dos ministérios na IECLB. Com isso, as diaconisas foram ordenadas e

¹⁰⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 137.

¹⁰⁵ A convenção, é um encontro que acontece todos os anos, tendo por finalidade reunir todas as irmãs para discussão de assuntos internos, mas também para apresentação de temáticas que visem melhorar a comunhão, mas também a organização prática da instituição.

¹⁰⁶ BRAKEMEIER, 2019, p. 139.

¹⁰⁷ BRAKEMEIER, 2019, p. 139. Nota de rodapé, número 5.

¹⁰⁸ Ver anexo 6.

¹⁰⁹ BRAKEMEIER, 2019, p. 135.

¹¹⁰ Esta citação foi extraída do documento Princípios de Vida da Irmandade Evangélica Luterana, anexo 6.

¹¹¹ “Na raiz do ministério compartilhado está o desconforto com a predominância do ministério pastoral na IECLB que vinha restringindo o espaço de outros ministérios. Até mesmo ameaçava asfixiar o sacerdócio dos crentes. Durante muito tempo ministério era sinônimo de pastorado. Falou-se até mesmo num atrofiamento do ministério dos leigos na Igreja² e se denunciava o pastorcentrismo”. (PORTAL LUTERANOS. **O ministério compartilhado: origem, história e teologia.** Nova Petrópolis, fev. 2013. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/o-ministerio-compartilhado-origem-historia-e-teologia. Acesso em: 25. Jul. 2022.).

integradas ao quadro de ministras da IECLB. Também as atribuições do ministério diaconal foram atualizadas e especificadas da seguinte forma:

O exercício do **ministério diaconal** consistirá no testemunho prático da fé cristã e se expressará através do serviço à pessoa, visando a sua cura e o bem-estar integral, cabendo-lhe especial responsabilidade: no incentivo à prática do amor e no serviço à pessoa necessitada; no despertar e na promoção de uma espiritualidade diaconal entre os membros; na criação de grupos de solidariedade ou de serviço na comunidade; em atividades diaconais desenvolvidas em instituições diaconais, a exemplo de hospitais, ancionatos, creches; nos movimentos ecumênicos em proteção à dignidade humana ou em favor de causas justas, apoiadas pela comunidade; em iniciativas da comunidade que visem prevenção e cura do sofrimento humano e a eliminação de suas causas; na implementação de projetos de apoio social.¹¹²

Mesmo que na época Fliedner, tenha por várias vezes, apontado para a necessidade de vincular a atuação das Diaconisas ao exercício religioso, no Brasil a situação foi diferente. No culto de consagração das primeiras duas Diaconisas brasileiras, Hilda Sturm e Ilse Müller em 1946, foram ordenados ainda três pastores: Karl Gottschald Jr., Arno Dreher e Bertholdo Werber. Porém, as consagrações e ordenações não foram realizadas pelo então presidente do Sínodo Riograndense, mas sim somente as ordenações dos pastores:

Naquele domingo comemorava-se o 60º aniversário do Sínodo Riograndense. No cortejo de entrada à igreja, caminharam também as irmãs presentes, procedidas pelo pastor Raspe e as irmãs diretoras Sophie Zink (Hospital Moinhos de Vento) e Klara Schäfer (Casa Matriz de Diaconisas). Em sua alocução, o presidente do Sínodo Riograndense, Hermann Dohms, expressou sua alegria pela presença dos candidatos ao pastorado e das candidatas ao diaconato. No entanto, ele só ordenou os pastores. Pastor Raspe, após o sermão sobre o grão de mostarda, dirigiu o ato da consagração das irmãs.¹¹³

Fliedner estava convicto de que as Irmãs Diaconisas ocupavam um ministério na Igreja e que a veste as identificava de forma visível. Mas no contexto brasileiro, se chegou a essa interpretação somente anos mais tarde, quando oficialmente se vinculou a atuação diaconal a instituição religiosa: “lideranças da igreja chegaram à conclusão de que a diaconia, para se tornar forte, também deve estar enraizada na estrutura eclesiástica”.¹¹⁴ No entanto, ainda é necessário

¹¹² PORTAL LUTERANOS. **O ministério compartilhado**: origem, história e teologia. Nova Petrópolis, fev. 2013. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/ministerio-ordenacao/o-ministerio-compartilhado-origem-historia-e-teologia. Acesso em: 25. Jul. 2022.

¹¹³ BRAKEMEIER, 2019, p. 95.

¹¹⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 96.

dizer que somente “a partir de 1993 pôde ser usado o termo ‘ordenação’ em lugar de ‘consagração’, mas somente pelo comunicado oficial do Conselho da Igreja, do ano de 1998, também todas as irmãs anteriormente ‘consagradas’ foram aceitas como ‘ordenadas’”.¹¹⁵

Encerramos este primeiro capítulo sintetizando o que vimos até aqui. Foi apresentado o surgimento da primeira Casa Matriz de Diaconisas, bem como também a construção e estruturação da primeira Casa Matriz de Diaconisas no Brasil. Com destaque para a biografia de duas Irmãs. A Ir. Wera Franke e a Ir. Gerda Nied atuaram em diferentes locais e muitas pessoas foram ajudadas por elas. Ao resgatar estas histórias de vida, identificamos lutas, alegrias, medos e dificuldades. Vimos ainda importantes mudanças que aconteceram na Casa Matriz ao longo dos anos. E, por fim, foi citado o documento *Princípios de Vida*, para apontar algumas características que fundamentam a própria estrutura da Casa Matriz. Importante é mencionar que a rotina diária de espiritualidade, por meio da oração, mas também o testemunho de fé e serviço, conectam a missão da irmandade com a diaconia de Jesus, conforme veremos no capítulo seguinte. Ao mesmo tempo, a vocação para a atuação diaconal de forma profissional, mas também religiosa foi uma temática abordada neste capítulo e que aprofundaremos no capítulo quatro, apontando para o exercício diaconal das mulheres também no período apostólico.

¹¹⁵ BRAKEMEIER, 2019, p. 95.

3 A DIAKONIA DE JESUS

Jesus anuncia o Evangelho aos pobres. Aos famintos e às mulheres que sofrem de hemorragia, diz que Deus está com eles e com elas. Procurou curar os doentes com os meios da medicina popular. Suas discípulas e seus discípulos colocavam seus elementares conhecimentos medicinais caseiros a serviço dessa gente. Eles próprios, discípulos e discípulas, eram pobres e também doentes. Já haviam experimentado a parcialidade de Deus. Aprenderam a ajudar-se mutuamente. Aprenderam a não mais viver de forma deprimida e resignada.

Luise Schottroff

A história e o surgimento da Casa Matriz de Diaconisas no Brasil e testemunho de fé das diaconisas, despertou a necessidade de buscar mais afundo o conceito diaconia a partir de Jesus. Este capítulo, procura resgatar o conceito de diaconia na prática do servir de Jesus, com especial atenção para perspectiva de gênero.

No contexto grego, o servir era algo extremamente indigno e, por isso, destinado aquelas pessoas consideradas inferiores como as mulheres, escravas e escravos. Contudo, em Jesus o servir foi ressignificado e passou a ser compreendido como “sinal de liberdade cristã”.¹¹⁶ A *diakonein* do Novo Testamento “é conceito fundamentalmente crítico à hierarquia e ao patriarcalismo”.¹¹⁷ Este capítulo também abordará a do conceito *diakonia* a partir Evangelhos. Essa análise não tem a tarefa de nos fazer enxergar a proporção do servir de Jesus em cada Evangelho. Pelo contrário, os Evangelhos nos ajudam a ver a *diakonia* de Jesus preservadas nestes escritos e a maneira como cada pessoa é resgatada de volta a comunhão. O servir de Jesus adentrou espaços, ultrapassou conceitos e se apresentou nas realidades em que a opressão insistia em nascer.

O servir de Jesus sustentou as diaconisas nos espaços em que desenvolviam seu trabalho. O documento *Princípios de Vida*¹¹⁸ aponta nessa direção: A irmandade “está consciente de que a diaconia é uma maneira de agir no mundo, mas também uma maneira de ser, de falar, de amar. Ela

¹¹⁶ GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006. p. 23.

¹¹⁷ GEORG, 2006, p. 23.

¹¹⁸ Anexo 6.

é a proclamação do Evangelho.”¹¹⁹ Tal definição é perceptível nas ações práticas das Diaconisas, conforme vemos no relato da Ir. Ilanda Goelzer:

No ano de 1961, eu ingressei na Comunhão da Irmandade, um grupo de mulheres, sendo que cada uma é diferente na sua origem, com dons diferentes e também diferenças de idade e costumes de vida. Mas todas nós tínhamos um objetivo em comum: servir a Deus e servir ao próximo nas suas necessidades.¹²⁰

Servir a Deus e as outras pessoas também inclui enfrentar desafios. As Irmãs, em seus registros, expressaram isso, conforme relata a Ir. Gerda Nied:

Nos meus primeiros anos de atuação na Amazônia estive com boa saúde. Mesmo cercada de pessoas muito enfermas e sob condições de vida não muito diferentes da dos pacientes, fiquei livre de doenças. Mas aos poucos eu ia perdendo a resistência, e pude perceber no próprio corpo como um acesso de malária afeta a gente. Durante muito tempo, eu mesma ainda pude medicar-me, tomando os comprimidos disponíveis, depois dos devidos exames de sangue. Mas os ataques iam ficando mais violentos. Também experimentei as situações de pânico descritas pelos doentes e, em determinados momentos, nem tive coragem de dormi sozinha. Certo dia, os médicos me disseram: “Irmã, a senhora mesma deve saber o que fazer. Se na sua vida ainda quiser viver dias livres da malária, terá que abandonar essa região”.¹²¹

Também a própria instituição Casa Matriz ao se consolidar em solo brasileiro, enfrenta grandes desafios. “Nos primeiros anos, a jovem irmandade passou por muitas dificuldades financeiras”.¹²² Além disso, a rigidez, a severidade e a obediência são questões que aparecem em muitos momentos ao longo da história e isso nem sempre contribuiu para evoluir e acompanhar a evolução dos tempos. O P. Johannes Raspe, que foi “pastor das Diaconisas” de 1932 a 1965, reforça a necessidade de mudança e avanço. Assim ele escreve: “Nossas irmãs jovens são suficientemente flexíveis para considerar e operar mudanças fundamentais referentes à forma de nossa Casa e de sua missão, nos próximos anos”.¹²³

As irmãs que iam formando a irmandade adaptavam-se aos novos tempos. Mas, em certos aspectos, a adaptação foi bem lenta, por causa da tradição, à qual davam muito valor. Refletindo sobre o valor das tradições, é possível dizer: tradições são boas, pois nos ligam às pessoas que viveram antes de nós, como também àquelas pessoas que ainda viverão

¹¹⁹ Esta citação foi extraída do documento Princípios de Vida da Irmandade Evangélica Luterana, anexo 6.

¹²⁰ GOELZER, 2020, p. 9.

¹²¹ NIED; MERZ, 2012, p. 98.

¹²² BRAKEMEIER, 2019, p. 97.

¹²³ RASPE apud BRAKEMEIER, 2019, p. 90.

depois de nós, e transmitem valores. Mas assim como podem ser benéficas, também podem bloquear e limitar, evitando que surja algo novo.¹²⁴

Olhar para a diaconia de Jesus e para o protagonismo das mulheres no período apostólico tendo como respaldo a diaconia das Irmãs diaconisas, significa apostar em algo novo visto por uma outra perspectiva. “A diaconia das mulheres revela o cuidado e a preocupação pela vida numa situação de completa humilhação e desalento.”¹²⁵

3.1 A *DIAKONIA* DE JESUS

Conforme vimos na introdução, o conceito *diakonia*, está frequentemente associada a palavra servir. No mundo grego, sua conotação era serviçal, sendo executado por mulheres e pessoas escravas. No judaísmo, o termo era entendido numa perspectiva de servir a Deus. Porém, o judaísmo tardio, desenvolveu a ideia de obra meritória diante de Deus. Com isso, desenvolveu-se “entre os judeus a ideia da indignidade do servir, especialmente na forma de serviço à mesa”.¹²⁶ O que chama nossa atenção é a forma como esse conceito é ressignificado em Jesus.

No Novo Testamento, Jesus conecta novamente o conceito do servir às suas raízes veterotestamentárias. A inseparabilidade do amor ao próximo e a Deus constitui o núcleo ético do discipulado de Jesus. Assim o conceito passa por uma ressignificação tanto em relação à compreensão grega como à judaica.¹²⁷

As palavras *diakonia* (substantivo) e *diakoneo* (verbo) são palavras encontradas com frequência no Novo Testamento. Especialmente nos Evangelhos, elas são encontradas repetidas vezes. Se analisarmos a *diakonia* exercida em momentos que envolvem a atividade das mulheres, quais são as situações concretas que vem à tona? A *diakonia* aparece repetidas vezes atrelada a vivência das mulheres por se tratar, justamente, de um dos grupos sociais mais marginalizados.

Esta é uma herança, conforme Gaede Neto, do contexto grego, em que preparar o banquete ou servir um vinho era tarefa realidade por mulheres ou pessoas escravas. De qualquer forma, essa

¹²⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 175.

¹²⁵ VELTEN, Josiane; SOUZA, Carolina Bezerra de. A Diaconia de Rute. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 62, n. 1, p. 199, 2022. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/1348>. Acesso em: 25. Jul. 2022.

¹²⁶ GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia no contexto afro-brasileiro: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2014. p. 20.

¹²⁷ GAEDE NETO, 2014, p. 20.

relação de Jesus com as mulheres, aponta para o fato de que a *diakonia* vai muito além do “serviço” ou ajuda ao próximo.

Conforme a pesquisadora Aurélia Silva Borsato, “a ação diaconal é uma forma de ação social que brota também da misericórdia e visa transformar situações de opressão”.¹²⁸ De forma prática, a *diakonia* se traduz em sinais visíveis de acolhimento, partilha e doação. Tem como consequência a inclusão de volta a comunidade que antes havia provocado a exclusão. Tal prática é, em primeiro lugar, desempenhada pelo próprio Cristo, o diácono. As relações humanas recebem um novo conceito: “Qual é o maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve” (Lc 22.27). “A revolução provocada por Jesus na apreciação do serviço consiste em que ele inverte a relação entre servir e ser servido no tocante ao seu valor ético”.¹²⁹ Assim, “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva” (Mc 10.43).

Jesus redireciona o valor da *diakonia*, isto é, o que antes era considerado um simples dever de servir aos outros, em regime de escravidão, se transforma em modelo a ser observado e praticado pelo discipulado. Vale dizer que apesar de se observar uma extensão ou inclusão de outras formas de serviço, não houve nenhuma modificação na ação diaconal, o que mudou é o seu valor.¹³⁰

Beyer também segue nessa direção e aponta para a diaconia de Jesus como sendo transformadora para o contexto do NT. “Jesus purifica o conceito de serviço das distorções que sofrera no judaísmo. Perante o mundo grego a posição de Jesus para com o serviço significa algo inteiramente novo”.¹³¹

A novidade está na maneira de se relacionar com a outra pessoa. Na forma de agir em relação a condição em que a outra pessoa se encontra. Para Beyer, aqui nasce um novo critério de relacionamento, que não se restringe apenas ao servir das mesas, mas abrange uma série de ações: “dar de comer e beber, oferecer hospitalidade, vestir, visitar enfermos ou encarcerados (Mt 25.42-44)”.¹³²

¹²⁸ BORSATO, Aurélia Silva. **A diakonia de Maria Madalena, Marta e Maria e Tabita**: uma abordagem feminista em Lucas 8,1-3, 10,38-42 e Atos dos Apóstolos. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012. dissertação (mestrado). p. 14.

¹²⁹ BEYER, Hermann Wolfgang. Verbetes servir, serviço, diácono. In: KITTEL, Gerhard (Org.). **A Igreja no Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1965. p. 277.

¹³⁰ BORSATO, 2012, p.

¹³¹ BEYER, 1965, p. 276.

¹³² BEYER, 1965, p. 279.

A mudança sofrida, ao longo do tempo e culturas, do conceito diaconia “tornou-se realidade porque o próprio Filho do Homem não veio para ser servido (Lc22.26) mas para servir”.¹³³ Além disso, é também por meio da encarnação de Jesus na realidade humana, que a diaconia alcança sua profundidade teológica. O amor permeia a diaconia e aponta para uma nova relação a ser estabelecida com quem sofre. “Servir ao próximo, a Cristo e a Deus, é uma só e a mesma coisa”.¹³⁴

A seguir apresentaremos tais ações de Jesus a partir dos Evangelhos. Dando maior enfoque a maneira como a diaconia de Jesus aparece relacionada a vida das mulheres. “Elas veem, ouvem e anunciam a novidade da ressurreição. São indiscutivelmente apóstolas, inclusive dos apóstolos!”.

3.2 A *DIAKONIA* NOS EVANGELHOS

Os Evangelhos são testemunhos da atuação de Jesus no século I. Além disso, são o resultado da “transmissão oral a respeito de Jesus de Nazaré, quando ele vivia na Galileia e Judeia”.¹³⁵ Da mesma forma, os evangelhos são ainda o “resultado de intenso trabalho redacional, realizado em condições socioeconômicas e religiosas nada favoráveis. (...) Nascem no seio de comunidades cristãs, como narrativa testemunhal a partir da fé vivenciada”.¹³⁶

Os Evangelhos relatam a memória de pessoas em “comunidades que criam ser ele o Messias prometido”.¹³⁷ Ao mesmo tempo, conforme a pesquisadora Ivoni Richter Reimer¹³⁸, os Evangelhos também apontam para as realidades daquele contexto, apresentando a construção da identidade e a forma de organização eclesial e social. Os Evangelhos apontam para a maneira como as comunidades, as lideranças e a cultura conversavam entre si.

O próprio termo Evangelho (*to euangelion*), do grego, significa “boa notícia”.¹³⁹ Os Evangelhos são resultado da compilação de memórias sobre a atuação de Jesus e as experiências

¹³³ BEYER, 1965, p. 279.

¹³⁴ BEYER, 1965, p. 280.

¹³⁵ REIMER, Ivoni Richter. Para memória delas!: textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 42, 2010. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/42/57. Acesso em: 29. agost. 2021.

¹³⁶ REIMER, 2010, p. 42.

¹³⁷ REIMER, 2010, p. 42.

¹³⁸ REIMER, 2010, p. 42.

¹³⁹ BULL, Klaus-Michael. **Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2009. p. 13.

vividas das primeiras comunidades. Registram ainda a identidade cultural, mas principalmente a diferença existente dentro e entre os princípios eclesiais.¹⁴⁰

Segundo o autor Eduard Lohse, “a compreensão da Escritura é orientada pela confissão a Jesus como o Senhor”.¹⁴¹ Este será também o principal resgate apontado pela reforma protestante: A verdadeira palavra é aquela que promove a Cristo.¹⁴² Lohse destaca que o Evangelho é a chave com que toda a cristandade deve interpretar a Escritura, justamente porque é a partir dessa experiência que Cristo é revelado.

Esta também é a intencionalidade dos Evangelhos. Eles pretendem ser proclamação e oferecem, portanto, uma mescla de texto narrativo e discurso proclamatório à comunidade. Seu interesse reside na importância de Jesus e de sua mensagem para a(s) comunidade(s) às quais escrevem.¹⁴³

Jesus é o centro desta narrativa¹⁴⁴ e, por isso, não aparece somente como mais um “personagem”. Os Evangelhos apontam Jesus como uma personalidade de destaque no Israel. Justamente porque todos estes escritos somente têm sentido a partir de sua atuação. “Tudo o que faz do espaço de tempo descrito um espaço especial e lhe dê o caráter de uma época, está ligado a Jesus, é cunhado por sua personalidade excepcional, sua doutrina e prática (...)”.¹⁴⁵ Por outro lado, é importante entender que os Evangelhos não são uma biografia de Jesus, mas “que relatam aquilo que Jesus ‘fez e ensinou’(At 1.1)”.¹⁴⁶

Cada um dos quatro Evangelhos possui as suas peculiaridades. Cada um deles oferece “uma imagem da época bíblica”.¹⁴⁷ Contudo, Jesus se encontra no centro de todas essas narrativas, afinal, os demais “eventos descritos só interessam, em princípio, por causa de Jesus ou em sua relação com ele”.¹⁴⁸ Além disso, todas as situações ali descritas são vivenciadas em lugares concretos. Condições culturais e sociais, políticas e de gênero estão relatadas.

¹⁴⁰ REIMER, 2010, p. 44.

¹⁴¹ LOHSE, Eduard. **Introdução ao Novo Testamento**. 4. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1985. p. 12.

¹⁴² LUTERO, Martin: Prefácio à Carta de Tiago e Judas. Osel 8. In: BAYER, Oswald. **A teologia de Martin Lutero: uma atualização**. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 58.

¹⁴³ BULL, 2009, p. 12.

¹⁴⁴ STEGEMANN, Wolfgang. **Jesus e seu tempo**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2012. p. 31.

¹⁴⁵ STEGEMANN, 2012, p. 31.

¹⁴⁶ MANUAL, 2018, p. 545.

¹⁴⁷ STEGEMANN, 2012, p. 34.

¹⁴⁸ STEGEMANN, 2012, p. 34.

Com isso, não é possível dizer que um deles seja mais importante do que outro, pois suas características próprias apontam detalhes importantes para o entendimento do contexto e para o fortalecimento da fé. É possível sim, identificar quais são as ênfases que cada redator explora em seu escrito. Conforme já abordado anteriormente iniciamos por Marcos, que é apontado como primeiro material a ser redigido.

Segundo Bull, o próprio título do evangelho de Marcos aponta para o propósito dessa obra: “relatar sobre a pregação de Jesus Cristo.”¹⁴⁹ Também o *Manual Bíblico*¹⁵⁰ explora esse aspecto enfatizando muito mais as ações de Jesus por meio de sua pregação. Além disso, o aspecto do serviço como algo a ser oferecido, constantemente, em favor de quem necessita é um aspecto com ênfase nesse evangelho.

Ao abordar a temática do servir, o verbo *diakonein* é a expressão que aparece com maior intensidade e está relacionado, especialmente, ao que as discípulas de Jesus exerceram durante seu ministério. Para Elisabeth Schüssler Fiorenza, o verbo *diakonein* em Marcos “frisa que as discípulas mulheres têm praticado a verdadeira liderança exigida dos seguidores de Jesus”.¹⁵¹ Maria, Maria Madalena e outras mulheres são importantes testemunhas do ministério de Jesus. Elas acompanharam Jesus, aprenderam com ele, cuidaram de seu corpo e foram as primeiras testemunhas da ressurreição. A *diakonein* não está relacionada somente ao servir às mesas, mas “sintetiza todo o ministério de Jesus”.¹⁵²

O texto de Atos dos Apóstolos apresenta os doze discípulos como apóstolos, ao contrário de Marcos que “caracteriza como tais as discípulas mulheres sob a cruz”.¹⁵³ Ao percebermos esta ênfase dada por Marcos, será possível perceber que esta era uma comunidade diferente.

As mulheres discípulas sob a cruz significam que a comunidade de Marcos, incluindo sua liderança, estava aberta em termos de linhas social, religiosa, sexual e ética. Essa comunidade não mais reconhecia leis de pureza cultural [...] e rejeitava para sua própria liderança o modelo de dominação-submissão prevalente na sociedade grego-romana e manifestamente advogado por algumas autoridades cristãs líderes.¹⁵⁴

¹⁴⁹ BULL, 2009, p. 28.

¹⁵⁰ MANUAL bíblico SBB. 3. ed. revisada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. p. 541.

¹⁵¹ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher:** uma nova hermenêutica. São Paulo, SP: Paulinas, 1992. p. 366.

¹⁵² FIORENZA, 1992, p. 366.

¹⁵³ FIORENZA, 1992, p. 367.

¹⁵⁴ FIORENZA 1992, p. 367.

Ao final do evangelho de Marcos as discípulas são exemplos de discipulado e liderança. São elas as testemunhas da cruz, do corpo levado à sepultura e da ressurreição de Jesus. As primeiras pessoas a quem a verdadeira identidade do Cristo sofredor foi revelada são aquelas as quais Jesus sempre esteve mais próximo: “os escravos, as crianças, os gentios, as mulheres, tornam-se os paradigmas do verdadeiro discipulado”.¹⁵⁵

Mas ao fazermos essa mesma análise, buscando apontar o protagonismo das mulheres no ministério de Jesus, vamos perceber que o enfoque é outro. Conforme o Manual Bíblico, Mateus aborda “o relacionamento de Jesus com a fé judaica”¹⁵⁶ e destaca a maneira como o Antigo Testamento se concretiza em Jesus. Além disso, “nenhum outro Evangelho denuncia com tanto vigor a postura hipócrita dos fariseus”.¹⁵⁷ Um dos mais importantes temas aparece no fim do Evangelho, que a missão confiada a Jesus deve permanecer viva na vida de seus discípulos. Também para a comunidade de Mateus permanece essa tarefa: “transformar todos os povos em discípulos, ou seja, batizá-los e instruí-los segundo o ensino normativo de Jesus”.¹⁵⁸

O Evangelho de Lucas revela as bênçãos que Jesus trouxe ao aproximar sua pregação das pessoas mais necessitadas. “Lucas ressalta especialmente que a graça de Deus revelada em Jesus é concedida àqueles que pareciam menos dignos dela”.¹⁵⁹ Além disso, o Evangelho de Lucas é apenas a primeira parte de uma obra dupla, já que o livro de *Atos dos Apóstolos* constitui uma continuidade do conteúdo iniciado nos relatos do Evangelho. Bull recomenda que a dupla obra lucana seja analisada como uma unidade e que “ambas as partes não devem ser examinadas abstraindo-se uma da outra”.¹⁶⁰

Por fim, o Evangelho de João nos cativa para ver em Jesus o enviado de Deus para salvar a humanidade. João é que aprofunda a temática em torno do significado da encarnação de Deus na humanidade. Além disso, esse Evangelho se diferencia em grande medida dos demais. “Seu perfil teológico evidencia o redator de Jo com um autor que contempla a atividade de Jesus a partir de uma considerável distância temporal e num alto nível de reflexão”.¹⁶¹

¹⁵⁵ FIORENZA 1992, p. 369.

¹⁵⁶ MANUAL, 2018, p. 541.

¹⁵⁷ MANUAL, 2018, p. 541.

¹⁵⁸ BULL, 2009, p. 25.

¹⁵⁹ MANUAL, 2018, p. 542.

¹⁶⁰ BULL, 2009, p. 34.

¹⁶¹ BULL, 2009, p. 46.

Ao nos aprofundarmos o resgate pelo protagonismo das mulheres, especialmente o Evangelho de Marcos aponta para numerosa presença das mulheres no ministério de Jesus. Muitas mulheres são citadas em Marcos:

a sogra de Simão (1,30), as irmãs de Jesus (3,32-35;6,3), a filha de Jairo (5,22-23.35- 43); a esposa de Jairo (5,40-43), a mulher com hemorragia (5,25-34), Herodias e sua filha (6,32-29), a mulher siro-fenícia e sua filha (7,24-30), a viúva pobre (12,41- 44), a mulher que unge Jesus (14,3-9), a serva do sumo-sacerdote (14,66-69), Maria Madalena, Maria, Salomé e as muitas outras que haviam subido com Jesus a Jerusalém (15,40-41). Além de figurarem como personagens, mulheres são citadas nos discursos de Jesus: quando pais e mães devem ser respeitados (7,10-13 e 10,19); quando fala do divórcio (10,2-12); quando diz que a família foi deixada, cita mães e irmãs (10,29-30); no discurso apocalíptico, quando fala das grávidas e que amamentam. Ainda, no discurso dos saduceus sobre a mulher que casou com sete irmãos (12,18-25).¹⁶²

Jesus está próximo das mulheres. Elas fazem parte do seu ministério. A *diakonein* de Jesus concebeu várias seguidoras e vários seguidores e Marcos dá visibilidade a esse encontro de Jesus com as mulheres. Esse encontro convida para a comunhão e oportuniza um jeito diferente de enxergar a vida.

A partir de tantas mulheres nomeadas no Evangelho de Marcos, não é possível simplesmente apagar ou ocultar seu protagonismo. Mas todos os Evangelhos preservam o fato de que foram as mulheres que, na manhã daquele domingo, mesmo com muito medo, foram a sepultura e puderam testemunhar a ressurreição, tornam-se protagonistas do anúncio da vitória de Jesus sobre a morte. Além de lideranças as “mulheres foram corajosas e solidárias para com Jesus, quando ele foi executado”.¹⁶³ Ao seguirem Jesus, elas o testemunham no servir.

Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé; as quais, quando Jesus estava na Galileia, o acompanhavam e serviam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém (Mc 15. 40-41).

¹⁶² SOUZA, 2017, p. 151.

¹⁶³ SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista**. São Paulo, SP: Paulinas, 1995. p. 22.

Para a pesquisadora Luise Schottroff “esta foi a hora do nascimento do cristianismo, quando, após a morte de Jesus, suas discípulas – e mais tarde, também os seus discípulos – levaram adiante, em nome de Jesus, a sua mensagem e a sua práxis”.¹⁶⁴ Com esse fato, não se permitiu que a morte fosse o fim, nem que a promoção da vida fosse dada como encerrada. Pelo contrário, é justamente a partir do rompimento desse conceito de finitude que o ministério de Jesus ganha força e muitas pessoas se colocam a caminho incumbindo mais pessoas da tarefa do anúncio e do servir. O ministério de Jesus abre espaço para o servir de todas as pessoas e por todas as pessoas. Pessoas essas, que em muitos momentos, também pensaram que fosse o fim. Ao serem curadas por Jesus, especialmente as mulheres percebem a continuidade da vida.

O ministério de Jesus aponta para uma infinidade de recomeços. Esses fatos também são apontados pelos Evangelhos. As ações de Jesus revelam sua inconformidade com a opressão impostas como condição de vida, especialmente, para as mulheres. Quem nos abre esse horizonte de reflexão, e permite que olhemos para a vida das mulheres a partir do ministério de Jesus, é a pesquisadora Marga Ströher. Ströher afirma: “O movimento iniciado por Jesus, a partir do ‘discipulado de iguais’, foi inovador”.¹⁶⁵

Contudo, ainda há resistência em torno da compreensão do chamado de Jesus como tendo sido somente aos doze discípulos, bem como o envio de somente apóstolos, ou ainda a última comunhão de mesa em que Jesus está à mesa somente com os discípulos. É preciso ampliar esses conceitos, apontando para as diversas formas de discipulado, bem como para o envio de mulheres como a Samaritana (Jo 4) e Maria Madalena (Jo 20. 11-23).

Perguntar pela presença das mulheres nos Evangelhos e mais tarde sobre sua liderança na *ekklesia* é de extrema importância para resgatar a atuação delas nas primeiras comunidades cristãs. Afinal, a *diakonia* se revelava por meio da liderança.

3.3 A *DIAKONIA* E A MULHER NO NOVO TESTAMENTO

No mundo grego, as mulheres são consideradas pelo sistema patriarcal pessoas de segunda classe.¹⁶⁶ Nesse contexto, elas são aquelas que “executam aquele serviço que nenhum senhor livre

¹⁶⁴ SCHOTTROFF, 1995, p. 23.

¹⁶⁵ STRÖHER, Marga Janete. **A Igreja na casa dela:** papel religioso das mulheres no mundo Greco-Romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG, EST, 1996. p. 14.

¹⁶⁶ Caso fossem solteiras, as mulheres eram consideradas pessoas de terceira classe.

se dispõe a fazer”.¹⁶⁷ Historicamente o pensar e o fazer ocupavam espaços diferentes. O pensar significava algo nobre, enquanto o fazer era secundário. Consequentemente, a *diakonia*, como tarefa realizada especialmente por mulheres, tornou-se assunto secundário no campo teológico.

Segundo Márcia Paixão, “essas ideias e conceitos foram construídos e aceitos como norma na vida em sociedade e no campo religioso ao longo dos séculos e foram consideradas como adequadas, certas e únicas”.¹⁶⁸ Nesse sentido, percebe-se que estes conceitos foram sendo normatizados levando, de acordo com Varikas, “à superioridade natural dos homens sobre as mulheres”.¹⁶⁹ No entanto, trata-se de uma construção social que passou a definir a forma de pensamento bem como, principais espaços que poderiam ser ocupados pelas mulheres.

O Novo Testamento está repleto, principalmente de falas atribuídas a Paulo, sobre os espaços que elas não poderiam ocupar. Recomendava-se que as mulheres não exercessem autoridade (Cf. 1 Tm 2. 11-15a) ou que cobrissem a cabeça para estarem protegidas (Cf. 1 Co 11. 10), ou ainda não ensinassem (Cf. 1 Tm 2. 12).

Tais questões nos levam a olhar para a mulher com maior atenção, e a perguntar para o próprio texto o motivo pelo qual se impõe tais situações para as mulheres. A hermenêutica da suspeita é uma ferramenta importante nesse processo de desconstrução e reconstrução, pois se tem a possibilidade de analisar uma face diferente do contexto, porque o poder de fala é dado para as mulheres.

Segundo Schottroff, em seus escritos sobre a vida das mulheres no Novo Testamento,

durante os últimos dez anos, a discussão teológica feminista fez com que cristãs e cristãos se conscientizassem de duas questões. Primeira: no Novo Testamento existem afirmações sobre mulheres, as quais não mais podem ser assumidas. O Novo Testamento, portanto, precisa ser lido criticamente. Segunda: o Novo Testamento, como tal, não é homogêneo no que se refere à concepção sobre a função da mulher.¹⁷⁰

O Novo Testamento, especialmente os Evangelhos, apontam para a coragem e a solidariedade das mulheres junto de Jesus. Ressaltam ainda a fidelidade pelo servir mesmo diante

¹⁶⁷ GAEDE NETO, 2021, p. 73.

¹⁶⁸ PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. *Diaconia e Gênero. Diaconía: la transformación en las manos de Dios*, Ginebra. 2017. p. 66. (65-76.) Disponível em: <https://americalatinacaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diakonia-es-pt.pdf>. Acesso em: 14. mai. 2021.

¹⁶⁹ VARIKAS, Eleni. Igualdade. In: HIRATA, Helena et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 117.

¹⁷⁰ SCHOTTROFF, 1995, p. 21.

da cruz. Mesmo que todas as pessoas o tivessem abandonado, a presença das mulheres junto ao túmulo é um aspecto de grande solidariedade. Mesmo estando sujeitas ao governo romano permaneceram junto a Jesus.

Novamente, o conceito de servir, vivido por Jesus, abriu espaço para o acolhimento e envolvimento de homens e mulheres em sua missão. Por isso, não houve distinção. Todas as pessoas foram e são chamadas para o servir. Isso porque o conceito *diakonia* foi ressignificado e passou a ser “entendido como gesto de compaixão e sensibilidade pela dor da outra pessoa”.¹⁷¹

O amor se tornou “a essência do servir”¹⁷², conforme Mc 12. 30. Em Jesus diversos conceitos foram transformados. A diaconia foi apontada como tarefa de todas as pessoas (Mc 10. 45; Jo 10. 10). Homens e mulheres foram chamados para servir. O poder conferido a diaconia de Jesus significava liberdade e não escravidão. Assim aponta Pletsch: “diaconia, no entanto, não significa ausência de poder, mas está em oposição a dominar”.¹⁷³

3.4 A PRESENÇA DAS MULHERES NO MINISTÉRIO DE JESUS

No ministério de Jesus, vida digna e justa para todas as pessoas estava no centro da pregação, do ensino, da diaconia e do testemunho. No entanto, no contexto do ministério de Jesus, percebe-se que a mulher vivia numa situação de extremo desprezo. Pelo simples fato de ser mulher era desvalorizada e oprimida, através de tradições e preceitos religiosos, como os ritos de pureza e impureza. Porém, as mulheres marcaram o ministério de Jesus por meio da sua presença fiel e constante, desde o seu nascimento até sua ressurreição.

O jeito de anunciar o Reino de Deus não foi uma questão lançada para o futuro, mas foi uma proposta de vida para o presente. Por meio de suas ações concretas, Jesus mostrou o Reino de Deus como realidade que se concretiza no presente. “O Reino anunciado pelo movimento de Jesus não era aguardado apenas para o futuro, mas teria que ser uma realidade presente”.¹⁷⁴

Por meio das parábolas, Jesus dá a conhecer sua pedagogia. Através delas, as auxiliaram as multidões eram convidadas a refletir. Nas parábolas, Jesus utilizava fatos do cotidiano das

¹⁷¹ PAIXÃO, 2017, p. 74.

¹⁷² PAIXÃO, 2017, p. 74.

¹⁷³ PLETSCH, 2001, p. 92.

¹⁷⁴ SILVA, Simone Menezes Braga da. O feminino nas ações de Jesus e na prática cristã primitiva. **Teologia em Debate**, Porto Alegre, No. 5, 1999. p. 76.

peessoas para edificar relações, fortalecer convivências, questionar crenças e apontar para igualdade entre homens e mulheres.

“As mulheres do século I experimentaram a novidade do poder libertador de Deus através dos contatos que tinham com Jesus. As atitudes dele sinalizavam uma nova comunidade, uma comunidade de igualdade onde participavam homens e mulheres”.¹⁷⁵ Jesus agiu de forma contrária ao que se estava acostumado a ver ou fazer. Em sua comunidade foram incluídas pessoas rejeitadas e aquelas que haviam perdido as esperanças.

Novamente mencionamos os Evangelhos, pois são eles que relatam vários momentos em que as mulheres demonstram sua presença e atuação como seguidoras de Jesus. Elas não estão excluídas da multidão. Elas se fazem presente. Caminham com Jesus, ouvem seus ensinamentos e muitas são curadas. “Jesus Cristo veio para dar unidade a um povo que se encontrava dividido em grupos antagônicos: judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres”.¹⁷⁶ Uma comunidade sem exclusão é o que se pode notar a partir das vivências de Jesus. Jesus introduz a reconciliação e aponta caminhos que promovam a inclusão.

Essa nova comunidade, somente é possível por meio do amor. “O amor é a prova de passarem de uma vida egocêntrica e individual para uma vida comunitária”.¹⁷⁷ Isso porque, conforme o reformador Martin Lutero irá interpretar mais tarde, o amor faz o ser humano olhar ao redor deixando de se encurvar em si mesmo. “Na perspectiva de Lutero, o ser humano como pessoa não está mais centrado em si mesmo, mas é determinado pelas relações que mantém com alguém outro. Ele deve sua realização à força dessa realidade exterior que, para o crente, não pode ser nada além de Jesus Cristo”.¹⁷⁸

Jesus convidou todas as pessoas para o seguirem. Isso não somente acontece por meio de seus ensinamentos as multidões, mas especialmente de forma pessoal. Jesus convida individualmente muitas pessoas, entre elas também estavam as mulheres. Ao aceitar o convite feito por Jesus, cada pessoa se tornou um discípulo ou uma discípula.

As pessoas que seguiam Jesus, naquele tempo, eram pobres e andavam de aldeia em aldeia, com a finalidade de despertar o próximo para sua desesperança. Nesse processo,

¹⁷⁵ SILVA, 1999, p. 77.

¹⁷⁶ SILVA, 1999, p. 78.

¹⁷⁷ SILVA, 1999, p. 79.

¹⁷⁸ LIENHARD, Marc. **Martim Lutero**: tempo, vida, mensagem. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 290.

as pessoas que se juntavam a Jesus serviam-se mutuamente. Cada qual era servidor ou servidora do outro e da outra, e tanto fazia se eram mulheres ou homens.¹⁷⁹

É exatamente por esse motivo que, segundo Silva, o termo *diakonein* possui tamanha grandiosidade. É por meio do servir que as pessoas são reconhecidas como discípulas de Jesus, “pois serviam e seguiam ao seu Mestre”.¹⁸⁰ O relato da Paixão de Cristo demonstra isso de forma prática. As mulheres, mesmo com medo, não abandonaram o Mestre. Elas ficaram aos pés da cruz até seu corpo morto ser retirado, dando testemunho de força e coragem.

A novidade do ministério de Jesus está justamente no reconhecimento de que as mulheres já estavam presentes. Jesus dignificou as mulheres enfatizando que não havia razão alguma para excluí-las de seu ministério. Para Nordstokke, o evangelista Lucas expressa tal atuação e, por isso, é indispensável afirmar que também as mulheres compartilham com o grupo dos discípulos as tarefas comunitárias e participam da missão de Jesus, levando a boa nova para muitos lugares.¹⁸¹ Da mesma maneira em que o protagonismo dessas mulheres no tempo de Jesus pode ser um aspecto trazido para reflexão, é possível perceber que em outros momentos históricos a vida das mulheres e o seu protagonismo também foi deixado de lado.

Ao resgatarmos aspectos da vida das mulheres no ministério de Jesus, é possível perceber que a presença delas é um aspecto que precisa com frequência ser afirmado: “E também havia mulheres...” (Mc 15. 40) Anteriormente, enquanto trazíamos aspectos sobre a vida das diaconisas, não foi diferente: “Não fiquei isenta da imagem habitual, interiorizada pelos ministros da igreja com relação ao trabalho das mulheres no contexto diaconal”.¹⁸²

3.5 JESUS E AS MULHERES

Salientamos acima as muitas maneiras como Jesus acolheu, convidou e dignificou mulheres durante o seu ministério. Porém, é de suma importância abordar e sistematizar a condição social da mulher no tempo de Jesus.

Muitas são as mulheres do tempo de Jesus acometidas por doenças de todos os tipos. Por outro lado, muitos são os relatos dos Evangelhos, em que especialmente mulheres, são curadas por

¹⁷⁹ SCHOTTROFF, 1995, p. 25.

¹⁸⁰ SILVA, 1999, p. 79.

¹⁸¹ NORDSTOKKE, 2016, p. 37.

¹⁸² NIED; MERZ, 2012, p. 56.

Jesus. “A que sofria de hemorragia (Mc 5. 25-34 par.); a filha de Jairo (Mc 7. 24-30 par.); a sogra de Pedro (Mc 1. 29-31 par.); Maria Madalena e “algumas mulheres” (Lc 8. 2); a mulher encurvada (Lc 13. 10-17)”.¹⁸³ Estas mulheres experimentam a compaixão de Jesus. Após suas lutas, seus medos e suas dificuldades, Jesus lhes “devolve” a dignidade. Seus corpos são dignificados, porque, em Jesus “a cura representa a libertação e restauração de um corpo, que, segundo a vontade do Criador, é livre e saudável”.¹⁸⁴

As reações diante das atitudes de Jesus em favor às mulheres são sempre de indignação e repreensão. Porém, assim como acontece com a mulher de Betânia, que unge Jesus e, por isso, murmuram contra ela, Jesus indaga: “Deixai-a; por que a molestais?” Importante é perceber que “as mulheres, destituídas de reconhecimento e autoridade, assumem papéis de fundamental importância no ministério de Jesus”.¹⁸⁵

Conforme o pesquisador Gaede Neto, o encontro de Jesus com as mulheres “desenha um perfil bastante expressivo para a compreensão de diaconia”.¹⁸⁶ Em primeiro lugar, a ajuda concreta é solicitada pelas mulheres. Além da cura de seus fardos, também a saúde de seu corpo lhes devolve a dignidade. “São necessidades ligadas à sobrevivência”.¹⁸⁷ A cura de tantos corpos adoecidos significa, justamente a restauração da maravilhosa criação de Deus. Nisto se desenvolve a dimensão prática da diaconia.

Por outro lado, a reivindicação de tantas mulheres que não se calaram diante da opressão, das leis impostas e das relações injustas, apresenta um Jesus que aceitou e apoiou mulheres. Jesus assumiu uma dimensão crítica em relação a injustiça imposta pela sociedade, pois todos os problemas trazidos são reflexos da exclusão da convivência como um todo. Seja “matrimonial, familiar, comunitária e social. A ajuda oferecida por Jesus sempre visa à inclusão ao corpo maior, o resgate da cidadania perdida”.¹⁸⁸

Uma importante fonte de estudos para se entender a relação entre Jesus e as mulheres são os Evangelhos, conforme já vimos anteriormente. Neles Jesus apresentou as mulheres como integrantes do seu ministério. É importante entender que “o fato de haver poucos nomes de

¹⁸³ GAEDE NETO, 2021, p. 157.

¹⁸⁴ GAEDE NETO, 2021, p. 159.

¹⁸⁵ GAEDE NETO, 2021, p. 160.

¹⁸⁶ GAEDE NETO, 2021, p. 163.

¹⁸⁷ GAEDE NETO, 2021, p. 163.

¹⁸⁸ GAEDE NETO, 2021, p. 163.

mulheres não indica necessariamente que fossem poucas as mulheres líderes no movimento de Jesus”.¹⁸⁹

Em seu livro, *In Memory of Her*, Elisabeth Schüssler Fiorenza, propõe uma releitura da construção feita do período da Igreja Antiga, pois afirma que os autores do Novo Testamento degradaram o papel das mulheres quando contaram a história de Jesus e seus seguidores.¹⁹⁰

Elsa Tamez também vai de encontro a abordagem de Schüssler Fiorenza ao afirmar que “os textos, por estarem escritos em linguagem androcêntrica, escondem a presença das mulheres”.¹⁹¹ Por isso, as autoras reforçam ser de grande importância magnificar citações em que aparecem as mulheres porque demonstram a relevância de tal ação sendo impossível não a registrar.

Nomes como os de Maria Madalena, Susana, Joana, Marta e Maria são encontrados no Evangelho de Lucas e João. O registro dos nomes destas e de outras mulheres, nos textos dos evangelistas, revela a atividade de liderança que desempenhavam. “Nos três evangelhos aparecem mulheres como testemunhas oculares da crucificação, sepultura, ressurreição e aparição, elementos requeridos para serem consideradas verdadeiras apóstolas”.¹⁹²

Marcos, o primeiro Evangelho a ser escrito, retrata a experiência de várias mulheres junto ao ministério de Jesus. Em 15. 40-41 escreve que “havia muitas mulheres que eram seguidoras de Jesus na Galileia, e que haviam vindo com ele a Jerusalém”.¹⁹³ Mesmo Mateus (27. 55-56) e Lucas (24. 10), sendo textos escritos no período em que o código doméstico já havia sido introduzido nas primeiras comunidades cristãs, relatam a presença das mulheres junto ao movimento iniciado por Jesus.

Por isso, quando se tem clara a participação das mulheres no movimento de Jesus, enquanto discípulas seguidoras, deve-se ler todo o evangelho visualizando mulheres em cada milagre ou em cada discussão ou discurso de Jesus com seus discípulos ou oponentes.¹⁹⁴

No encontro e na partilha, as mulheres ofereciam o espaço de suas casas para receber Jesus. Ali se estabelecia um encontro muito próximo. A exemplo de Marta e Maria (Lc 10. 38-42)

¹⁸⁹ TAMEZ, Elsa. **A liderança das mulheres no Novo Testamento**. Concilium, Petrópolis, RJ, n. 347, 2012. p. 80.

¹⁹⁰ NORDSTOKKE, Kjell: The Feminization or Engendering of Diakonia: New Testament Perspectives. In: DIETRICH, Stephanie. **Diakonia in a gender perspective**. Oxford: Regnum, 2016. p. 34.

¹⁹¹ TAMEZ, 2012, p. 80-81.

¹⁹² TAMEZ, 2012, p. 81.

¹⁹³ TAMEZ, 2012, p. 82.

¹⁹⁴ TAMEZ, 2012, p. 82.

que receberam Jesus em sua casa. Mulheres abriam suas casas a comunidade para ouvir Jesus, bem como receber toda a comunidade de seguidoras e seguidores. Nisto “colocaram seus dons à disposição e ofereciam solidariedade e hospitalidade às pessoas perseguidas, cansadas ou famintas (At 12. 1-17)”.¹⁹⁵ Pletsch, aponta para o fator de liderança das mulheres junto a Jesus quando, conforme Mc 15. 40-16.8, “através de gestos e palavras, anunciaram um estilo de vida comunitário e igualitário”.¹⁹⁶

É de se imaginar que ao abrirem suas casas para o encontro comunitário, mulheres empoderaram outras mulheres e auxiliaram muitas pessoas a se libertarem de suas próprias amarras estruturais. Ou seja, o diaconato de Jesus apontava para uma maneira diferente de conviver. Nele ninguém é mais importante do que ninguém, mas sim, todas as pessoas são acolhidas da mesma maneira e, nesse caso, sentem a *diakonein* de Jesus transformar suas realidades sofridas. Vejamos a seguir como a diaconia de Jesus transformou contextos, acolheu as mais diversas pessoas e, oportunizou uma nova esperança de vida.

3.6 A *DIAKONEIN* DE JESUS TRANSFORMA

A relação existente entre Jesus e as mulheres, revela que o conteúdo da *diakonein* foi modificado por meio das práticas de Jesus sendo sua vida de intensa doação. A cura, um dos principais aspectos do jeito de servir de Jesus, acontecia de forma integral: “perdoou pecados, mas preocupou-se também com o bem-estar físico”.¹⁹⁷

Jesus inverteu a lógica estrutural. Sua *diakonein* instigava mudança. Muitas vezes, os discípulos ficaram estagnados frente ao jeito de Jesus. O conceito servir foi modificado radicalmente, isso porque “a vida e o ensino de Jesus apontam para uma inversão de todas as relações de poder entre as pessoas”.¹⁹⁸

O modelo comunitário existente também recebe profundos questionamentos. Quem serve e quem será servido? Quem é maior ou menor? A partir das reflexões provocadas por Jesus, o

¹⁹⁵ PLETSCHE, Rosane. Diaconia e corpo: Categorias relevantes para repensar o conhecimento na perspectiva de gênero e cidadania. In: STRÖHER, Marga Janete; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S (Orgs.). **À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**, 2. ed. Sinodal: São Leopoldo, 2017. p. 207.

¹⁹⁶ PLETSCHE, 2017, p. 207.

¹⁹⁷ GEORG, 2006, p. 24.

¹⁹⁸ GEORG, 2006, p. 24.

conceito diaconia foi expandido para além do servir às mesas. A diaconia recebeu uma definição relacional. Isso quer dizer que a diaconia foi definida a partir da ação cuidadora em relação a outra pessoa.

Segundo Luise Schottroff, o conceito de diaconia inaugurado por Jesus, “descreve o relacionamento dos discípulos entre si, o relacionamento dos discípulos com Jesus e também o relacionamento de Jesus com as pessoas”.¹⁹⁹ Jesus propôs um modelo de comunidade do serviço, ou seja, “a diaconia de Jesus tem uma dimensão comunitária social”.²⁰⁰ A essência do servir, inaugurado por Jesus, está no amor, conforme João 15. 12: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros”.

Ainda a partir da abordagem de Schottroff, Jesus inaugurou seu Reino no espaço das pessoas mais necessitadas, anunciando a Boa Nova de Deus para aquelas pessoas mais desprezadas. Jesus assumiu uma proposta de ministério diferente do que até então se conhecia.

Deus se compadeceu das pessoas necessitadas. Os pobres, aos quais é destinada a Boa Nova, eram pessoas desempregadas, endividadas e massacradas pela fome. Os presos, por exemplo, eram judeus que foram deportados pelos romanos. Os cegos eram pessoas que adoeceram por causa das más condições higiênicas de um país empobrecido. O típico para a tradição cristã é que a miséria real das pessoas aparece concentrada numa mulher: uma mulher que sofre de hemorragia (Mc 5,25ss par.).²⁰¹

A atuação de Jesus levou em conta a vida das pessoas mais desprezadas, que incluía mulheres e crianças. “O Deus de Jesus Cristo sempre olhou primeiro para as vítimas, ele estava a seu lado e as ajudou a se colocarem de pé e a viverem solidariamente entre si”.²⁰² São as mulheres que cuidam das feridas, cuidam das pessoas doentes e alimentam famintos.

Jesus descreve sua missão como serviço (cf. Lc 12. 37). A dedicação a outra pessoa, em sua totalidade, foi o principal aspecto do servir de Jesus. Dedicar-se aos cuidados de outras pessoas está unicamente fundamentado “na vontade e essência de Deus”²⁰³ (cf. 1 João 4. 9). “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (Jo 13. 15).

¹⁹⁹ SCHOTTROFF, 1995, p. 56.

²⁰⁰ GEORG, 2006, p. 25.

²⁰¹ SCHOTTROFF, 1995, p. 28-29.

²⁰² SCHOTTROFF, 1995, p. 34.

²⁰³ BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. In: NORDSTOKKE, Kjell. **A diaconia em perspectiva bíblica e histórica**. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 18.

Cristo realiza a vontade de Deus ao socorrer a pessoa necessitada. Palavra e ação são elementos que caminham de mãos dadas no ministério de Jesus. Segundo Brandt, “sem as ações, a palavra permaneceria oca; sem a palavra, as ações seriam mudas. Acontece, porém, que palavra e ação formam um testemunho unitário do senhorio régio de Deus”.²⁰⁴

Ao mesmo tempo, “a palavra e ação de Jesus constituem uma unidade enquanto proclamação, também o fazem enquanto serviço ao semelhante. Não apenas a ação assistencial é um serviço, mas também a palavra de Jesus o é”.²⁰⁵ Mesmo que a ação e a palavra de Jesus formem uma unidade, é indispensável que sejam distinguidas. Para Brandt, ir ao encontro da pessoa em sofrimento não suporta segundas intenções.

O motivo da compaixão não tolera segundas intenções. O sofredor não é transformado em meio para a finalidade de disseminar a palavra, tampouco é considerado uma oportunidade bem-vinda para que Jesus aumente o próprio poder e influência. Ele continua sendo inequivocamente o sofredor ou culpado, ao qual se deve ajudar nesse instante.²⁰⁶

O encontro de Jesus com as pessoas acontece de forma específica. Jesus se encontra com pessoas que sofrem de alguma forma. As denominadas pessoas “pecadoras” recebem um lugar de honra (Lc 14). O próximo ferido, machucado e necessitado recebe cuidado especial. Porém, quem é o próximo? Segundo Boff, “próximo é aquele que rompeu o círculo de si mesmo e se debruçou sobre o outro abandonado”.²⁰⁷ Jesus inverteu a questão e definiu a sua missão a partir da pessoa excluída, ferida e doente.

A *diakonein* fazia parte do cotidiano de Jesus e, ao mesmo tempo, ele incumbiu todas as pessoas a também servir. “Sem diferenciação entre tarefas mais e menos dignas, sem hierarquia, sem discriminação, sem privilégios”.²⁰⁸ O servir é igualitário. Nas comunhões de mesa, Jesus expressou tal atitude e apontou para esta igualdade.

3.7 A *DIAKONIA* DE JESUS SOB A PERSPECTIVA DAS COMUNHÕES DE MESA

²⁰⁴ BRANDT, 2003, p. 19.

²⁰⁵ BRANDT, 2003, p. 19.

²⁰⁶ BRANDT, 2003, p. 20.

²⁰⁷ BOFF, Leonardo. **Do lugar do pobre**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 46.

²⁰⁸ GAEDE NETO, 2021, p. 75.

John Crossan, em sua pesquisa, apontou que a refeição é uma das principais características da missão de Jesus. Quem serve (*diakonein*) não é menos importante do que quem está sendo servido.²⁰⁹ Ou seja, o aspecto missionário diz respeito a uma posição igualitária:

A comensalidade, na verdade, era uma estratégia para reconstruir a comunidade camponesa sobre princípios radicalmente diferentes daqueles ditados pelo sistema. Ela estava baseada no ato de compartilhar de forma igualitária o poder espiritual e material, no nível mais popular.²¹⁰

Segundo Crossan, numa perspectiva antropológica, “o ato de comer representa a maneira mais básica de se iniciar e manter relações humanas”.²¹¹ Nesse sentido, é possível constatar que a ação diaconal de Jesus além de missionária também foi profética. Isso porque a partilha cria vínculo identitário. A comunidade cristã se encontra ao redor da mesa e partilha. Ali não existe espaço para a exclusão.

Nas comunhões de mesa fica evidente a proposta missionária Jesus e fica explícita a proposta comunitária que inverte valores vigentes na sociedade. “Ao redor das mesas, ensaia-se um projeto comunitário de mutualidade no serviço, tendo em vista a partilha igualitária dos bens espirituais e materiais”.²¹²

De forma mais concreta, a comunhão de mesa nos remete ao ágape das primeiras comunidades cristãs. Ele foi instituído pela comunidade cristã dos primeiros séculos. Trata-se de um espaço de partilha de alimentos. Provavelmente, aconteciam todos os dias ao entardecer, tendo como principal objetivo alimentar irmãos e irmãs em condição de necessidade.

Tal atitude está baseada na prática de Jesus em alimentar pessoas, a comensalidade. Na prática da partilha, o discipulado no cotidiano requer o servir e agir. “A prática do partir o pão marcou o que era e o que queria ser a comunidade cristã”.²¹³ Além disso, o ágape “incluía a denúncia (aberta ou velada) e a crítica ao sistema que marginaliza, exclui e separa em classes sociais, bem como a discriminação de gênero”.²¹⁴

²⁰⁹ “Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve”. Lucas 22. 27.

²¹⁰ CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico**: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1994. p. 381.

²¹¹ CROSSAN, 1994, p. 441.

²¹² GAEDE NETO, 2021, p. 112.

²¹³ GEORG, 1999, p. 53.

²¹⁴ GEORG, 1999, p. 54.

Na celebração do ágape, a comunidade estava intencionada a continuar seguindo os exemplos de Cristo. Partir o pão marcou significativamente a vida dos primeiros cristãos e das primeiras cristãs. Aqui se apresenta uma comunidade igualitária.²¹⁵ A comensalidade se tornou algo tão identitário da comunidade cristã, que somente no partir do pão, por Jesus, os discípulos em Emaús o reconheceram, conforme Lucas 24. 30-31. Repartir o pão coloca a comunidade em sintonia com Jesus. Elas o reconhecem a partir da ordem: Dai-lhes vós mesmos de comer.²¹⁶ Segundo Georg, não é por qualquer motivo que a alimentação se encontra no topo das obras de misericórdia de Mateus 25. 35.

A partir disso, é de suma importância notar a relação existente entre o ágape e a *diakonein* de Jesus. Isso porque as celebrações do ágape

eram comunitárias, inclusivas; possibilitavam uma comunhão muito próxima; eram sororais, fraternais e solidárias; testemunhavam o empenho por romper barreiras sociais, culturais, econômicas e de gênero, representando verdadeiras células de resistência em relação ao contexto da sociedade; possibilitando o planejamento e a ação diaconal das comunidades.²¹⁷

O ágape apontava para o testemunho diaconal. Testemunho este que rompe hierarquia e coloca mulheres e homens, crianças, jovens e pessoas escravas na mesma condição. É de fundamental importância mencionar que “os ágapes denunciavam a discriminação de gênero. Ali também as mulheres eram anfitriãs e também elas presidiam. Há imagens de ágapes, inscritas nas catacumbas, em que se veem mulheres presidindo as reuniões dos cristãos”.²¹⁸

A comensalidade de Jesus se dava com pessoas denominadas socialmente como pecadoras. As frequentes discussões entre Jesus e os publicanos e fariseus apontada em vários textos direciona, justamente, para esse acolhimento de Jesus. Nesse encontro em torno da mesa, não se reparte apenas a comida, mas a aceitação mútua. Com isso, “as pessoas colocadas nos últimos lugares da pirâmide social e religiosa são as primeiras convidadas de Jesus para as ceias”.²¹⁹

Por outro lado, a diaconia de Jesus revela a miséria. Expõe o fato de que a desigualdade é uma temática gritante em todas as esferas da vida. “Cada encontro de pessoas pobres e pecadoras

²¹⁵ GEORG, 1999, p. 53.

²¹⁶ GEORG, Sissi. O Ágape: uma vivência litúrgico-diaconal das comunidades dos primeiros séculos. **Tear**: liturgia em revista, São Leopoldo, n.8, ago. 2002. p. 4.

²¹⁷ GEORG, 2002, p. 5.

²¹⁸ GEORG, 2002, p. 5.

²¹⁹ GAEDE NETO, 2021, p. 164.

com a finalidade de partilhar a comida e a aceitação de uma denúncia contra um sistema que expõe tantas pessoas à fome e à marginalidade”.²²⁰

Com isso, a vida de Jesus em sua totalidade se torna exemplo a ser seguido pela comunidade. A mutualidade da *diakonia* de Jesus é a principal proposta apresentada à comunidade. O serviço em Jesus quer ser exemplo a ser seguido (Jo 13. 15). Além disso, ação que compromete e, como colocado anteriormente referindo-se às comunhões de mesa, estímulo para assumir um novo projeto comunitário, pois “a comensalidade de Jesus é fundamento bíblico-teológico para a diaconia cristã”.²²¹

Dessa forma, a *diakonia* de Jesus criou comunhão e trouxe de volta ao corpo comum todas aquelas pessoas que a sociedade lançou para fora dos muros do convívio. Este é o maior dos milagres: o encontro com Jesus, o acolhimento da enfermidade e o recomeço na inserção de volta ao convívio diário. Essa foi, e ainda é motivação para a prática da diaconia na Irmandade. Mesmo que o modelo de Kaiserswerth não esteja mais em vigor como parâmetro de atuação, a comunhão vivida por Jesus, por meio da diaconia, fundamenta o convívio e ingresso de novas irmãs à Irmandade.

3.8 A DIAKONIA CRIA COMUNHÃO

A solidariedade é uma experiência vivida pela comunidade no convívio com Jesus. Segundo o evangelista Marcos, o jeito de Jesus ao relacionar-se com as pessoas em seu entorno, revelava profundas implicações no cotidiano da comunidade. Por esse motivo, afirmamos que a diaconia está na inversão “das coisas que afeta a sociedade inteira, atinge a sua espinha dorsal, a sua estrutura, que é promotora de divisões, de fome, miséria, doenças, acúmulo de riquezas e discriminações de toda sorte”.²²² Ou seja, Jesus identifica a vulnerabilidade, vê a necessidade de

²²⁰ GAEDE NETO, 2021, p. 165.

²²¹ GAEDE NETO, Rodolfo. Conversas à mesa com comida boa. In: CIBELE, Kuss (Org.). **Fé, justiça de gênero e incidência pública: 500 anos da Reforma e Diaconia Transformadora**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2017. p. 107.

²²² GAEDE NETO, Rodolfo. Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, jul. 2010. p. 307. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/104/96. Acesso em: 29 mar. 2021.

todas aquelas pessoas que são oprimidas e estão à margem e todas aquelas que “precisam realizar todo tipo de trabalho pesado que um cidadão livre não se digna de realizar”.²²³

Por esse motivo é possível afirmar que a diaconia de Jesus é transformadora. Ela, por meio de ações concretas, transforma realidades de sofrimento.²²⁴ Isso não acontece de forma isolada, mas na comunhão. Ao reconhecer as fragilidades, transformar os sinais de sofrimentos se torna a marca da vida de Jesus. Isto é, “anúncio da possibilidade real de uma nova forma de vida comunitária”.²²⁵

Gaede Neto conceitua essa maneira de viver de Jesus e afirma que tais questões podem ser entendidas como ações que invertem valores de forma radical, como visto anteriormente. Sob esse aspecto, nasce o conceito da liderança: “os primeiros sejam *diákonoi* de todos”.²²⁶ Ou seja, a partir do momento em que a comunidade identifica sua responsabilidade, junto aos *últimos*²²⁷, por meio da diaconia de Jesus, ela cria uma identidade inconfundível que diz respeito ao discipulado da cruz, da vulnerabilidade, *dos últimos*.

Novamente nos chama atenção a maneira como as diaconisas estabeleciam contato com seu campo de atuação, mas principalmente a maneira como os vínculos, com as pessoas mais necessitadas, eram estabelecidos. A sensibilidade para perceber onde se deve intervir diz respeito ao discipulado, que cria a identidade diaconal de Jesus e faz enxergar a dificuldade da outra pessoa.

Certo dia, fui descendo a rua principal de Colorado d'Oeste e vi, em meio ao pó, uma família: pai, mãe, três ou quatro filhos, alguns sacos e trouxas com seus pertences. Não parecia estarem esperando por alguém; antes, pareciam indecisos, não sabendo o que fazer. Como gosto de estabelecer contatos, passamos a conversar. (...) Essa gente precisa de ajuda!²²⁸

Ser *diákonoi* de todas as pessoas aponta para os relacionamentos igualitários inaugurados a partir dos gestos de Jesus. “Jesus exalta as pessoas humilhadas. Concede espaço a quem perdeu.

²²³ GAEDE NETO, 2010, p. 307.

²²⁴ **Caderno Justiça de Gênero e Diaconia Transformadora:** superando violências e preconceitos. São Leopoldo, RS: Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST, 2016. p. 9.

²²⁵ GAEDE NETO, 2021, p. 107.

²²⁶ GAEDE NETO, 2021, p. 73.

²²⁷ O termo *últimos* é utilizado por Elisabeth Schüssler Fiorenza para referir-se às pessoas “que se situam mais longe do centro do poder religioso e político, os escravos, as crianças, os gentios, as mulheres, tornaram-se paradigmas do verdadeiro discipulado”. (Cf. Caderno Justiça de Gênero e Diaconia Transformadora, 2016, p. 9).

²²⁸ NIED; MERZ, 2012. p. 34.

Convida para ocupar os primeiros lugares aquelas pessoas que foram empurradas para os últimos”. Tais espaços são compartilhados com Jesus. Ele mesmo se torna *diákonoi* da comunidade.

Segundo Bonhoeffer, não é possível viver a comunhão com irmãos e irmãs na fé fora da comunhão com Cristo.

Comunhão cristã é comunhão por Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Não há comunhão cristã que seja mais ou menos do que isso. Quer seja um único e breve encontro ou comunhão diária que pendure há anos, a comunhão cristã é somente isso. Pertencemos uns aos outros tão somente por meio de e em Jesus Cristo.²²⁹

Nesse sentido, também a comunidade cristã é fruto da diaconia de Cristo. “Sua presença salvífica na comunidade de seus servidores brota a plenitude dos carismas diaconais na Igreja e em sua história”.²³⁰ Ao mesmo tempo, Cristo também se mostra de forma abscôndida no mundo. “Cristo está presente de forma oculta nos mais pobres e miseráveis de seus irmãos”.²³¹ Sempre que fizermos aos mais pequeninos, ao próprio Cristo nos voltamos (Mt 25). “Essa percepção das profundezas últimas da destruição, dos abismos mais profundos da existência humana é a percepção da ágape e, simultaneamente, a percepção daquelas pessoas cuja lei de vida e ação se tomou o diakonein”.²³²

Conforme Heinz-Dietrich Wendland, na diaconia a presença real diaconal de Cristo em sua comunidade e a sua presença oculta no mundo estão em constante relação. Quando a enfermidade ou a miséria se mostram de forma tão gritante fazendo com que se questione sobre a humanidade do ser, o amor de Deus, em Cristo, acolhe e envolve por meio da *diakonein*.

As obras humanas correspondem ao motivo pelo qual a humanidade foi criada: para a prática do bem (Ef 2. 10). “Sem esse elogio das boas obras por parte de Cristo a diaconia não pode existir nem ser fundamentada”.²³³ Esse Cristo *diakonos* convoca toda cristandade ao exercício diaconal. Não somente convoca, mas autoriza. “O que se espera e requer de nós na diaconia não é

²²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 11 ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 12-13.

²³⁰ WENDLAND, Heinz-Dietrich. *Christos Diakonos, Christos Doulos: Fundamentação teológica da diaconia*. In: NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **A diaconia em perspectiva bíblica e histórica**. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 225.

²³¹ WENDLAND, 2003. p. 225.

²³² WENDLAND, 2003. p. 226.

²³³ WENDLAND, 2003. p. 227.

nada além da humanidade, da atitude humanitária, mais precisamente a humanidade divina oculta dessas boas obras”.²³⁴

Poderíamos então nos perguntar: de quem é a tarefa do servir? Quem pesquisa sobre diaconia e o serviço no meio eclesial? Não são muitas pessoas que se debruçam sobre o tema da diaconia e quando a ênfase é especificamente no trabalho das Irmãs diaconisas, a escassez da pesquisa é ainda maior. O pesquisador Telmo Müller, uma das primeiras pessoas a se dedicar ao estudo desse tema, pergunta: “Porque é tão bonito o que as Irmãs fazem que nos dá a impressão de que ‘é só com elas...’ Será? Será que o amor ao próximo não é tarefa de todos?”²³⁵

A Ir. Hildegart Hertel, quando ainda era vice-diretora da CMD, descreveu a diaconia como tarefa de toda pessoa que crê. Ao ter sua saúde física e mental reestabelecida, a comunidade de Jesus testemunha e se empenha pela diaconia, que é ação concreta possível somente por meio do amor. Jesus “declara o mandamento do amor a Deus e do amor ao próximo não como mais um entre outros iguais, e sim como critério de todos”.²³⁶ Nesse sentido, a diaconia somente pode ser entendida como tarefa de toda pessoa que crê, tendo por base os exemplos do próprio Cristo, que amou incondicionalmente toda pessoa em sua mais profunda miséria. Segundo Hertel, “o cristão não pode separar a sua fé do engajamento social. Não existe um discipulado em teoria, porque a fé sempre se manifesta numa ação concreta”.²³⁷

Este capítulo apontou para o significado do termo diaconia em Jesus. Vimos que Jesus inaugura um novo sentido para o servir. Este por sua vez, abre espaço de valorização e reconhecimento, principalmente para as mulheres, que tinham o servir como atividade que apresentava subordinação, afinal quem quiser ser o maior, que sirva (Mt 20. 26). Porém, pudemos verificar que a partir da diaconia, Jesus aponta outras possibilidades de relacionamento, onde não seja necessário subjugar a outra pessoa e muito menos escravizá-la a partir de normas e leis. Pelo contrário, a diaconia de Jesus aponta para o acolhimento, a escuta, o respeito, a partilha e o amor. Na exposição sobre os Evangelhos, foi possível apontar situações em Jesus age a partir destes conceitos, mostrando a diaconia como base para o relacionamento social.

²³⁴ WENDLAND, 2003. p. 228.

²³⁵ MÜLLER, Telmo Lauro. **Amor ao próximo: história da Casa Matriz de Diaconisas da IECLB.** São Leopoldo: Rotermund, 1990. p. 133.

²³⁶ BRAKEMEIER, Gottfried. **Fazer o bem faz bem: uma introdução à ética.** São Leopoldo, RS: Sinodal, 2019. p. 84-85.

²³⁷ MÜLLER, 1990, p. 133.

As mulheres, ao vivenciarem a diaconia de Jesus, percebem mudanças concretas acontecendo em suas vidas, pois são elas são vítimas da opressão imposta pelas leis, pela tradição e pela religião. Este é o caso da mulher hemorrágica que é curada ao tocar Jesus, conforme Lucas. 8. 43-48. Ou ainda, a mulher que seria apedrejada, mas é defendida por Jesus e, com isso, livrada da morte, conforme João 8. 1-11.

Tais exemplos nos ajudam a constatar que ao serem ouvidas, curadas e reconhecidas, experimentaram outra possibilidade de vida. A partir dessa nova realidade, elas seguem a Jesus, se tornam suas discípulas e protagonistas da diaconia a qual já experimentaram.

Da mesma forma, a comunhão de mesa é uma realidade inaugurada por Jesus. Ao redor da mesa ninguém é maior do que ninguém. Pelo contrário, ali se ensaia, conforme Gaede Neto, um projeto comunitário igualitário.²³⁸ As comunhões de mesa, apresentam a concretude da essência do servir. As comunhões apontam situações de mudança. Por isso, podemos afirmar que a diaconia de Jesus transformou muitas realidades. Da mesma forma, inspiradas pela diaconia de Jesus, as diaconisas transformaram realidades. A diaconia de Jesus criou comunhões de mesa e foi a ponte que possibilitou o encontro para condições mais dignas de vida.

²³⁸ GAEDE NETO, 2021, p. 112.

4 A PRESENÇA E ATUAÇÃO DAS MULHERES NO PERÍODO APOSTÓLICO: TESTEMUNHO ATUANTE DE VIDA E FÉ

Das mulheres espera-se que trabalhem por amor.

Luise Schottroff

Nos capítulos anteriores, refletimos sobre a Casa Matriz de Diaconisas, sua história e a atuação das diaconisas amparadas e motivadas na diaconia de Jesus. Para entender como se deu a diaconia de Jesus e o como o próprio conceito foi ressignificado, buscamos nos Evangelhos situações em que Jesus ensinou um novo jeito de viver, onde as pessoas são todas iguais e não há quem seja maior ou menor (Lc 22. 27).

No contexto patriarcal em que Jesus viveu, onde a cultura grega ainda se apresentava nos costumes e tradições, Jesus ressignificou a diaconia e mostrou que o servir é muito mais do que preparar a comida e servir à mesa, tarefa especialmente realizada pelas mulheres. Essa questão nos fez verificar a relação entre as mulheres e a diaconia de Jesus no Novo Testamento, bem como no ministério de Jesus. Como vimos, foi possível verificar que as mulheres experimentaram da compaixão de Jesus. Seus corpos são curados das enfermidades e elas agora testemunham a fé em Jesus praticando a diaconia em outros contextos. Dessa maneira, foi possível perceber que a diaconia de Jesus transformou a vida de mulheres, mas também de outras pessoas que, através delas, experimentaram a dignidade e o amor. Sinais concretos da diaconia de Jesus também puderam ser experimentados nas comunhões de mesa. A partilha expressava uma comunidade igualitária, mesmo que esta estivesse inserida num contexto marcado pela miséria e pela desigualdade em todas as esferas da vida.

O último capítulo desta dissertação, busca no protagonismo de mulheres no período apostólico, a motivação para a vivência da diaconia hoje. Este foi o período marcado pela “expansão do evangelho por meio dos apóstolos”.²³⁹ O enfoque deste capítulo consiste, na biografia e vivência de três mulheres: Febe, Priscila e Júnia. Estas mulheres recebem atenção especial,

²³⁹ TAMEZ, 2012. p. 79.

porque apesar do contexto patriarcal que instala e restringe sua atuação, elas continuam dando sinais da diaconia do próprio Cristo e a sua atuação se reflete ainda hoje na vida das diaconisas.

Por causa do servir de Jesus, homens e mulheres colocaram também suas vidas em favor do cuidado com seu próximo e sua próxima. Estas pessoas se sentiram chamadas, pois foram incorporadas ao coletivo. Este era o principal fundamento: servir porque Jesus serviu primeiro. Nos primeiros séculos, comunidades cristãs surgiram por causa do compromisso assumido em favor das causas do Reino de Deus. A partir do exemplo de Jesus, elas cuidavam e atuavam em favor do seu semelhante. Os encontros comunitários surgiram a partir dessa convicção do cuidado mútuo. As primeiras comunidades cristãs do período apostólico, são resultado do amor e da comunhão entre as pessoas.

No espaço da casa, onde muitas comunidades se reuniam, se “propõe um novo modelo de convivência”.²⁴⁰ “As mulheres que entregam a vida e servem são os exemplos de liderança e discipulado”.²⁴¹ Por isso, “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3. 28).

Para entender a atuação das mulheres no tempo apostólico, os estudos de gênero são importante ferramenta, bem como a hermenêutica da suspeita. Febe, Priscila e Júnias foram responsáveis pelo anúncio do Evangelho e organização das primeiras comunidades cristãs. O engajamento que tiveram foi ação diaconal. Elas serviam por causa do Evangelho. Resgatar a história de vida dessas mulheres significa, acima de tudo, mantê-las vivas na memória desta geração e daquelas que ainda virão e assim saberão o que elas fizeram.

4.1 A ATUAÇÃO DAS MULHERES REGISTRADA NAS CARTAS PAULINAS

A pergunta pela atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs, especialmente no período apostólico e no exercício da liderança por meio da diaconia, oportuniza um resgate importante. O papel das mulheres, especialmente, nos primórdios da Igreja cristã foi de fundamental importância. Porém, o protagonismo, a liderança e o ensino, não são apontados como

²⁴⁰ SOUZA, Carolina Bezerra de; WISCH, Taiana Luísa. **Os discursos sobre as mulheres no Novo Testamento**: uma comparação a partir do Evangelho de Marcos. São Leopoldo: Cebi, 2020, p. 33.

²⁴¹ SOUZA; WISCH, 2020, p. 34.

atividades desenvolvidas pelas mulheres. Também o servir não recebe a ênfase necessária apontando para as atividades que eram lideradas pelas mulheres.

A questão é que muito da atuação das mulheres não foi considerada trabalho, atuação ou liderança e passou a despercebido. Justamente porque os padrões atribuíam determinadas funções como pré-estabelecidas para serem realizadas somente por homens e outras atividades, somente por mulheres. Entre estes, atribui-se principalmente o trabalho doméstico as mulheres. Luise Schottroff chama esse aspecto de “falsificação da realidade das mulheres”.²⁴²

Nos primeiros séculos, especialmente no período apostólico, o número de mulheres líderes é um fator extremamente considerável. Porém, ao analisar os textos bíblicos, é possível verificar que a atuação delas é pouco descrita. Segundo Elsa Tamez, “a liderança de mulheres e homens nas origens do cristianismo permite ver as relações de poder entre os gêneros”.²⁴³ Nesse caso, “impedir mulheres de ensinar significa impedi-las de exercitar o poder”.²⁴⁴

A problemática sobre a atuação das mulheres está no fato de que muitas delas não foram citadas nos relatos bíblicos. Ou, quando citadas, sua atuação é pouco descrita. Mesmo assim, ao falarmos da liderança de mulheres nos primeiros séculos, é importante, conforme Tamez que se use, de forma minuciosa, “a hermenêutica da suspeita”.²⁴⁵ “A suspeita é um ponto importante do método da desconstrução e reconstrução juntamente com a análise de gênero”.²⁴⁶ Isto é, qualquer menção feita, no texto bíblico, de alguma atuação de mulheres, precisa ser magnificada, pois “isto significa que o evento relativo a essa mulher ou mulheres foi tão relevante que o autor se viu obrigado a incluí-lo”.²⁴⁷

Os estudos de gênero são ferramenta importante para se compreender que a relação entre as pessoas, especialmente, entre homens e mulheres, “estão sempre permeados de poderes e hierarquias”. Contudo, ao se permitir a conscientização desse fato, podemos “iniciar o processo de desconstrução de tais argumentos estereotipados e arraigados entre as pessoas conservadoras e tradicionalistas”.²⁴⁸

²⁴² SCHOTTROFF, 1995, p. 10.

²⁴³ TAMEZ, 2012, p. 79.

²⁴⁴ SOUZA; WISCH, 2020, p. 175.

²⁴⁵ TAMEZ, 2012, p. 79.

²⁴⁶ PAIXÃO; EGGERT, 2011, p. 20.

²⁴⁷ TAMEZ, 2012, p. 81.

²⁴⁸ FILHO, Vicente Gregório de Sousa. Aportes históricos, hermenêuticos e epistemológicos às teologias feministas. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 38, 2015, p. 76. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2380/2475>>. Acesso em: 29. jun. 2022.

Ao adentrarmos na temática sobre a atuação das mulheres no período apostólico, mas também nos registros das cartas paulinas, vamos perceber que não basta somente uma análise sistemática deste conteúdo, mas conforme Schüssler Fiorenza, “deve ser complementada por uma hermenêutica feminista de suspeita, que entende textos androcêntricos como articulação ideológica de varões expressando e também mantendo, condições históricas patriarcais”.²⁴⁹

Também a pesquisadora Wanda Deifelt, a partir dos estudos de Schüssler Fiorenza, aborda o conceito da hermenêutica da suspeita como um recurso para a desconstrução do ocultamento da atividade exercida pelas mulheres.

Deifelt defende também a utilização da hermenêutica da suspeita, dentro outros sentidos, para auxiliar na desconstrução, desconfiança e desmobilização de esquemas patriarcais que colocaram as mulheres na invisibilidade no que diz respeito aos acontecimentos bíblicos. Por isso, torna-se premente identificar e resgatar a ação e o ocultamento das mulheres nos episódios bíblicos, posto que sua presença era sempre inevitável, embora nem sempre registrada pelos hagiógrafos varões.²⁵⁰

Vale ainda reforçar que não somente nos primórdios da Igreja como também no presente, as mulheres, tem sim, trabalhado muito pela edificação do Reino de Deus.²⁵¹ Elas assumiram funções de liderança motivadas pela *diakonia* de Jesus. As experiências vividas a partir do ministério de Jesus fizeram com que elas também se tornassem as suas seguidoras. A libertação de seus corpos em condições de opressão possibilitou que também elas o seguissem e o testemunhassem. A *diakonia* de Jesus instituiu um “discipulado de iguais”.²⁵²

Aqui não se busca vitimar a liderança, atuação e presença das mulheres, seja nos seus campos de atuação como diaconisas, seja na relação com Jesus a partir do conceito da *diakonein*, ou ainda na liderança exercida no período apostólico. “E sim como pessoas que participam do exercício do poder, resistindo ou reproduzindo as redes de poder, mas que dentro da sociedade tiveram experiências e discursos invisibilizados”.²⁵³

²⁴⁹ FIORENZA, 1992, p. 89.

²⁵⁰ DEIFELT, Wanda *apud* FILHO, Vicente Gregório de Sousa, 2015, p. 80-81.

²⁵¹ Aqui poderíamos abrir espaço para falar sobre como a ordenação de mulheres, especialmente no contexto da IECLB, que foi assunto de concílios e reuniões. As diaconisas, por exemplo, não eram ordenadas, mas consagradas para poderem atuar. Já as pastoras são ordenadas na IECLB somente a partir de 1982. Para aprofundar ver: FREIBERG, Maristela Lívia. **E assim entramos na roda!:** retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Metanoia, 2019. 191 p.

²⁵² STRÖHER, 1996, p. 14.

²⁵³ SOUZA, 2017, p. 25.

O conteúdo da carta do apóstolo Paulo aos Romanos (Rm 16.7), é o texto mais conhecido para identificar a atuação das mulheres nos primeiros registros de estruturação de comunidades cristãs. “Numa lista de saudações, Paulo, com a maior naturalidade, fala da apóstola Júnia”.²⁵⁴ Este é apenas um exemplo que comprova a posição de liderança ou função de direção exercida pelas mulheres nos primórdios da Igreja.

Paulo se refere à Febe, em Rm 16. 2, como *prostátis*. “Isso comprova que ela exercia uma função de decisão e direção, às quais inclusive Paulo se subordinava”.²⁵⁵ Além disso, o próprio título *diáconos*, que Paulo atribui a Febe aponta mais uma vez para sua atuação de direção. Febe e Paulo anunciam e exerciam funções de anúncio do Evangelho de forma igual. Isso porque ambos criaram e lideraram comunidades. Entendiam estar voltados na mesma direção, concentrados na mesma tarefa, conforme 1 Co 3.9a: “Porque de Deus somos cooperadores”, ou ainda outra tradução possível diz: colaboradores.

A questão é:

Quando o grupo de palavras *diaconein*, *diakono* “servir”, “servidor” se refere a mulheres, a pesquisa científica neotestamentária realiza uma mudança “sexista” do significado dessas mesmas palavras. Isso é um fato típico para a história interpretativa do Novo Testamento. Quando se trata do serviço de mulheres, pensa-se em assistência aos doentes, em trabalhos especiais realizados por elas e em prover alimentação.²⁵⁶

Tendo em vista a diaconia de Jesus, questiona-se o motivo pelo qual o cuidado às pessoas mais fragilizadas é tarefa exercida pelas mulheres, enquanto a liderança é exercida por homens. Esse pensamento reflete a crença de que mulheres são naturalmente mais sensíveis e, por isso, aptas ao cuidado de outras pessoas. Espera-se que trabalhem por amor gratuitamente. Esta é a reflexão proposta por Luise Schottroff: “Quando se trata do serviço de mulheres, pensa-se em assistência aos doentes, em trabalhos realizados por elas e em prover alimentação.”²⁵⁷

Nesse caso, a diaconia exercida por mulheres não seria também o exercício da liderança?

²⁵⁴ SCHOTTROFF, 1995, p. 86.

²⁵⁵ SCHOTTROFF, 1995, p. 87.

²⁵⁶ Esta reflexão exige aprofundamento da pesquisa. O serviço não significa submissão. Mesmo que esses paralelos sejam traçados em torno da relação entre *diakonia* e a atuação de mulheres. Segundo Schottroff, “tanto a concepção paulina sobre os carismas quanto Mc 10. 42-45 e paralelos (Jo 12. 26; 13. 1-7) mostram que cada pessoa cristã é, através de Cristo servidora de todas as outras pessoas e que uma função diretiva não significa um ‘cargo hierárquico’”. SCHOTTROFF, 1995, p. 88.

²⁵⁷ SCHOTTROFF, 1995, p. 88.

Para a relevante participação de mulheres na divulgação do Evangelho, basta remeter para a proporção numérica de homens e mulheres, contida na lista de saudações em Rm 16. Ali são mencionadas pessoas – homens e mulheres – que trabalharam em prol do Evangelho. Ao lado de 17 homens são mencionadas 9 mulheres. No contexto das relações patriarcais isto é um número assombroso.²⁵⁸

Jesus apontou a diaconia como tarefa de toda pessoa. O servir deve ser abraçado pela pessoa cristã, porque Cristo serviu primeiro. Nesse sentido, o período apostólico revela, mesmo que de forma abreviada, a liderança e o protagonismo das mulheres.

Febe, Priscila e Júnia²⁵⁹ são algumas mulheres que desempenharam importantes funções no período apóstolo e que são citadas nos registros de Paulo. Conforme Schottroff, Priscila, por exemplo, é citada por pertencer,

ao grupo das pessoas mais importantes daquele tempo, que se dedicavam ao trabalho de evangelização, pois o próprio Paulo escreve a respeito dela de que não apenas ele, mas ‘todas as comunidades dos gentios’ devem profundo agradecimento a ela e a seu homem (Rm 16. 35).²⁶⁰

Ao verificarmos o nome de Júnia, Febe e Priscila, nos relatos do período apostólico, é possível identificar que as mulheres desempenharam funções iguais ao próprio Paulo. Tal resgate indica que elas assumiam funções diretivas e que por causa do trabalho missionário, assim como os homens, “mulheres foram presas e corriam perigo de vida (Rm 16. 4-7; Fp 4. 3).”²⁶¹

Paulo não foi o único responsável pela missão cristã nos primórdios da Igreja. Ele mesmo não se entendia dessa maneira ao dizer que Júnia e Andrônio já eram pessoas cristãs antes dele e já exerciam a tarefa missionária (Rm 16. 7). Paulo era “um entre muitas pessoas.”²⁶² Isso auxilia a

²⁵⁸ SCHOTTROFF, 1995, p. 89.

²⁵⁹ A escolha destas três mulheres foi proposital. Febe, Júnia e Priscila atuaram de forma diferente, também em espaços diferentes. Porém, sua atuação remonta ao fato de que seja na diaconia, na missão ou no anúncio, mulheres atuaram, foram e continuaram sendo importantes lideranças. Dessa forma, é impossível dizer que as mulheres não exerceram algum tipo de lideranças, não somente no período apostólico, mas também no ministério de Jesus. Também os apontamentos até agora enumerados em torno das diaconisas fazem parte desse resgate. Também se deve reconhecer e afirmar que as diaconisas exerceram grande liderança e atuaram em diferentes frentes. O protagonismo delas deve ser preservado nos tempos idos, mas também no presente. Entendo que as diaconisas não poderiam deixar de ser citadas e a atuação de cada uma delas refletida a partir do exercício da liderança de outras mulheres, especialmente aquelas a testemunhar o Evangelhos no período apostólico. O protagonismo das diaconisas tem fundamento no ministério de Jesus e na liderança de outras mulheres ao longo da história. É sororal!

²⁶⁰ SCHOTTROFF, 1995, p. 88.

²⁶¹ SCHOTTROFF, 1995, p. 89.

²⁶² SCHOTTROFF, 1995, p. 90.

retirar a centralização colocada sobre Paulo. Como se somente ele tivesse sido responsável pela edificação das primeiras comunidades. “Paulo era um entre muitos homens e muitas mulheres”.²⁶³

A seguir vamos nos ater à biografia e atuação de três mulheres do período apostólico que exerceram grande liderança em seu contexto sendo responsáveis pelo trabalho diaconal, missionário e da pregação: “Febe, Priscila e Júnia exerceram, como evangelistas, uma função internacional semelhante a do próprio Paulo”.²⁶⁴

4.2 APÓSTOLA? DIÁCONA? MISSIONÁRIA? QUEM SÃO ELAS?

Na carta aos Romanos, especialmente no capítulo 16, Paulo saúda uma série de pessoas por seu trabalho dedicado na comunidade de Roma. Entre elas estão várias mulheres: Febe, Priscila, Júnia, Maria, Trifena, Trifosa, Pérside, a mãe de Rufo, Júlia e sua irmã e Olimpas. Nesse sentido, o texto de Romanos é um resgate que auxilia na reconstrução da “história das mulheres nas primeiras comunidades cristãs”.²⁶⁵

Para a pesquisadora Marga Ströher, a carta aos Romanos (Rm 16) é uma importante chave de leitura para a história das mulheres nas primeiras comunidades cristãs.²⁶⁶ Além disso, o texto é, segundo ela, importante também para reconstruir a história de mulheres que atuaram nessas comunidades. Febe, Priscila e Júnia foram mulheres que, mesmo num tempo histórico de imensos desafios, testemunharam sua fé, por meio da liderança, e estiveram à frente de importantes comunidades para os primórdios da Igreja cristã.

Resgatando suas histórias de vida, por meio das biografias, preservamos seu protagonismo, mas também seus medos e trazemos à memória mulheres que fizeram toda diferença no contexto em que atuaram. Vejamos quem foram elas e sua atuação.

4.2.1 Febe: a diácona da Igreja em Cencreia

²⁶³ SCHOTTROFF, 1995, p. 90.

²⁶⁴ SCHOTTROFF, 1995, p. 89.

²⁶⁵ STRÖHER, 1996, p. 22.

²⁶⁶ STRÖHER, 1996, p. 22.

Para a comunidade portuária de Cencreia, Febe foi uma mulher de referência. Recebeu a tarefa de levar a carta aos Romanos até Roma e “foi chamada de *diakonos* e *prostatis*, dois títulos oficiais decorrentes de sua função na comunidade”.²⁶⁷ Posteriormente as traduções feitas tentaram diminuir a importância de sua atuação ou ainda, a importância desta nomeação. As diferentes versões de tradução da bíblia interpretam a tarefa de Febe de forma diferente. Por exemplo, a *Bíblia Sagrada* na tradução de João Ferreira de Almeida, traduz “Irmã, que serve, protetora”. A tradução da *Bíblia de Jerusalém* traduz “Irmã, diaconisa, ajudadora” e a *Bíblia Sagrada: tradução da linguagem de hoje* interpreta “Irmã, diaconisa, ajudadora.”²⁶⁸

As terminologias utilizadas nas traduções para referir-se a Paulo ou ainda a Timóteo são diferentes, embora exercessem a mesma função. Em Ef 3. 7, Rm 15. 16, ou Cl 1. 23 o termo ministro é usado para se referir a atuação de Paulo. Sua liderança é reconhecida pela atuação exercida. Paulo é citado como ministro ou diácono da Igreja. Enquanto isso, Febe é citada como ajudadora ou diaconisa e não diácona. “O título usado para Febe, inclusive, é masculino”.²⁶⁹ Segundo Ströher, a tendência é que se projetem sobre Febe as atribuições do significado de diaconisa surgidas a partir do séc. II.²⁷⁰ Com isso, se retira sua atuação junto à “assistência a pobres e doentes e no batismo de mulheres”.²⁷¹ Chamar Febe de diaconisa é retirar-lhe a função de liderança e autoridade que ela teve na comunidade. Febe não se destacou por ser uma diaconisa, mas porque foi diácona (ministra) de toda a igreja de Cencreia. E mais: foi recomendada para a igreja de Roma.²⁷²

Isso não quer dizer que a atuação das diaconisas esteja sendo desvalorizada ou inferiorizada. Pelo contrário, o que está posto aqui é que não se é reconhecida a atuação de Febe como diácona na comunidade de Cencreia. Mesmo que tenha sido uma importante liderança e “uma pessoa de autoridade sobre muitas cristãs e cristãos, também sobre Paulo”.²⁷³

Além disso, Ströher ressalta o segundo título oficial dado a Febe: *prostatis*. O título *prostatis*, “na literatura judaica, a expressão é usada para designar o oficial principal, presidente, governador, protetor ou superintendente”. O mesmo termo *prostatis*, originário de *proistamenoí*,

²⁶⁷ STRÖHER, 1996, p. 22.

²⁶⁸ STRÖHER, 1996, p. 22.

²⁶⁹ STRÖHER, 1996, p. 22.

²⁷⁰ Ver subcapítulo Quem são Diáconas? Quem são Diaconisas?

²⁷¹ STRÖHER, 1996, p. 23.

²⁷² STRÖHER, 1996, p. 23.

²⁷³ STRÖHER, 1996, p. 23.

também aparece em 1Ts 5. 12: “os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam”. Para Dierk Starnitzke, “há poucos indícios de que os diakonoi eram responsáveis primordialmente por tarefas caritativas. Ao contrário, assim como Timóteo, eles se ocupavam com a transmissão da reta fé (...)”.²⁷⁴

Por outro lado, conforme alerta Schüssler Fiorenza, “há exegetas que tentam abater a importância dos dois títulos aí usados porque são empregados com referência a mulheres”.²⁷⁵ Contudo, não se pode anular o fato de que Febe “exercia uma função diretiva. Febe, igual a Paulo, anuncia o Evangelho, organiza e cria comunidades”.²⁷⁶ Nesse sentido, é visível a atuação de Febe e que ela, na comunidade de Cencreia, ocupava um cargo de liderança “como diácona e *prostatís*”.²⁷⁷

4.2.2 Priscila: a missionária

Priscila foi chamada de *synerguntas*, missionária e cooperadora, conforme 1 Co 3. 9; 2 Co 6. 1; Fp 2. 25; 4. 3. Assim como tantos outros missionários e tantas outras missionárias, Priscila era uma das pessoas que trabalhavam na missão cristã.²⁷⁸ Os missionários e missionárias “eram chamadas de cooperadoras de Deus (1 Co 3. 9) e de Cristo (2 Co 6. 1). Paulo solicitou que a comunidade tivesse a devida consideração por elas (1Co 16. 16)”.²⁷⁹

Em 1 Co 16. 19; 2 Tm 4. 19; At 18. 1-2, 26, Priscila e Áquila também são mencionados. Nestes textos fica evidente que Priscila foi uma missionária e cooperadora de Paulo. Sua atividade era independente da atividade de Paulo não estando sob a autoridade dele. Ambos, Priscila e Áquila viajaram com Paulo para Corinto e Éfeso. “Em Éfeso, Priscila e Áquila deram orientação teológica para Apolo e lhe entregaram uma carta de recomendação para missionar na Acaia”.²⁸⁰

Além disso, a casa de Priscila e Áquila foi espaço de fundação para muitas comunidades, independente do lugar que estivessem. Em Éfeso, Corinto ou Roma, a casa era espaço de trabalho

²⁷⁴ STARNITZKE, Dierk. **Diaconia**: fundamentação bíblica, concretizações éticas. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013. p. 31.

²⁷⁵ FIORENZA, 1992, p. 72.

²⁷⁶ SCHOTTROFF, 1995, p. 88.

²⁷⁷ STRÖHER, 1996, p. 23.

²⁷⁸ STRÖHER, 1996, p. 23.

²⁷⁹ STRÖHER, 1996, p. 23.

²⁸⁰ STRÖHER. 1996, p. 24.

missionário. Em 49 DEC. Priscila e Áquila tiveram que deixar Roma por causa do decreto de Cláudio expulsando os judeus. No entanto, isso não impediu que continuassem seu trabalho missionário.

Ao fundarem as comunidades domésticas, o intuito era sempre a edificação dessa comunidade. Organizaram seu ministério de um jeito em que a *diakonia*, como Ceia do Senhor e a comunidade, como Palavra, estivessem juntas. Visava-se com isso a conversão de pessoas, buscando mais adeptos ao cristianismo e o entendimento da importância em unir tais coisas.

Priscila era uma importante líder do movimento missionário. Ela e seu marido, Áquila, desempenharam uma tarefa importante no início das primeiras comunidades cristãs. Sabe-se que muitas são as traduções que buscam ocultar a atuação de Priscila, ou ainda, julgam se tratar de uma figura masculina. A biblista Ivoni Richter Reimer²⁸¹ aponta para esse fenômeno que tenta ocultar a atuação de mulheres.

Sabemos pouco sobre a vida de Priscila e atuação, porém alguns aspectos de sua vida foram preservados e merecem atenção. Priscila, como visto anteriormente, era casada com Áquila. Cinco passagens do Novo Testamento mencionam seu nome: At 18 2, 18, 26; 1Co 16. 19; Rm 16. 3; 2 Tm 4. 19. “Sua memória é preservada por Lucas, por Paulo e por uma carta pastoral”.²⁸²

Priscila é umas das mulheres que tem seu nome citado mais de uma vez em algum texto do Novo Testamento. É característico da literatura lucana ressaltar a atividade de grandes missionários como Pedro e Paulo. Por esse motivo, não há muito espaço para falar da atividade de outras pessoas. “No entanto, é justamente o fato de tal historiografia não poder deixar de mencionar gente assim, que aponta para o grande significado dessa gente: suas atividades certamente tinham grande influência sobre outros grupos de pessoas”.²⁸³

Estudos históricos apontam que a partir do edito de Cláudio, judeus convertidos ao cristianismo tiveram que deixar Roma. “Sabemos que a fé em Cristo, como sendo realização da esperança messiânica judaica, provocou muitos tumultos político-religiosos”.²⁸⁴ Por esse motivo, Priscila e Áquila foram obrigados a procurar outro lugar. Corinto foi a cidade onde recomeçaram sua vida. Conforme Reimer, é nessa fase de adaptação que Paulo os encontra. Por serem artesãos

²⁸¹ REIMER, Ivoni Richter. **Vida das mulheres na sociedade e na Igreja**: Uma exegese feminista de Atos dos apóstolos. Escola Superior de Teologia: São Leopoldo, 1995, p. 25s.

²⁸² REIMER, 1995, p. 89.

²⁸³ REIMER, 1995, p. 89.

²⁸⁴ REIMER, 1995, p. 89.

(cf. Atos 18. 2), Priscila, Áquila e Paulo permanecem trabalhando juntos. “O texto original, em sua versão mais antiga, diz claramente que Priscila, Áquila e Paulo trabalhavam, pois todos os plurais se referem, desde o final do versículo 2, ao casal, ao qual Paulo é acrescentado”.²⁸⁵

Os testemunhos a respeito do trabalho missionário de Priscila são amplos, porém é difícil entender qual é o problema da história interpretativa ao dificultar a inclusão de Priscila no trabalho, em primeiro lugar de artesã, logo após como missionária.

Também ela evangelizava e, ao mesmo tempo, fazia tendas e, talvez, até as vendia. Só que ela exercia o seu trabalho missionário com uma dinâmica diferente da de Paulo. Priscila e Áquila chegando num lugar, montavam sua casa/tenda que servia, ao mesmo tempo, como oficina de trabalho e como lugar de reuniões comunitárias, e, a partir dali, exerciam a missão e a evangelização. Organizavam, em sua casa ou em torno dela, uma igreja de Jesus Cristo.²⁸⁶

Resgatar a biografia de Priscila é acentuar a importância do trabalho de artesãos e artesãs na história das comunidades cristãs. Além disso, este resgate impulsiona e encoraja outras mulheres a enxergar a beleza da dinamicidade do trabalho comunitário. “Significa objetivar que o trabalho material não seja fonte de riqueza acumulativa, mas sirva para criar e manter a comunhão de pessoas santificadas”.²⁸⁷

4.2.3 Júnia: a apóstola do Novo Testamento

Vimos anteriormente que o resgate da biografia de mulheres líderes no novo testamento é uma tarefa de bastante pesquisa e reconstrução. Com Júnia não é diferente.²⁸⁸ Porém, algo em sua biografia é extremamente importante: Júnia foi a única mulher a receber o título de apóstola no NT, conforme lemos em Rm 16. 7: “Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, os quais são notáveis entre os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim”.

Diferentes argumentos e questionamentos são levantados e estão relacionados ao gênero do nome Júnia. Egídio de Roma,²⁸⁹ também levantou esse tipo de suspeita com argumentos mal

²⁸⁵ REIMER, 1995, p. 92.

²⁸⁶ REIMER, 1995, p. 94.

²⁸⁷ REIMER, 1995, p. 96-97.

²⁸⁸ O nome também pode ser encontrado sob a escrita *Júnias*, cf. Rm 16 7.

²⁸⁹ Frauenbefreiung: **Biblische und theologische Argumente**, hg. von Elisabeth Moltmann-Wendel, Mainz: Matthias Grünewald-Verlag, München: Kaiser, 2. veränderte Auflage 1978, p. 148. Disponível em: < <https://www.kfd->

embasados e considerou esse nome masculino. No entanto, João Crisóstomo, em sua homilia sobre o texto de Rm 16. 7, fala sobre Júnia como notável entre os apóstolos.

Brooten, em sua pesquisa, também aponta para outros nomes do cristianismo que entenderam Júnia como um nome feminino. Entre eles: Jerônimo (340/50-419/20), Pedro Abelardo (1079-1142) e até mesmo Jacques Lefèvre d' Etaples, o qual o próprio reformador Martim Lutero recebeu grande influência. Tais nomes não tiveram problemas ao descrever Júnia como mulher apóstola. Segundo Brooten a problemática toda irá surgir apenas nos escritos de Egídio de Roma.²⁹⁰

Para a pesquisadora Marga Ströher, “Júnia era um conhecido nome feminino da época, presente na literatura grega e latina”.²⁹¹ De qualquer forma, diferentes interpretações foram sendo construídas para que a potencialidade do apostolado de Júnia fosse sendo esquecido. Porém, não se pode negar o fato de que ela recebe o título de apóstola.

Para Paulo, a marca do verdadeiro apostolado não consiste, porém, em discurso de poder e exibições pneumáticas, mas na aceitação consciente e suportação dos trabalhos e sofrimentos ligados ao trabalho missionário. (1Cor 4,8-13; 2Cor 11-12). Andrônio e Júnia realizam todos estes critérios de verdadeiro apostolado. Eram apóstolos mesmo antes de Paulo e sofreram prisão quando ocupados com a tarefa missionária.²⁹²

Para Schüssler Fiorenza, não há como negar o fato de que “as cartas genuínas paulinas aplicam títulos missionários e caracterizações como cooperador (Prisca), irmão/irmã (Ápia), diáconos (Febe), e apóstolo (Júnia) também às mulheres”.²⁹³ Tais títulos estão voltados às atividades que elas desenvolviam no período apóstolo. Por causa da diaconia de Jesus, o evangelho é pregado e se tornou concreto em cada pequena comunidade que experimentou do protagonismo das mulheres.

Vimos até aqui o resgate biográfico de três mulheres líderes do período apostólico. Febe, Priscila e Júnia foram importantes protagonistas da fé. Conforme as pesquisadoras acima mencionadas, não há como negar o fato de que também no período apostólico, as mulheres estavam

bundesverband.de/fileadmin/Media/Themen/Predigerinnentag/Material_2020/kfd_Artikel_Bernadette_Brooten.pdf>.

Acesso em: 07. Jan. 2020.

²⁹⁰ BROOTEN, 1978, p. 142.

²⁹¹ STRÖHER, 1996, p. 24.

²⁹² FIORENZA, 1992, p. 206.

²⁹³ FIORENZA, 1992, p. 202.

envolvidas. Diáconas, missionárias e apóstolas foram mulheres que estiveram presentes na história e que testemunharam sua fé pregando o evangelho com coragem e determinação. Elas não se calaram diante da opressão que a sociedade colocava sobre seus ombros.

4.3 DÊ NOME AO SILENCIAMENTO!

Conforme vimos anteriormente, a vida das mulheres com suas dificuldades, alegrias, medos, mas principalmente o seu protagonismo, conectou os três períodos históricos abordados. Desde o relato das diaconias, passando pelas muitas mulheres do ministério e Jesus, mas também Febe, Priscila e Júnia que testemunharam o evangelho no período apostólico, foi possível perceber que as mulheres sempre estiveram presentes e que foram mulheres atuantes.

Por outro lado, é perceptível o fato de que muitos homens tentaram ocultar o protagonismo dessas mulheres nestas três abordagens apresentadas. A diaconisa Gerda Nied escreveu: “Não raro, colegas (masculinos) me acusavam de paternalismo e tutela com relação às pessoas que vinham procurar-me com seus problemas”.²⁹⁴ No movimento de Jesus não é diferente. Ao ser tocado pela mulher hemorrágica, é criada uma relação recíproca entre ela e Jesus, porém, conforme Dorothee Sölle, “é a fé desta mulher desprezada e machucada que a cura, este tocar e deixar tocar no qual experimentamos o poder de Deus”.²⁹⁵ Para Sölle “o movimento de Jesus restaurou a condição da mulher como imagem de Deus, que o patriarcado intenta destruir”.²⁹⁶

Da mesma foi possível verificar o ocultamento da atuação das mulheres no período apostólico. O título *diakonos* e *prostatis*, atribuído a Febe sofreu tentativas de modificação, em que a tradução tentou substituí-los pelos termos protetora ou ajudadora. Conforme a biblista Marga Ströher²⁹⁷, Febe exerceu poder, inclusive sobre homens como Paulo. Para Schüssler Fiorenza, “polêmicas ideológicas sobre lugar, papel ou natureza das mulheres crescem sempre que se torna mais forte a real emancipação e ativa participação na história por parte das mulheres”.²⁹⁸

²⁹⁴ NIED; MERZ, 2012, p. 56.

²⁹⁵ SÖLLE, Dorothee. **Libertada para a liberdade, condenada ao silêncio**: a imagem da mulher no cristianismo. **Estudos Teológicos**, Vol./No. 31/1, 1991. p. 80. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/990/956. Acesso em: 08. fev. 2022.

²⁹⁶ SÖLLE, 1991, p. 80.

²⁹⁷ STRÖHER, 1996, p. 23.

²⁹⁸ FIORENZA, 1992, p. 114.

Priscila e Júnia também sofreram a tentativa de alteração de seus nomes onde se supôs ser estes nomes de homens, apagando seu protagonismo diante dos relatos de expansão do evangelho no período apostólico.

Essas mulheres estavam engajadas na liderança missionária e eclesial antes e independente de Paulo. Sem dúvida, eram iguais e às vezes mesmo superiores a Paulo em seu trabalho pelo evangelho. Como missionárias judeu-cristãs, essas pertenceram às comunidades cristãs na Galácia, em Jerusalém e em Antioquia que se situam nos primeiros inícios do movimento missionário cristão.²⁹⁹

Segundo Sölle,

a imagem da mulher no Novo Testamento é determinada pelo comportamento de Jesus. Ele não era um sexista, um macho. Não há uma única palavra negativa sua acerca das mulheres; ele as tornou discípulas e as curou do medo de serem apenas mulheres, um ser fraco e de segunda categoria. Isso também significa que estas mulheres ligadas a Jesus ganharam coragem e força para posicionar-se contra os valores universalmente aceitos do racismo, da exclusividade, da injustiça estrutural e do patriarcado.³⁰⁰

Vemos o protagonismo destas mulheres, mesmo em contextos históricos tão distintos. Ao seguirem o exemplo do Messias elas lutam por seu espaço de atuação. A problemática destes contextos históricos com a atualidade, está no fato de que constantemente é necessário provar a presença e atuação delas. As relações de poder atuam no ocultamento do protagonismo de cada uma delas. Quando cada uma delas ganha voz, o seu contexto de atuação pode ser analisado a partir de outra perspectiva.

Segundo Schüssler Fiorenza, quanto mais o movimento cristão primitivo se tornou institucionalizado, tanto mais mulheres cristãs deviam ser excluídas de lideranças e ofício eclesiástico”.³⁰¹ Em Febe, Júnia e Priscila, já é possível visualizar esse fato. Porém, quando nos deparamos com os relatos diante dos apontamentos feitos sobre a vida das diaconisas, essa situação é ainda mais alarmante. As diaconisas atuaram, mas quem preservou sua história? Algumas diaconisas publicaram livros em que abordaram seu protagonismo em diferentes contextos. Este é o caso da Irmã Gerda Nied, que publicou sua história vida podendo relatar seus medos, angústias,

²⁹⁹ FIORENZA, 1992, p. 192.

³⁰⁰ SÖLLE, 1991, p. 81.

³⁰¹ FIORENZA, 1992, p. 116.

mas também alegrias na caminhada ministerial. Porém, muitas irmãs não tiveram sua identidade preservada pelos registros biográficos.

No ministério de Jesus, são os evangelhos que mantiveram a identidade de algumas mulheres preservada. Mas somente aquelas que, em algum momento, se encontraram com Jesus. Mesmo que os evangelhos tenham citado algumas mulheres, muitas delas continuaram seu nome: a mulher hemorrágica (Mc 5. 25-34), a filha de Jairo (Mc 5. 35-43), a mulher siro-fenícia (Mc 7. 24-30), a oferta da viúva pobre (Mc 12. 41-44), a mulher de Betânia (Mc 14. 3-9).

Ao dar nome para o silenciamento perguntamos pelas relações de poder, utilizando ferramentas de gênero como aporte para perguntar tais questões e respondê-las a partir da ótica da igualdade: “Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3. 28).

5 CONCLUSÃO

Conclui-se com esta dissertação, que independente do período histórico, a diaconia se mostrou visível na vida das mulheres como ferramenta importante para o exercício da liderança. A pesquisa foi desenvolvida a partir de três aportes históricos: 1) a Casa Matriz de Diaconisas; 2) as mulheres no ministério de Jesus; 3) a presença e atual das mulheres no período apostólico. A partir da análise desses recortes históricos foi possível verificar que, em todos eles, as mulheres exerciam cargos de liderança. Febe, por exemplo, exercia ainda um cargo de autoridade. O patriarcado, o machismo, o sexismo, a injustiça, a discriminação de gênero e a exclusão tentaram muitas vezes inibir o protagonismo das mulheres, anulando a liderança exercida.

Os estudos de gênero e a hermenêutica feminista foram ferramentas importantes para identificar o ocultamento que se tentou fazer sobre a liderança das mulheres nos aportes analisados. O conceito diaconia, inaugurado por Jesus abriu espaço para verificar uma proposta relacional diferente: os últimos serão os primeiros (Mt 20. 16); quem quiser ser grande entre vós, será esse o que vos sirva (Mc 10.44); Eu não vim para ser servido, mas para servir. Segundo Dorothee Sölle, “o movimento de Jesus restaurou a condição da mulher como imagem de Deus”.³⁰²

O primeiro capítulo, intitulado *A Casa Matriz de Diaconisas*, resgatou a história do surgimento da primeira Casa Matriz em Kaiserswerth/Alemanha, conforme anexo 1. A primeira Casa Matriz foi um hospital, onde especialmente as mulheres camponesas poderiam ter a oportunidade de aperfeiçoar o estudo na área da enfermagem e atuar como diaconisa, prestando atendimento às pessoas doentes que fossem trazidas ao hospital de Kaiserswerth. A primeira diretora da Casa Matriz de Kaiserswerth, foi Friederike Fliedner. Ela era esposa do P. Theodor Fliedner, fundador da instituição. O modelo de diaconato elaborado por Fliedner, tinha em vista a combinação da atividade na área da enfermagem, mas também buscava pelo reconhecimento religioso das Irmãs diaconisas em atuação.

Em 1913, chegaram as primeiras diaconisas ao Brasil. Eram solicitadas para atuar nas comunidades luteranas como enfermeiras. Porém, com a explosão da I e II Guerra Mundial, as Diaconisas não poderiam mais atuar em solo brasileiro, esse fato contribuiu para a construção de

³⁰² SÖLLE, 1991, p. 80.

uma Casa Matriz em solo brasileiro. Esta foi inaugurada em maio de 1939. A Casa Matriz de Diaconisas, acolheu muitas moças para cursar enfermagem e atuar na área da saúde. Muitas Irmãs foram enviadas para atuar em comunidades luteranas que estavam se solidificando em solo brasileiro. Outras, enviadas para atuar em lares, creches e instituições de amparo para crianças e adolescentes. Além disso, as Irmãs também era enviadas para atuar em hospitais. Muitas Irmãs foram responsáveis de fundação de vários hospitais em solo brasileiro, como é o caso do Hospital em Nova Friburgo/Rio de Janeiro.

Aprofundamos a atuação das Irmãs a partir do resgate de duas biografias. A Irmã Wera Franke atuou, por muitos anos no Hospital em Não-Me-Toque e ainda estava ligada à ordem de diaconisas de Wittenberg. Também se resgatou a atuação da Irmã Gerda Nied, que foi uma importante líder nas novas áreas de migração em Rondônia e fundadora da atual Associação Beneficente Escola para a Vida.

Especialmente a Ir. Gerda, em seu livro *Apesar de tudo, abraçar a vida*, aponta para fatos que marcaram sua trajetória de vida, relatando situações de medos e angustias em meio à floresta, conforme vemos no anexo 5. Em meio às pessoas migrantes, vindas principalmente do Espírito Santo, ela relata situações de sofrimento e machismo vividos pelas mulheres camponesas. Muitas pessoas, num primeiro momento, até perguntam: *O que essa irmã baixinha teria a ensinar?*

A diaconia é fundamento de atuação para as Irmãs, em que por meio de gestos e palavras o amor de Deus em Jesus se torna diaconia na vida de cada pessoa, conforme apresentamos o documento *Princípios de Vida*, no anexo 6:

Num mundo, no qual há violação da dignidade humana e desrespeito à criação de Deus, onde pessoas sofrem em virtude de uma cultura de crueldade, violência e escravidão, a Igreja é chamada a fomentar uma cultura de vida e da solidariedade, produzindo sinais concretos da presença misericordiosa e carinhosa de Deus.³⁰³

A Casa Matriz de Diaconia, experimentou muitos momentos. Foi necessário discutir sobre o celibato, sobre o hábito, sobre o modelo de ingresso de mulheres na Irmandade. Isso foi importante para que a estrutura também pudesse ir se reinventando ao longo dos anos. Contudo, segundo a Ir. Ruthild Brakemeier, a “tradição” dificultou muitas vezes o avanço das reflexões. Por isso ela afirma: “tradições são boas, pois nos ligam às pessoas que viveram antes de nós, e

³⁰³ Documento da Irmandade Evangélica Luterana, *Princípios de Vida*, anexo 6.

transmitem valores. Mas assim como podem ser benéficas, também podem bloquear e limitar, evitando que surja algo novo”.³⁰⁴

Além daquelas Irmãs que publicaram sua história e puderam relatar seus medos, dificuldades e protagonismo, muitas Irmãs não tiveram sua trajetória registrada ou publicada. Muitos sentimentos permaneceram guardados, medos não foram expostos, sentimentos foram reprimidos e seu protagonismo não foi revelado.

Esse fato também pode ser observado no segundo capítulo da dissertação, intitulado *A Diakonia de Jesus*. O mundo grego tinha uma concepção indigna sobre o servir, atribuindo-o como tarefa destinada aos escravos e as mulheres. Segundo Gaede Neto, “Jesus conecta o conceito do servir às suas raízes veterotestamentárias”.³⁰⁵ Jesus transforma a diaconia num modelo a ser praticado pelo discipulado numa perspectiva igualitária. O exemplo parte, em primeiro lugar de Jesus, onde ele vai ao encontro das pessoas marginalizadas e abre espaço também para que elas venham até ele.

No contexto em que Jesus viveu, as mulheres estão à margem da sociedade, porém experimentam da compaixão de Jesus. Elas são ouvidas, expressam suas angústias e são tocadas. Seus corpos são dignificados através das curas. Seu protagonismo pode ser verificado junto ao ministério de Jesus. Elas são as primeiras testemunhas oculares da ressurreição, além de terem estado com Jesus na crucificação. Por isso são “consideradas verdadeiras apóstolas”.³⁰⁶

Com isso, é possível perceber que a diaconia de Jesus transformou situações de sofrimento e apontou para um jeito diferente de viver. O servir entendido como sujeição é ressignificado e exposto por Jesus da seguinte forma: “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva” (Mc 10. 43). As comunhões de mesa expressam essa realidade inaugurada por Jesus de forma muito especial. Ao redor da mesa, as relações são igualitárias e a comunidade é convidada a cuidar da outra pessoa em situação de sofrimento. Segundo Gaede Neto, “ao redor das mesas, ensaia-se um projeto comunitário de mutualidade no serviço, tendo em vista a partilha igualitária dos bens espirituais e materiais”.³⁰⁷ Constatou-se, portanto, que os espaços à mesa, oportunizados pelo ministério de Jesus, criaram comunhão. Os valores sociais são invertidos e a partir desse aspecto,

³⁰⁴ BRAKEMEIER, 2019, p. 175.

³⁰⁵ GAEDE NETO, 2014, p. 20.

³⁰⁶ TAMEZ, 2012, p. 81.

³⁰⁷ GAEDE NETO, 2021, p. 112.

surge o conceito de liderança: “os primeiros sejam *diákonoi* de todos”.³⁰⁸ Ou seja, a comunidade identifica sua responsabilidade, junto aos *últimos*. Por meio da diaconia de Jesus, ela cria uma identidade inconfundível que diz respeito ao discipulado da cruz, da vulnerabilidade, *dos últimos*.

O princípio diaconal, inaugurado por Jesus, tornou-se modelo para o discipulado. A *diakonia* exercida pelas mulheres nas primeiras comunidades cristãs é resultado da pregação de Jesus. Pregação esta que aponta para o serviço como prática para a igualdade entre homens e mulheres. O ensino de Jesus é a base para que homens e mulheres pudessem colocar seus dons à serviço. Este é o princípio para que muitas mulheres fossem lideranças nas primeiras comunidades cristãs, especialmente no período apostólico. Com isso, mencionamos a temática abordada no terceiro e último capítulo desta dissertação, intitulado *A presença e atuação das mulheres no período apostólico: testemunho atuante de vida e fé*.

Constatamos no decorrer do terceiro capítulo que, o protagonismo das mulheres no período apostólico, é um assunto demasiadamente ocultado. Especialmente quando se expõe o fato de que muitas mulheres foram importantes líderes nos primórdios da Igreja. Este ocultamento aconteceu quando, se tentou modificar seus nomes e diminuir a importância dos títulos atribuídos durante o desenvolvimento do seu trabalho. Constatamos que tais fatos ocorreram na vida de Febe, a diácona em Cenecria; Priscila, a missionária que viajou com Áquila e Paulo para Corinto e Éfeso e também Júnias, a única mulher a receber o título de apóstola no Novo Testamento.

A partir desse resgate biográfico foi possível perceber que encontrar dados específicos sobre a vida dessas mulheres não é uma tarefa tão simples. As diferentes traduções mostraram que se tentou modificar o título de *diakonos* e *prostatis* atribuído a Febe, substituindo-os por ajudadora ou protetora. O mesmo acontece com Júnias e Priscila, onde se supõe que estes nomes sejam de homens, anulando o protagonismo delas nos primórdios da Igreja.

A partir da exposição destes três períodos históricos, mesmo que não tenha sido o objetivo principal, foi possível constatar que, independentemente do contexto, a violência de gênero se apresenta de inúmeras maneiras. Constantemente, as mulheres necessitam provar, afirmar e impor seu protagonismo, apontando para o fato de que, sim, elas também estavam lá! Além disso, foi possível perceber que as mulheres foram líderes e que esta atuação foi diaconal. Este resgate possibilitou dar vozes a muitas mulheres, mas principalmente chamá-las pelo nome e preservar sua

³⁰⁸ GAEDE NETO, 2021, p. 73.

identidade. São elas, Ir. Josiane, Ir. Wera, Ir. Gerda, Maria Madalena, Susana, Joana, Marta, Maria, Febe, Priscila, Júnia e tantas, tantas outras.

Nesse sentido, entendo que esta dissertação trouxe importantes achados de pesquisa. Dentre eles eu gostaria de apontar para o fato de que a diaconia é um conceito muito mais amplo e profundo do que se possa imaginar. Isso significa que ela também é muito maior do que a irmandade ou alguma instituição religiosa. A diaconia envolve prática. A diaconia significa estar perto, ouvir, chorar, lutar e se apoiar.

Outro achado importante foi possível a partir do resgate histórico sobre a Casa Matriz de Diaconisas. É nítido o fato de que se tratara de uma estrutura patriarcal e pastorcêntrica. Fato este que pode ser comprovado a partir dos dados sobre o espaço reservado às consagrações das diaconisas (cf. p. 39). Elas recebem a consagração no fim do culto, após a ordenação dos pastores.

De forma mais ampla, o que posso dizer, é que me espanta o fato de que as dificuldades enfrentadas pelas Irmãs em seus espaços de trabalho, não são questões exploradas. Mesmo que haja pouca pesquisa nesse campo, as informações sobre as dificuldades enfrentadas, o modelo ao qual se seguia, são assuntos que aparecem, mesmo que de forma reduzida, especialmente nos depoimentos e no livro elaborado pela Ir. Gerda. Diante de uma estrutura de modelo europeu e patriarcal, acredito ainda, que não seja possível romantizar situações enfrentadas pelas diaconisas. Estas mulheres tiveram que abrir mão de seus projetos pessoais e abraçar um novo projeto de vida. Isso não é tão simples e nem tampouco tranquilo. Abraça-se o trabalho diaconal por amor, porque a diakonia fala mais alto. E nesse sentido, em quais momentos este trabalho foi reconhecido? Em quais arquivos a atuação destas mulheres permaneceu registrada? Após a estruturação do respectivo campo de trabalho, em quais fotos o seu rosto protagonista foi preservado? Essas são perguntas que me inquietam como pesquisadora e ao mesmo tempo Irmã. Por outro lado, eu me pergunto até que ponto essa estrutura foi questionada e até que ponto não havia/há conformidade com o sistema que estava em vigor.

Não há um número exacerbado de pessoas que pesquisam sobre a história da Casa Matriz de Diaconisas ou ainda que refletem, de forma crítica, sobre essa estrutura institucional criada por Fliedner. Da mesma forma, não há pesquisa que se preocupe com a vida das Irmãs Diaconisas. Que reflita sobre suas histórias de vida, sobre seus medos, suas angústias ou suas alegrias. Esta não é tarefa fácil, pois se rememora situações que podem ter sido desconfortáveis. Não busco vitimar essas mulheres, mas resgatar o protagonismo, a força e a coragem delas.

Acredito que esta dissertação deu voz ao silenciamento e que a diaconia de Jesus rompe qualquer tipo de preconceito, injustiça e discriminação. Ela é o meio pelo qual podemos servir sendo lideranças e protagonistas da nossa história. Afinal, onde for pregado em todo mundo o Evangelho, será contado também o que ela fez, para a memória sua.

6 REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. **A audácia de servir: irmã Doraci: vida e morte pela missão.** São Leopoldo, RS: Sinodal, 2022.

Arquivo histórico da Casa Matriz de Diaconisas.

BEYER, Hermann Wolfgang. Verbetes diakonéo, diakonía, diákonos. In: Kittel, GERHARD (Hrsg.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament.** Stuttgart: Kohlhammer, 1950. v. 2, p. 81-93.

BEYER, Hermann Wolfgang. Verbetes servir, serviço, diácono. In: KITTEL, Gerhard (Org.). **A Igreja no Novo Testamento.** São Paulo: ASTE, 1965. p. 269-291.

BOFF, Leonardo. **Do lugar do pobre.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão.** 11 ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2019.

BORSATO, Aurélia Silva. **A diakonia de Maria Madalena, Marta e Maria e Tabita: uma abordagem feminista em Lucas 8,1-3, 10,38-42 e Atos dos Apóstolos.** Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012. 120 f. dissertação (mestrado).

BRAKEMEIER, Ruthild. **Um ramo na videira: a casa matriz de diaconisas.** São Leopoldo: Sinodal, 2019.

BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. In: NORDSTOKKE, Kjell. **A diaconia em perspectiva bíblica e histórica.** São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

BULL, Klaus-Michael. **Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia.** São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2009.

Caderno Justiça de Gênero e Diaconia Transformadora: superando violências e preconceitos. São Leopoldo, RS: Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST, 2016. p. 9.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo.** Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1994.

Documento Princípios de Vida da Irmandade Evangélica Luterana.

FABRIS, Rinaldo; GOZZINI, Vilma. **A mulher na igreja primitiva.** São Paulo, SP: Paulinas, 1986.

FILHO, Vicente Gregório de Sousa. Aportes históricos, hermenêuticos e epistemológicos às teologias feministas. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 38, 2015, p. 72-83. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2380/2475>>

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher:** uma nova hermenêutica. São Paulo, SP: Paulinas, 1992.

Frauenbefreiung: **Biblische und theologische Argumente**, hg. von Elisabeth Moltmann-Wendel, Mainz: Matthias Grünewald-Verlag, München: Kaiser, 2. veränderte Auflage 1978, p. 148. Disponível em: < https://www.kfd-bundesverband.de/fileadmin/Media/Themen/Predigerinnentag/Material_2020/kfd_Artikel_Bernadette_Brooten.pdf>. Acesso em: 07. Jan. 2020.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus:** contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. 2. ed. revista. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2021.

GAEDE NETO, Rodolfo. Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, jul. 2010. p. 306-318. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/104/96. Acesso em: 29 mar. 2021.

GAEDE NETO, Rodolfo. Conversas à mesa com comida boa. In: CIBELE, Kuss (Org.). **Fé, justiça de gênero e incidência pública:** 500 anos da Reforma e Diaconia Transformadora. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2017. p. 105-113.

GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: BORTOLETO, Fernando (org.). **Dicionário Brasileiro de Teologia.** São Paulo, SP: ASTE, 2008.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio:** uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão:** o resgate de uma unidade. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.

GEORG, Sissi. O Ágape: uma vivência litúrgico-diaconal das comunidades dos primeiros séculos. **Tear:** liturgia em revista, São Leopoldo, n.8, ago. 2002. p. 3-6.

GOELZER, Ilanda. **O dom de Deus abre caminhos.** São Leopoldo: Sinodal, 2020.

GÖSSMANN, Elisabeth. **Dicionário de teologia feminista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HESS, Klaus. Verbetes: servir, diácono, adoração. In: BROWN, Colin (Ed.). **Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1983. v. 4, p. 273-290.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.; STANGE, Rosângela (Org.). **Estudos sobre gênero.** São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre, RS: IECLB, 2013. p. 21. Latina. 2. ed. revista. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2021.

LIENHARD, Marc. **Martim Lutero:** tempo, vida, mensagem. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LOHSE, Eduard. **Introdução ao Novo Testamento.** 4. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1985.

LOPES, Mercedes. **A confissão de Marta**: leitura a partir de uma ótica de gênero. São Paulo, SP: Paulinas, 1996.

LUTERO, Martim: Prefácio à Carta de Tiago e Judas. Osel 8. In: BAYER, Oswald. **A teologia de Martim Lutero**: uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

MANUAL bíblico SBB. 3. ed. revisada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Amor ao próximo**: história da Casa Matriz de Diaconisas da IECLB. São Leopoldo: Rotermund, 1990.

NIED, Gerda; MERZ, Gerhilde. **Apesar de tudo abraçar a vida**. Blumenau: Otto Kuhr, 2012.

NORDSTOKKE, Kjell: The Feminization or Engendering of Diakonia: New Testament Perspectives. In: DIETRICH, Stephanie. **Diakonia in a gender perspective**. Oxford: Regnum, 2016.

PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. Diaconia e Gênero. **Diaconía**: la transformación en las manos de Dios, Ginebra. 2017. p. 65-76. Disponível em: <https://americalatinacaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diakonia-es-pt.pdf>. Acesso em: 14. mai. 2021.

PAIXÃO, Márcia Eliane; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (Org.). **Processos Educativos No Fazer Artesanal de Mulheres do Rio Grande do Sul**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

PLETSCH, Rosane. Diaconia e corpo: Categorias relevantes para repensar o conhecimento na perspectiva de gênero e cidadania. In: STRÖHER, Marga Janete; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S (Orgs.). **À Flor da Pele**: ensaios sobre gênero e corporeidade, 2. ed. Sinodal: São Leopoldo, 2017.

PORTAL LUTERANOS. Em comunhão com as viDas das mulheres: História de vida da Irmã Wera Franke. São Leopoldo, 01 de out. 2014. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-wera-franke>. Acesso em: 03. Jun. 2022.

REIMER, Ivoni Richter. Para memória delas!: textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, 2010. p. 41-53. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/42/57. Acesso em: 29. agost. 2021.

REIMER, Ivoni Richter. **Vida das mulheres na sociedade e na Igreja**: Uma exegese feminista de Atos dos apóstolos, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. 1995.

SCHOTTROFF, Luise. **Mulheres no Novo Testamento**: exegese numa perspectiva feminista. São Paulo, SP: Paulinas, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50.). Disponível em: file:///C:/Users/htech/Downloads/71721-Texto%20do%20artigo-297572-1-10-20170307.pdf. Acesso em: 02 de jul. 2022.

SILVA, Simone Menezes Braga da. O feminino nas ações de Jesus e na prática cristã primitiva. **Teologia em Debate**, Porto Alegre, No. 5, 1999. p. 70-88.

SÖLLE, Dorothee. **Libertada para a liberdade, condenada ao silêncio**: a imagem da mulher no cristianismo. **Estudos Teológicos**, Vol./No. 31/1. p. 75-84, 1991. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/990/956. Acesso em: 08. fev. 2022.

SOUZA, Carolina Bezerra de. **Marcos**: evangelhos das mulheres. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Góias, 2017. 396 f. tese (doutorado).

SOUZA, Carolina Bezerra de; WISCH, Taiana Luísa. **Os discursos sobre as mulheres no Novo Testamento**: uma comparação a partir do Evangelho de Marcos. São Leopoldo: Cebi, 2020.

STEGEMANN, Wolfgang. **Jesus e seu tempo**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2012.

STARNITZKE, Dierk. **Diaconia**: fundamentação bíblica, concretizações éticas. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013.

STRÖHER, Marga Janete. **A Igreja na casa dela**: papel religioso das mulheres no mundo Greco-Romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: IEPG, EST, 1996.

TAMEZ, Elsa. **A liderança das mulheres no Novo Testamento**. Concilium, Petrópolis, RJ, n. 347, 2012.

VARIKAS, Eleni. Igualdade. In: HIRATA, Helena et al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.

VELTEN, Josiane; SOUZA, Carolina Bezerra de. A Diaconia de Rute. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 62, n. 1, p. 197–210, 2022. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/1348>. Acesso em: 25. Jul. 2022.

WENDLAND, Heinz-Dietrich. **Christos Diakonos, Christos Doulos**: Fundamentação teológica da diaconia.. In: NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **A diaconia em perspectiva bíblica e histórica**. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 225.

7 ANEXOS

ANEXO 1

CASA ADQUIRIDA POR THEODOR E FREDERIKE EM KAISERSWERTH PARA ABRIGAR PESSOAS DOENÇAS. IMAGEM DISPONÍVEL EM: BRAKEMEIER, Ruthild. **Um ramo na videira: a casa matriz de diaconisas.** São Leopoldo: Sinodal, 2019. p. 17.



Um doente sendo levado ao hospital em Kaiserswerth

ANEXO 2

CELEBRAÇÃO DE 90 ANOS DA IRMÃ WERA FRANKE EM 2016.



ANEXO 3

ENTREVISTA IRMÃ WERA FRANKE CONCEDIDA A IRMÃ RUTHILD BRAKEMEIER, DISPONÍVEL NO PORTAL LUTERANOS.



Nome: Irmã Vera Franke

Tempo de participação na IECLB: Desde o Batismo

Comunidade: São Leopoldo/RS

Paróquia: São Leopoldo/RS

Sínodo: Sínodo Rio dos Sinos

RB: Irmã Wera, alcançaste a idade avançada de 97 anos, em 2014. Ao recordar a tua longa trajetória de vida, que pensamentos são predominantes?

Irmã Wera: Só posso agradecer sempre de novo a Deus pela maneira como me guiou e acompanhou. Tive uma vocação clara para ser diaconisa e, em momento algum, eu quis ser outra coisa. Não posso me vangloriar de nada, porque, se pude servir e ajudar pessoas em suas dificuldades, foi pela graça de Deus.

RB: Como foi tua infância e juventude?

Irmã Wera: Nasci no interior de Santa Cruz do Sul/RS. O lugar se chamava Dona Josefa, onde meu pai era dono de um moinho, uma casa de três andares, junto a uma cascata. Os bisavós haviam imigrado para esta região, em 1852, vindos da Saxônia.

Minha infância e juventude foi muito feliz. Gostava de brincar no moinho e arredores com meus irmãos. Também tinha uma casinha de boneca que meu irmão ajudou a montar. Mas, acima de tudo, gostava de ler os livros infantis que havia em casa. Quando comecei a frequentar a escola, já sabia ler. Minha sede de aprender era enorme. Mas, infelizmente, só pude visitar a escola em Dona Josefa por dois anos. Meus irmãos também puderam estudar na “Escola Sinodal” em Santa Cruz do Sul. “Meninas não precisam de muito estudo”, era a opinião na época. Mas eu implorei até que meus pais me deixaram também estudar na Escola Sinodal, por mais dois anos. Ali tive inclusive aulas particulares em português.

RB: Tiveste uma vocação para ser diaconisa. Como foi isto?

Irmã Wera: Meus pais assinavam “A Folha Dominical” (Sonntagsblatt). Esta trazia, de vez em quando, informações sobre a instituição Pella e Bethânia. Eu ficava com muita vontade de ajudar as pessoas pobres que ali moravam. Fui informada de que a melhor maneira de fazer isto seria tornar-me diaconisa. Eu também sonhava em ser professora de jardim de infância. Em Santa Cruz do Sul trabalhava a Irmã Paula Bergmann, muito amada pelas crianças. Foi o que bastou para completar minha vocação. Com 20 anos eu sabia que caminho tomar: ir para o Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, que era a filial da Casa Matriz de Diaconisas de Wittenberg. Meus pais hesitaram em permitir. Mas meu tio disse: “Deixem-na! Em três meses estará de volta!” Não voltei, apesar de o início deste caminho ter sido muito duro.

RB: *Tua Casa Matriz de Diaconisas ficava na Alemanha, mas tu querias servir no Brasil. Como entender isto?*

Irmã Wera: Sim, a casa de formação das diaconisas que trabalhavam no Brasil desde 1913 ficava em Wittenberg, Alemanha. A Casa Matriz em São Leopoldo só foi fundada em 1939, um ano após o meu ingresso. Quando me perguntaram se eu queria pertencer à nova Irmandade, disse que não queria recomeçar do zero, uma vez que eu já estava trabalhando no Moinhos de Vento e usava o hábito das Irmãs alemãs.

RB: *Como foram os anos de aprendizagem?*

Irmã Wera: Minhas chefas diaconisas eram bastante severas e havia muito trabalho. Quem trabalhava na enfermagem também era responsável pela limpeza dos quartos e, em parte, pela lavagem da roupa dos pacientes. As alunas tinham aulas de enfermagem com um médico que dizia: “Como vocês já sabem...”. Desta forma, o aprendizado teórico foi muito fraco. Mas eu tentava, de alguma forma, preencher as lacunas. Lembro-me que o professor de anatomia deixava seu livro na recepção. Eu ia lá, levava o livro para o meu quarto e só devolvia no dia da aula. No mais, a gente aprendia observando e arriscando.

RB: *Consegues lembrar-te de tua ordenação?*

Irmã Wera: Minha ordenação aconteceu sem que eu pudesse conhecer a minha Casa Matriz antes, pois em 1939 já iniciou a II Guerra Mundial. Em dezembro de 1945, as Irmãs no Hospital Moinhos de Vento ainda não ousavam aparecer em público. Por isso fui ordenada na clausura do hospital, junto com a Irmã Irma Engel.

RB: *Trabalhaste em hospitais de várias cidades, como Porto Alegre, Sinimbu, Montenegro, Estância Velha. Em Não-Me-Toque trabalhaste durante mais de 30 anos. O que mais te marcou?*

Irmã Wera: Em alguns hospitais só trabalhei por pouco tempo, para substituir Irmãs. O trabalho mais bonito foi no hospital Alto Jacuí em Não-Me-Toque. Em 1952 trabalhei ao lado de outra Irmã e, após 12 anos, tive que assumir a direção técnica no hospital. Os 40 leitos estavam quase sempre ocupados, porque, apesar de haver ainda um outro hospital na cidade, as pessoas gostavam de ser cuidadas aqui. Várias Irmãs jovens fizeram o seu estágio conosco, frequentando cursos à noite. Aqui adquiriram importantes lições práticas, que puderam usar e repassar mais tarde. Uma das Irmãs jovens foi Gerda Nied, que precisou muito destes conhecimentos quando trabalhou sozinha nas novas áreas de colonização.

RB: *O que foi especialmente difícil no teu ministério e o que foi gratificante?*

Irmã Wera: Difícil foi o meu despreparo para muitas das funções que eu tive que desempenhar. Nos pequenos hospitais, quando havia só um médico, as Irmãs também tinham que fazer anestesia e outros procedimentos que hoje só cabem a um profissional especializado. E, na ausência do médico, a Irmã tinha que “se virar”. Durante os meses em que substituí a Irmã-chefe no hospital em Sinimbu, o único médico se candidatou a vereador, o que significava muitas ausências no hospital. Dou graças a Deus que nunca aconteceu algo grave quando estive sozinha.

Gratificante foi o bom convívio na equipe da enfermagem e a confiança que os pacientes depositavam em nós. Aprendi a conviver com pessoas diferentes e a perdoar. Também me alegro por ter podido trabalhar tanto tempo em Não-Me-Toque; pois, quando o exercício da enfermagem exigia cada vez mais conhecimentos, não fui demitida. A Direção valorizou minha experiência e minhas qualidades de liderança.

RB: Irmã Wera, estás hoje integrada na Irmandade da Casa Matriz em São Leopoldo. Como pensas sobre o futuro dela?

Irmã Wera: Eu acompanho com muito interesse o desenvolvimento da Irmandade e também cargo no meu coração os problemas dos quais tenho conhecimento. Meu grande desejo é que a diaconia se desenvolva e que as comunidades despertem para ver sua importância. Também desejo que não acabe esta forma de Mutterhausdiakonie (= diaconia ligada a uma Casa Matriz), pois é tão importante que as pessoas que servem tenham um lar.

RB: O que te alegra hoje?

Irmã Wera: Alegro-me com a linda natureza e penso que devemos cuidar dela. Gosto de trabalhar no pedacinho de terra que chamo de “meu jardimzinho”.

Entrevista concedida a Irmã Ruthild Brakemeier (RB)
São Leopoldo/RS

ANEXO 4

FOTO PUBLICADA NO SITE DA REDE DE DIACONIA NA DATA DO FALECIMENTO DA IRMÃ GERDA NIED.



ANEXO 5

IRMÃ GERDA NO SEU TEMPO DE ATUAÇÃO EM RONDÔNIA INDO VISITAR AS FAMÍLIAS DE MIGRANTES. ESTA FOTO PODE SER ENCONTRADA NO SEU LIVRO: *APESAR DE TUDO ABRAÇAR A VIDA – 2017*.



ANEXO 6

DOCUMENTO PRINCÍPIOS DE VIDA DA IRMANDADE EVANGÉLICA LUTERANA
DISPONIBILIZADO PELA IRMÃ RUTHILD BRAKEMEIER, RESPONSÁVEL PELO
ARQUIVO HISTÓRICO DA CASA MATRIZ DE DIACONISAS.

PRINCÍPIOS DE VIDA da Irmandade Evangélica Luterana

Jesus Cristo diz: Permanecei no meu amor. (João 15.9)

A Irmandade da Igreja Evangélica Luterana tem como fundamento o amor incondicional e ilimitado de Jesus Cristo. A aceitação deste amor capacita para amar, sendo o ponto de partida, tanto para a tarefa diaconal, como para a comunhão da Irmandade.

Decidir fazer parte da Irmandade Evangélica Luterana é decidir fazer parte de um grupo de pessoas que compartilha interesses, um propósito de vida e, sobretudo, uma vocação e uma missão.

A força da Irmandade depende da fidelidade dos seus membros à sua vocação, bem como do comprometimento que assumem com a sua missão.

A missão da Irmandade Evangélica Luterana consiste em promover comunhão, que se caracteriza pelo apoio mútuo na vivência da espiritualidade cristã e no exercício da diaconia,

Os membros da Irmandade apoiam-se mutuamente, visando edificar uma comunhão cristã que cultiva valores éticos e morais, tais como:

- O relacionamento de confiança, baseado em sinceridade e amor.
- A aceitação mútua, que respeita cada qual com suas limitações, sua maneira de ser, pensar e expressar sua fé.
- Uma atitude de humildade que sabe colocar-se ao lado da irmã, valorizar seus dons e ajudá-la em suas necessidades.
- O empenho em cooperar nas tarefas que são de responsabilidade comum.
- A busca de contatos pessoais e grupais, para oração, meditação e troca de experiências.

Os membros da Irmandade querem dar testemunho do Evangelho de Jesus Cristo, por intermédio de ações diaconais.

Num mundo, no qual há violação da dignidade humana e desrespeito à criação de Deus, onde pessoas sofrem em virtude de uma cultura de crueldade, violência e escravidão, a Igreja é chamada a fomentar uma cultura da vida e da solidariedade, produzindo sinais concretos da presença misericordiosa e carinhosa de Deus.

A Irmandade sabe-se comprometida com esta tarefa diaconal de sua Igreja. Ela deseja ser um referencial da diaconia, tanto na Igreja, como na sociedade. Ela está consciente de que diaconia é uma maneira de agir no mundo, mas também uma maneira de ser, de falar, de amar. Ela é proclamação do Evangelho.

São Leopoldo, dezembro de 2009.